



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

«QUANDO O SOFRIMENTO SE TORNA INSUPORTÁVEL»

EXPERIÊNCIA VIVIDA DE MULHERES HOMICIDAS EM
CONTEXTO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

JOANA MARGARIDA HORTÊNSIO SILVA PEREIRA

Orientador de Dissertação:

PROF. DOUTOR VÍCTOR AMORIM RODRIGUES

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROF. DOUTOR VÍCTOR AMORIM RODRIGUES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2016

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de
Prof. Doutor Victor Amorim Rodrigues, apresentada no ISPA –
Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre
na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

Aos meus Pais, por todo o amor, esforço e dedicação, que me acompanharam durante todos os meus anos de estudante, proporcionaram toda a estabilidade para que conseguisse ter a formação académica que sempre desejei, sem eles nunca seria possível concretizar esta etapa.

Ao meu namorado, João, por todo o apoio, motivação, confiança e paciência que teve comigo nesta jornada em momentos de mais aflição e ansiedade. Por me acompanhar em mais uma fase bem-sucedida, por todos os conselhos e dicas.

Aos meus Avós e Tios, por todo amor e preocupação, que sempre me acompanharam e que sempre tiveram uma palavra carinhosa para me confortar.

Aos meus Amigos, por toda amizade, apoio, por todos os desabafos e receios ouvidos, demonstraram mais uma vez estarem comigo quando mais foi necessário.

À Direção Geral dos Serviços Prisionais, assim como, à Direção do Estabelecimento Prisional de Tires, por ter permitido a realização do presente estudo.

Em especial, à minha orientadora de estágio, Dr.^a Maria João Figueiredo, à Psicóloga Dr.^a Filipa Marques e à Dr.^a Conceição Vieira, por me terem ajudado na seleção da amostra do presente estudo, pela disponibilidade e por terem debatido várias ideias comigo, oferecendo sempre todo o apoio.

Ao Professor Doutor Vítor Amorim Rodrigues, orientador do seminário de Dissertação, por me ter acompanhado e ajudado no decorrer de toda a minha investigação.

À minha colega de seminário de Dissertação, Maria Bastos, por todo o cuidado prestado, pela troca de desabafos, conselhos e dúvidas, que me acompanhou até o dia da entrega. Obrigada por toda a motivação, do “*vamos conseguir*” e no fim verifica-se que conseguimos mesmo!

Por fim, mas não menos importante, às participantes deste estudo, pelo interesse que demonstraram e por se terem disponibilizado a participar, mesmo sendo um tema bastante delicado para elas.

O meu grande “Obrigada” a todos!

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo principal a exploração e compreensão da experiência subjetiva de sujeitos que passaram pelo fenômeno do homicídio, através do olhar dos mesmos que vivenciaram experiências de violência doméstica, ou seja, pretende-se descrever as experiências vividas de mulheres que sofreram violência doméstica e, por inúmeras razões cometeram o homicídio dos seus companheiros. A metodologia aplicada neste estudo será o método fenomenológico IPA, para que desta forma, seja possível estudar e compreender os fenômenos vividos por diferentes indivíduos e, conseqüentemente alcançar uma descrição final com os elementos essenciais e permanentes desta experiência subjetiva. A amostra é constituída por 4 participantes do sexo feminino que estão a cumprir pena de prisão no Estabelecimento Prisional de Tires, com idades compreendidas entre os 37 e 56 anos. Os resultados indicam que a experiência em estudo envolve uma diversidade de sentimentos, relacionada com os principais temas comuns às participantes, designadamente a relação com os outros (perdas significativas e deterioração da relação amorosa), as vivências de violência doméstica (ameaças, ofensas e depressão), experiência homicida (intencionalidade e abstração da realidade vivida) e, por fim a reflexão após o crime em contexto prisional (arrependimento e auto-reflexão).

Palavras-chave: Violência Doméstica. Homicídio Conjugal. Homicida. Fenomenologia. Método Fenomenológico IPA.

ABSTRACT

This study has as main objective the exploration and understanding of the subjective experience of individuals who have passed for the phenomenon of murder, through the eyes of those who lived experiences of domestic violence, that is it is intended to describe the lived experiences of women who have suffered domestic violence and, for many reasons, they performed the murder of his companions. The methodology applied in this study is the phenomenological method IPA, so this way, it is possible study and understand the phenomena experienced by different individuals and reach a final description with the essential and permanent elements of subjective experience. The sample consists of four female participants, between the ages of 37 and 56 years old, who are complying with a prison sentence in Prisoner establishment of Tires. The results show that the experience under study involves a diversity of feelings related to key themes common to the participants, in particular the relationship with the other (significant losses and deterioration of love relationships), the experiences of domestic violence (threats, offenses and depression), murderer experience (intentionality and abstraction of lived reality), and finally the reflection after the murder in prison context (regrets and self-reflection).

Keywords: Domestic violence. Spousal homicide. Homicidal. Phenomenology. Phenomenological method IPA

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I.....	3
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
Violência Doméstica	3
Tipologia do homicídio	9
Criminalidade Feminina.....	13
CAPÍTULO II	18
METODOLOGIA	18
Objetivo do Estudo.....	18
Participantes	18
Material	19
Procedimentos	19
Investigação Qualitativa.....	20
Método Fenomenológico.....	21
Método Fenomenológico IPA	23
CAPÍTULO III.....	26
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	26
CAPÍTULO IV.....	49
DISCUSSÃO.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56
ANEXOS.....	62
Anexo A- Pedido de autorização à DGRSP	63
Anexo B – Ofício da DGRSP.....	66
Anexo C – Carta de Consentimento Informado	68
Anexo D – Guião de Entrevista.....	69
Anexo E – Transcrição e Análise das Entrevistas utilizando o método fenomenológico IPA.....	70
Entrevista Participante 1.....	70

Entrevista Participante 2.....	89
Entrevista Participante 3.....	100
Entrevista Participante 4.....	110
Anexo F- Síntese dos Constituintes Essenciais dos quatro Participantes.....	130
1- Constituintes essenciais do participante P1	130
2- Constituintes essenciais do participante P2	130
3- Constituintes essenciais do participante P3	131
4- Constituintes essenciais do participante P4	131

INDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Dados Sociodemográficos dos Participantes.....	19
Tabela 2 - Constituintes essenciais das quatro participantes.....	33

*“Quando amar é sinónimo de sofrer estamos a amar demais (...)
Quando o nosso relacionamento prejudica o nosso bem-estar emocional e talvez
mesmo a nossa segurança e saúde física, estamos indiscutivelmente a amar demais.”*

Robin Norwood

INTRODUÇÃO

No âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica no ISPA – Instituto Superior de Psicologia Aplicada e enquadrado no contexto de uma investigação qualitativa e, através de uma leitura fenomenológica à luz do método IPA (Interpretative Phenomenological Analysis), o presente estudo tem como principal objetivo a descrição e compreensão da experiência subjetiva de sujeitos que passaram pelo fenómeno de homicídio, através do olhar dos mesmos, que vivenciaram experiências de violência doméstica.

No que diz respeito à pertinência do tema no âmbito académico, relaciona-se com a necessidade de desenvolver conhecimentos e aptidões para uma melhor compreensão e intervenção na área da Psicocriminologia, visto que, em Portugal o tema é bastante atual e cada vez mais preocupante, no entanto, existem vários fenómenos que não são explorados, nem podem ser analisados estatisticamente. Por um lado, a abordagem é pouco estudada relativamente à perspetiva da vítima, por essa razão, pretende-se com este tema compreender a tomada de decisão, que um indivíduo “vítima” de qualquer tipo de violência no seio conjugal, passe de vítima a agressor, ou seja, deseja-se compreender em que contexto surge a passagem ao ato. Por outro lado, vários são os estudos que incidem sobre a violência doméstica, outros sobre a caracterização dos homicidas, mas relativamente aos *homicidas conjugais*, em consequência na maioria das vezes de condutas violentas no seio familiar, não ressaltam da literatura com significância, nomeadamente quando o agressor se trata de um indivíduo do sexo feminino. Outro dado importante, que revela a conveniência desta investigação deve-se ao facto de haver escassos estudos sobre ser-se vítima de violência psicológica sem ocorrência de violência física.

Relativamente à motivação pessoal, o presente tema surgiu a partir do estágio curricular proposto pelo ISPA, no Estabelecimento Prisional de Tires. Além de já ser um tema bastante relevante que interessa ao investigador estudar, pretende-se refletir sobre o fenómeno em si e explorar as várias lacunas que possam existir em seu redor.

Sendo a violência doméstica contra as mulheres, uma problemática universal, que ocorre no espaço privado familiar, tem sido apontada como uma grande questão da saúde pública, pois demonstra trazer repercussões negativas na saúde física e mental da mulher, interferindo no seu desempenho familiar, social e profissional.

As várias formas de violência utilizadas pelos agressores, ajuda-os a manterem o poder e o controlo sobre o cônjuge ou o/a companheiro/a, pois normalmente “agredir” alguém é uma forma de coerção e controlo que uma pessoa exerce sobre a outra. Porém, na violência doméstica a agressão, como irá ser abordado, não tem apenas uma expressão física, inclui a repetição de várias ações, incluindo intimidação, ameaças, privação económica, isolamento e abuso psicológico e sexual.

Desta forma, Alhabib, Nur e Jones (2010) afirmam que apesar do aumento da proteção, tais como Leis, organizações de apoio, entre outros, para vítimas desta problemática, a violência independentemente do tipo (física, psicológica ou sexual), tem vindo a aumentar com o passar do tempo. Portanto, o autor indica que existem leis, mas estas carecem na prática de sanções e, assim, a sua implementação pode ser facilmente evitada. De acordo com alguns autores, quando a mulher é vítima de violência doméstica, são expressas dinâmicas de poder por parte do agressor, e conseqüentemente a mulher apresenta uma postura submissa e é dominada pelo companheiro (Tavares & Pereira, 2007).

Desta forma, existem dados que revelam que também há mulheres que matam os seus companheiros ou, mesmo os seus maridos. Grande parte dessas mulheres que matam os maridos pode fazê-lo em autodefesa, resultado, na maioria das vezes, de situações de violência continuada.

Sendo assim, a presente Dissertação de Mestrado começa por enquadrar, no Capítulo I, a temática da violência doméstica, revendo alguns conceitos e investigações existentes na literatura atual, bem como outros conhecimentos relativos à mesma. Pretende-se a exploração do fenómeno de homicídio e as suas componentes, incluindo a Criminalidade Feminina.

No Capítulo II é apresentada a metodologia utilizada, o objetivo do estudo, os participantes, o material e os procedimentos utilizados. O método fenomenológico IPA é o suporte da pesquisa em estudo.

No Capítulo III é exposta a apresentação e análise dos resultados das experiências do homicídio, sendo estas analisadas criteriosamente e ilustradas os constituintes essências e as variações empíricas na descrição dos quatro participantes do estudo.

Para finalizar, no Capítulo IV são discutidos os resultados por meio de um diálogo com a literatura existente e sugerem-se, também, novas possibilidades para futuras investigações, assim como, as limitações que foram sendo encontradas ao longo deste estudo.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Violência Doméstica

A violência doméstica, enquanto fenómeno ou problema social, segundo Paulino (2012), tem vindo a ganhar uma expressão significativa nas estatísticas nacionais sobre a criminalidade. Neste sentido, encontramos ao longo da literatura inúmeras definições para o conceito de violência doméstica. Já Atudorei (2011) afirma que o conceito de violência doméstica excede a violência física e sexual, transferindo várias consequências consigo, destrutivas para as relações humanas.

No que concerne ao conceito de violência, estudos sugerem que é um conceito inerentemente ligado ao conceito de homicídio, como expressão máxima de condutas violentas que conduzem à morte (Krug et al., 2002). Segundo vários autores, (Hoff, 1994; Krug et al., 2002), a violência define-se como o uso da força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade quer resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação. Na violência está sempre presente o uso de força, seja ela física, psicológica, económica, ou política, sob forma do exercício de poder sobre outrem (Alarcão, 2006; Redondo, Pimentel & Correia, 2012).

Para Redondo, Pimentel e Correia (2012), a definição de violência doméstica envolve todos os atos de violência, quer sejam públicos ou privados; reativos ou pró-ativos, isto é, quer sejam em resposta a acontecimentos como a provocação, ou com vista a um determinado fim, e criminalizados, ou não. Segundo os mesmos autores, a violência assenta em cinco dimensões: intencionalidade, poder, alvos, natureza e impacto. Do mesmo modo, Pina (2013) refere que este tipo de violência abrange tanto agressões físicas como psicológicas, e que estas existem dentro do seio de uma relação familiar/emocional.

Desta forma, a violência doméstica contra as mulheres é uma problemática universal, que ocorre no espaço privado familiar, sendo na grande maioria das vezes, infligida pelo companheiro com quem a mulher partilha a vida, responsabilidades e afeto. Tem sido mencionada como uma grande questão da saúde pública, na qual demonstra trazer repercussões

negativas na saúde física e mental da mulher, interferindo no seu desempenho familiar, social e profissional (Alhabib, Nur & Jones, 2010).

Segundo Ballonga et. al (2007), a violência doméstica é entendida como um conjunto de condutas abusivas, designadamente os maus-tratos físicos, psicológicos e sexuais, expressado por uma pessoa numa relação íntima, sendo esta uma forma de ganhar poder e autoridade. No mesmo sentido, estudos mais recentes reforçam o estudo anterior, nomeadamente Gil et al. (2014), que consideram a violência física, psicológica, sexual e financeira, como resultado de uma terminologia jurídica vigente. Estes autores vêm acrescentar que na *violência psicológica* predominam as ameaças e as condutas que têm como objetivo a humilhação, a diminuição psicológica e o isolamento, a autodeterminação e o desenvolvimento individual.

Contudo, no seio familiar, entre cônjuges pode surgir a *violência sexual*, na qual reflete em ações destinadas a obrigar alguém a manter contato sexual contra a vontade de outrem, por meio de ameaça, violência física, intimidação ou qualquer outra forma que diminua ou invalide a vontade individual. Por fim, a *violência financeira*, os autores sugerem que abrange as situações cujas condutas têm como objetivo a aquisição de um determinado benefício ilegítimo, patrimonial ou financeiro (Gil et al., 2014).

Este tipo de violência é considerado um fenómeno complexo e multidimensional (Costa, 2003; Redondo, Pimentel, & Correia, 2012) e caracteriza-se por ser um conjunto de atitudes, tais como, verbalizações, atos e omissões, que são praticados de forma bastante abusiva por um companheiro ao outro (Matos, 2001). Assim, a violência dentro do seio familiar, pode adotar diversas formas, podendo ser praticada de uma maneira mais indireta (por meio de ameaças, coacção) ou, assumir formas mais graves, como as agressões físicas, maus-tratos psicológicos ou emocionais, verbais, sexuais, chegando mesmo a situações extremas, como a ocorrência de homicídio (Krug et al., 2002; Machado, Matos & Gonçalves, 2008; Redondo, Pimentel & Correia, 2012).

Na Lei portuguesa, as diferentes formas de violência referidas anteriormente podem ainda ser enquadradas ou caracterizadas, enquanto crime, como crime de violência doméstica ou crime de maus-tratos, de acordo com os *artigos 152º e 152º – A* do Código Penal Português, dependendo da relação existente entre a vítima e o agente ofensor, ou de acordo, com o tipo de violência e/ou conduta praticada, vários outros crimes poderão estar em associação ou isolados a outros, com previsão criminal. Ou seja, temos por exemplo descrito no Código Penal –

Violência Psicológica: Ameaçar de forma grave, abandonar, agredir, castigar, institucionalizar, que se inserem no crime de ameaça/coação estando nos *artigos 153º e 154º*; *Violência Física*: Agredir (por exemplo: empurrar, puxar, agarrar, amarrar, cortar, bater, atirar objeto, etc.) inseridos em Ofensas à integridade física nos *artigos 143º e 147º*; Trancar num quarto/compartimento ou impedir o acesso a toda a casa, insere-se no *artigo 158º*- Sequestro.

No que diz respeito à violência dentro do seio familiar, igualmente no Código Penal português, outros tipos de crime poderão também tutelar, em alternativa ou em concurso, a ilicitude que a mesma configura, designadamente: i) *Homicídio Qualificado* – *artigo 132º, n.º2*, alíneas a e b; ii) *Ofensas à integridade física qualificadas* – *artigo 145º*; iii) *Ameaça* – *artigo 153º*; iv) *Coação* – *artigo 154º, n.º4*; v) *Sequestro* – *artigo 158º*; vi) *Violação* – *artigo 164º*; vii) *Crimes sexuais contra menores* – *artigo 171º a 176º*; viii) *Agravação em função da qualidade do agente* – *artigo 177º* (Redondo, Pimentel & Correia, 2012).

Ao invés do que anteriormente foi referido, sabe-se que a violência doméstica, durante muitos anos, permaneceu oculta na privacidade das famílias. Em Portugal na primeira metade do séc. XIX, era permitido por lei ao marido bater na sua mulher e, até ao final do mesmo século, o Código Penal considerava que o adultério apenas praticado pela mulher, era condição atenuante para o homicídio conjugal praticado pelo homem (Silva, 1995). Porém, este tipo de direitos dos maridos, não eram exclusivos de Portugal, também existiram e, ainda existem, leis noutros países, que traduzem numa cultura de inferioridade da mulher em relação ao marido/homem. As agressões entre o casal durante longas gerações, eram tidas como forma do marido tentar manter a ordem no lar, sendo-lhe conferida uma posição hierárquica superior no seio da família, aprovada socialmente e incentivada culturalmente. Desta forma, a sociedade considerava que estas agressões à mulher e, igualmente aos filhos, era uma forma de demonstração de preocupação e atenção por parte do marido (Silva, 1995).

É pertinente salientar, que existe uma grande transmissão desta dinâmica social de geração em geração (Matos, 2002), permitindo a continuidade deste tipo de comportamentos ao longo do tempo, que é caracterizada pelo silêncio que a acompanha, relativamente às denúncias e pela própria consciencialização existente da sua natureza criminal, na qual em Portugal a tradição patriarcal da família faz com que se constitua uma hierarquia, onde o marido/homem ocupa uma posição superior (AI, 2006) e não é atribuída a importância necessária a esta dinâmica (Matos, 2002). Nas situações de violência doméstica, normalmente o poder é considerado para o agressor, como um bem próprio que valida à sua utilização

abusiva, sendo que, a mesma é reforçada e legitimada pela auto-percepção da inexistência de sanções sobre ele próprio. Deste modo, esta impunidade aprendida vai prolongar o recurso a comportamentos de agressão, sempre que o sujeito considerar que o seu poder está a ser ameaçado provocando, conseqüentemente, uma desagregação nas relações familiares que se tornam conflituosas, desiguais e comprometem o bem-estar familiar (Gelles & Straus, 1988; Fischer, 1992).

Assim, a temática da violência doméstica encontra-se bem presente na atualidade, contudo, existem diversas dificuldades que não permitem o seu conhecimento mais profundo, entre os quais, destacam-se a proximidade destas com os agressores e o silêncio das vítimas. Adicionalmente, observa-se que o sentimento de impotência ou o próprio desconhecimento da vítima e a vergonha que estas sentem perante a situação que vivem, podem também, apresentar-se como obstáculos (Matos & Machado, 1999). Por consequência destes impedimentos, este tipo de violência tem-se mantido ao longo de diversos anos (Matos & Machado, 1999; Matos, 2002). Numa outra perspectiva, o amor é igualmente um fator analisado como explicativo para as reações das vítimas após o acontecimento de violência, sobretudo na sua manutenção na relação ou até mesmo, do impedimento da denúncia do problema (Black et. al, 2008). Diversos autores sugerem na literatura, que a violência surge como contingência ou uma consequência associada a determinadas características, dinâmicas ou processos subentendidos ao fenómeno do amor (Dias, Machado, Gonçalves & Manita, 2012).

Na perspectiva da ONU (Organização das Nações Unidas), a violência contra a mulher é definida como sendo qualquer ato de violência de género que origine, ou possa vir a originar, dano ou sofrimento para a mulher (Miranda, Paula & Bordin, 2010). Estudos revelam que a mulher continua a ser a protagonista no cenário da violência doméstica (Sani, 2008). Este fenómeno, segundo Matos (2002) pode ter origem em vários fatores, destacando-se os de natureza individual (eg. psicopatologia do agressor), relacional (eg. a violência ser passada de geração em geração), conjetural (eg. separação ou divórcio) ou sociocultural (eg. aspectos sociológicos para a igualdade de género).

Zotiis, Algeri e Portella (2006) revelam nas suas investigações que, geralmente, as mulheres vítimas desta problemática apresentam uma postura deprimida e com baixa auto-estima, sendo que, perdem muitas vezes a capacidade de protecção, quer para elas próprias, quer para os seus filhos. Os mesmos autores indicam que estas são mulheres com características de submissão e passividade, na qual apresentam comportamentos de isolamento social, não só

dos amigos e família, mas também, dos recursos da comunidade, revelando assim uma grande dependência do homem/marido/companheiro.

Nesta sequência, estudos sugerem que existem vários fatores que contribuem para este tipo de violência, assim como: o isolamento, seja ele geográfico, físico, afectivo e/ou social; a fragmentação, isto é, apesar de se considerar uma parte menor do problema, esta tem a ver com o rótulo que se confere à própria pessoa; o poder e o domínio ou a influência moral (Machado & Gonçalves, 2003). Neste sentido, existe tendências para que a violência seja baseada nas crenças e atitudes do agressor, como por exemplo em situações de stress (desemprego; problemas financeiros; gravidez indesejada), mudanças de papel (por exemplo, mudança de emprego do outro), sentimentos de frustração, problemas de toxicod dependência ou alcoolismo, vivências infantis de agressão ou de violência parental, perturbações mentais ou físicas ou perturbações de personalidade (Machado & Gonçalves, 2003).

Segundo Silva, Coelho e Caponi (2007) inicialmente, algumas situações desta problemática podem manifestar-se silenciosamente, não sendo muitas vezes percebidas pela própria vítima e sobretudo, pelo meio onde está inserida. Isto é, o agressor inicia a violência de forma silenciosa e lenta, aumentando progressivamente a sua intensidade e as consequências. É portanto, caracterizada pela privação da liberdade individual da vítima, traduzindo-se num constrangimento e humilhação contra esta. Por outro lado, é pertinente referir que, em alguns casos, a separação pode estabelecer o ponto de viragem onde a violência pode aumentar em frequência e/ou gravidade e, noutras relações, onde antes não havia nenhum indício de maus tratos, a violência pode iniciar-se após a separação (Walby & Allen, 2004).

A violência doméstica contém múltiplas formas de violência que atingem os cônjuges ou companheiros. Os tipos de violência são principalmente: a violência física, a violência psíquica, a violência sexual, como já referido anteriormente. Neste contexto, segundo Machado e Gonçalves (2003), este tipo de violência abrange formas como: **Coagir e ameaçar**, como ameaças que possam provocar lesões à pessoa que é vítima ou ameaças de abandono ou de suicídio; **Intimidar**, como por exemplo, partir ou destruir objetos/pertences pessoais do outro, atemorizar o propósito de olhares, actos e comportamentos; **Usar violência emocional** ou seja, fazer com que o outro se sinta mal consigo próprio, humilhar, insultar, fazer com que o outro se sinta mentalmente diminuído ou até mesmo culpado, o agressor utiliza a estratégia de compara-la negativamente com outras pessoas, persegui-la na rua e/ou no emprego, referir-se a tudo o que ela faça sempre de forma negativa; **isolar**, este tipo de estratégia consiste em afastar

o máximo possível de outras pessoas no intuito de a dominar melhor, na qual vai tentar controlar a vida do outro, com quem fala ou até mesmo para onde vai, usando o ciúme como justificção; **Minimizar, negar e condenar**, na qual o agressor pretende desvalorizar a violência, transferindo para o outro a responsabilidade pelo comportamento violento, culpando-o; **Instrumentalizar os filhos**, se o casal tiver filhos o agressor vai tentar usar os filhos para passar mensagens, fazendo que o outro se sentia culpado relativamente aos mesmos, ou ainda, aproveitar situações de visitas de amigos para atormentar e hostilizar; **Utilizar “privilégios machistas”** na qual é pretendido pelo agressor, tratar a mulher como criada ou tomar todas as decisões importantes sozinho, definindo claramente o papel da mulher e do homem; e, por fim, **Utilizar a violência económica** onde o agressor evita que o outro tenha ou mantenha um emprego, ou apossar-se do dinheiro do outro, fixando mesadas, impedindo que o outro conheça ou aceda ao rendimento familiar

A violência doméstica, segundo Walker (1979) tem um ciclo, onde as dinâmicas da relação do casal acontecem por fases que se sucedem com um padrão repetitivo. Sendo assim, a violência doméstica segundo o mesmo autor tem três fases: a) *Fase do Aumento da Tensão* – esta fase é caracterizada pelo acumular das tensões por parte do agressor. Este não sabe resolver estas questões sem recurso à violência e, conseqüentemente culpabiliza a mulher pelas tensões, o que origina um ambiente de grande tensão e perigo para mulher, tornando-a em vítima. O agressor acumula as tensões para depois as expulsar na vítima, aproveitando pretextos do foro familiar. Neste contexto, o agressor poderá estar sob efeito de álcool ou drogas, o que intensifica a violência; b) *Fase do Ataque Violento* – esta fase conforme o nome indica, é caracterizada pelo ataque do agressor, podendo este ser físico ou verbal, ou os dois em simultâneo, onde a vítima apenas se tenta defender, nesta situação a vítima muita das vezes pode necessitar assistência médica, na qual o agressor nem sempre permite ou facilita; c) *Fase do Apaziguamento ou da Lua-de-mel* – nesta fase, o agressor promete não voltar a ser violento e demonstra estar arrependido. Desculpa-se na esperança que a vítima lhe perdoe, apresentando motivos extrínsecos, reforçando com mudanças de atitude, este torna-se mais atencioso, podendo dar presentes e tentando seduzir novamente a mulher.

No entanto, o ciclo de violência vai dificultar as tomadas de decisão da mulher, pois se por um lado existem as fases mais dramáticas, por outro lado existe a gratificação, na fase de apaziguamento, tendo a mulher a capacidade de voltar a acreditar que o projeto de vida conjugal ainda se mantém e que é possível ser feliz novamente. Este ciclo pode sofrer alterações, como encurtar as fases do aumento de tensão e de apaziguamento, perpetua-se no tempo e,

inevitavelmente poderá aumentar o grau de violência na fase do ataque violento, podendo resultar em homicídio conjugal (Walker, 1979).

As investigações realizadas sobre a temática da violência doméstica têm permitido o aparecimento de diferentes hipóteses e teorias explicativas para este fenómeno (Sani, 2004). Deste modo, como hipótese para o ciclo de violência, indica que a ideia central é a de que “violência gera violência”, ou seja, o facto de um indivíduo estar inserido num contexto familiar violento, tem maior possibilidade de desenvolver esse padrão e apresentar comportamentos semelhantes, assim como experienciar um relacionamento conjugal agressivo e violento (Feldman, 1993, cit. por Sani, 2004). De acordo com Fonseca, Sousa e Vaz (2003), a perspetiva do ciclo de violência advém para o facto de os padrões de violência familiar se auto-sustentarem, isto é, após a ocorrência de um período de violência, ocorre um período de “lua-de-mel”, que perdura até ao momento em que sucede outra fase de violência, reiniciando-se deste modo, o ciclo de violência.

Pertinente será referir que, há dados na literatura que indicam, que um bom ambiente na infância pode ser um factor de proteção para as mulheres, isto é, se na família de origem não existiam maus tratos, dificilmente estas mulheres toleram este tipo de violência, sendo que são as que, de forma mais decisiva, procuram ajuda (Conger, Cui, Bryant, & Eder, 2000).

Tipologia do homicídio

O conceito de homicídio sempre foi considerado como, a forma mais brutal e de uma violência extrema, da interrupção da vida, é o crime que mais choca qualquer sociedade, sendo perpetrado condutas de carácter abusivo (UNODC, 2013).

O homicídio é considerado a forma mais violenta de agressão, na qual pode surgir em inúmeras formas. Os homicidas impulsivos, por exemplo, reagem ao “calor” do momento, posteriormente à situação que não lhes é favorável ou quando há uma provocação. Desta forma, a passagem ao ato, isto é, momento crítico que precede e determina o ato criminoso, é explicada pelas pressões exercidas na situação em que o homicida se encontra pouco antes do ato fatal (Cusson, Beaulieu & Cusson, 2008). Normalmente, dizia-se que o homicídio era um crime praticado por homens sobre homens (Chesnais, 1992).

Desde cedo foi imposta às sociedades organizadas a necessidade de regulamentar comportamentos e ações, através de normas de condutas, na qual originaram os atuais Códigos

Penais, onde são definidos o que se considera atos ilícitos ou criminosos e determinando a punição desses mesmos atos (Gonçalves, 2004).

Da perspectiva legislativa, o crime de homicídio está inserido no capítulo dos crimes contra a vida do Código Penal Português, tendo os artigos que lhe correspondem (Gonçalves, 2007). Sendo assim, é pertinente referenciar que o *artigo 131º* do Código Penal – *Homicídio: Quem matar outra pessoa é punido com pena de prisão de 8 a 16 anos (...)*, os meios de execução do crime de homicídio podem ser quaisquer uns, já que segundo Gonçalves (2007) a Lei não faz qualquer tipo de limitações. Ou seja, tanto comete o crime de homicídio, aquele que, desfecha com golpes mortais pelas suas próprias mãos, assim como aquele que incentiva outro a tirar a vida de outrem, como ainda aquele que instrói/elucida um animal para esse efeito.

O homicídio pode ser, ainda, levado a cabo mediante uma atuação positiva, como o uso de armas, venenos, entre outros, ou mediante omissão, que se pode traduzir na falta de alimentação, ou omissão de cuidados devidos. Podem ser utilizados meios diretos, isto é mediante atividade dirigida contra o corpo da vítima, ou meios indiretos, como a exposição de pessoas incapacitadas a condições de ambiente perigosos, a um animal perigoso (Gonçalves, 2007).

Neste sentido, Houaiss e Mauro (2003) introduzem no seu estudo o conceito de *homicídio intrafamiliar*, na qual pressupõe todo o ato humano e voluntário, resultado de condutas que origina a morte de outro ser humano, quando o comportamento da pessoa que o provoca não se encontra justificado face à ordem social vigente, praticado contra familiares, parentes ou, naqueles com relações de afinidade, ainda que de forma tentada e comprovada.

No que concerne às denominações utilizadas para crimes no seio familiar, é pertinente mencionar que alguns investigadores, sobre a violência contra mulheres e o risco de homicídios nesse contexto, utilizam a denominação *homicídio por parceiro íntimo* (Campbell, Webster & Glass, 2009; Kiss, 2009 cit. por Borges, 2011). Outros autores (Bourget, Gagné & Whitehurst, 2010; Cusson & Boisvert, 1994; Dutton, 2001; Frigon, 2003; Grana, 2001; Websdale, 1999, 2010; Wilson & Daly, 1993, cit. por Borges, 2011) interessados por esta problemática dos homicídios cometidos, no seio de relações íntimas, tanto por homens como por mulheres denominam por este ato como *homicídio conjugal*, independentemente do tipo de vínculo que une as duas partes implicadas, isto é, seja no caso do casamento, da união estável ou do namoro, e/ou estarem juntos ou separados na altura do ato. Aqui importa se estabelecem ou estabeleceram uma relação amorosa íntima, de relacionamento curto ou duradouro.

Deste modo, Borges (2011) propõe o termo *homicídio conjugal* por ser a denominação utilizada para designar o homicídio de uma pessoa, quando esse acontece dentro de uma relação de intimidade, durante a relação ou após a separação, independentemente do tipo de vínculo estabelecido entre os sujeitos. As expressões “homicídio conjugal masculino” (o homem é o ofensor do homicídio) e “homicídio conjugal feminino” (a mulher é a ofensora do homicídio) são utilizadas para estabelecer a distinção quanto ao gênero do sujeito que comete o homicídio. É relevante mencionar que a expressão “*relação de intimidade*” abrange todos os casais heterossexuais ou homossexuais.

É pertinente referir, que vários autores caracterizam a violência conjugal como um processo com uma enorme complexidade, que pode durar meses e anos, com diversas consequências e repercussões negativas a vários níveis, podendo no limite levar à morte de um dos envolvidos, ou mesmo de todos os envolvidos (Bucher-Maluschke, 2004; Alhabib, Nur & Jones, 2010).

Numa lógica de motivação, segundo um estudo efetuado por Almeida (1999), existem três tipos de homicídios mais frequentes, nomeadamente, *homicídios por altercação*, *homicídios conjugais* e *homicídios por vingança*. Investigações das várias formas de homicídio têm revelado que o *homicídio conjugal*, em particular, e os *homicídios intrafamiliares*, em geral, constituem um grupo específico de homicídios que enquadram fenómenos de criminalidade violenta, na qual devem ser investigados de forma isolada dos outros tipos de homicídios, já que se encontram associados a um fenómeno muito específico que, os autores revelam pertinente – as relações de afeto (Roberts, Zgoba & Shahidullah, 2007)

Neste sentido, segundo Almeida (1999) a tipologia do homicídio pode ser agrupada do seguinte modo: a) Relação Homicida-Vítima (familiar e extrafamiliar); b) Motivação – homicídio devido a Altercação, por furto, por lucro, por encobrimento, vingança, sexual, passional, por doença (alteração mental), infanticídio, autodefesa, possibilitar fuga, sadomasoquismo, acidental, etc.; c) Homicídio – Suicídio. Pertinente será referir, que existem muitas manifestações de violência, na qual permanece uma dimensão de violência física na sua forma extrema – o homicídio, num contexto das relações de conjugalidade.

De acordo com estas tipologias, o homicídio na família é um fenómeno complexo de gerir, não só pelos intervenientes como pela sociedade, se tivermos em consideração que a família é um espaço de proteção, refúgio, segurança e bem-estar. Contudo, não é novidade que o seio familiar é também um dos contextos situacionais onde a violência se expressa, outrora

de uma forma encoberta mas, presentemente, fruto de ações informativas e interventivas das forças criminais, das várias organizações e comissões de proteção, surgem a público cada vez mais denúncias de maus-tratos físicos e psicológicos, violações e incestos (Almeida, 1999).

Assim sendo, segundo o mesmo autor, o homicídio no seio familiar há a considerar cinco tipos de homicídio, no entanto, no presente trabalho é pertinente referir apenas um, sendo o *homicídio conjugal*. O homicídio, na violência doméstica, é na maior parte das vezes perpetrado pelo homem por razões passionais, porém quando praticado pela mulher é um *outburst*, que na sua maioria é provocado pela exaustão e levada ao extremo de humilhações, maus-tratos e violência (Pais, 1998).

Pais (1998) apresenta uma tipologia do homicídio conjugal, aliando o agressor e vítima, e utiliza uma nomenclatura relacionada com as motivações e os contextos do delito. Nesta perspetiva temos: *homicídio por Maus-tratos*: é um crime cometido principalmente por mulheres, que são maltratadas durante anos e “*in extremis*” decidem pôr fim a esta situação; *homicídio Violência-Conflito*: a mulher foi vítima mortal de maus-tratos continuados, ou seja, o crime é cometido principalmente por homens; *homicídio Abandono-Paixão*: o ofensor é o homem e a vítima é a mulher com quem não coabita, que pode ser a ex-mulher ou amante; e, por último, *homicídio Posse-Paixão*: caracteriza-se por uma relação triangular: vítima, agressor e outrem, independentemente do género e da condição do ofensor.

Neste sentido, num estudo de Oliveira e Gonçalves (2007) numa amostra de homicidas femininas a cumprir pena, a maioria (46,1%), cometeu o homicídio dos seus agressores após sofrerem ameaças e agressões continuadas durante vários anos por parte do seu parceiro íntimo, em alguns casos as vítimas tinham apresentado queixa às autoridades, porém estas não foram eficazes e não atuaram oportunamente para prevenir o crime.

Websdale (2000) refere nos seus estudos que, os homicídios conjugais são frequentemente o culminar de abusos anteriores e de violência extrema ou de ciúme exacerbado. Afirma que os motivos, como já referidos anteriormente, parecem variar de acordo com o género do ofensor. Na literatura vários estudos indicam que as mulheres que cometeram homicídios conjugais, são mais propensas a proceder pela sua segurança (Kruttschnitt & Macmillan., 2006; Websdale, 2000), sendo que são violentadas pelos seus parceiros, sentem-se impotentes e presas e, como resultado, recorrem ao homicídio a fim de terminar o relacionamento abusivo (Websdale, 2000).

Posto isto, Woodworth e Porter (2002) mencionam que a prática de homicídio encontra-se relacionada a diferentes motivações e diferentes contextos, sendo que, evidentemente existem homicídios que são grandemente calculados, enquanto outros, são evidenciados pela ausência de premeditação, ocorrendo no momento, num contexto de disputa emotiva, ou após uma resposta a uma provocação situacional.

Estudos referem que, normalmente as mulheres homicidas escolhem métodos menos físicos para cometerem o crime, como por exemplo, a utilização de veneno, selecionando maioritariamente por cometer o homicídio daqueles que lhes são mais próximos, sendo as vítimas familiares, amigos ou conhecidos. No que concerne aos homens, estes quando cometem crimes mais violentos como o homicídio, têm maior tendência para fazer uso da força física bruta, estrangulando, espancando ou esfaqueando as vítimas, que normalmente são desconhecidas (Palermo & Kocsis, 2005).

Criminalidade Feminina

Na especificidade de estudos da criminalidade de género feminino, a realidade investigativa ainda é bastante complexa. Dado relevante a referir, é que a criminologia tradicional focalizou a sua atenção na criminalidade masculina, considerando o foco na literatura como “homem criminoso” no universo dos ofensores e, negligenciou a temática da criminalidade feminina. Neste sentido, considera-se que se construíram modelos teóricos caracterizados por um viés de género, na medida em que não tiveram em consideração as especificidades inerentes às experiências das mulheres (Matos & Machado, 2012).

Comparativamente com os homens, a baixa reprodução de mulheres que cometem o crime de homicídio, faz com que existam significativamente poucos dados na literatura neste âmbito. Os poucos estudos existentes desta problemática preocuparam-se, essencialmente, em compreender as causas e fatores sociológicos e de desenvolvimento que marcaram a vida destas mulheres (Kelleher & Kelleher, 1998). Alguns destes estudos tiveram como objetivo a comparação entre os agressores masculinos e agressores femininos (Holmes & Holmes, 1998).

Diversas investigações sobre a criminalidade feminina têm em comum o princípio da irracionalidade, sendo colocada de parte qualquer hipótese de uma escolha racional pela desviância por parte do género feminino. Ao contrário dos homens, é defendido que quando as mulheres cometem atos criminais, estes não são, muitas das vezes, escolhas premeditadas,

sendo que, estas abordagens geralmente resultam num paradoxo evidente quando, por um lado, há autores que justificam o desvio na mulher com base em características biológicas e/ou psicológicas que lhe são intrínsecas, mas que, por outro lado, outros dados na literatura consideram pouco feminina a mulher que comete crimes (Matos & Machado, 2012).

Desta forma, o argumento da hétero-determinação do comportamento criminal feminino tem também sido central nos discursos convencionais sobre a mulher ofensora, a mulher que comete crimes mais graves. Considera-se, nesta perspetiva, que a mulher comete este tipo de crimes não por sua própria escolha, mas quando é forçada por outras figuras, nomeadamente masculinas, que exercem poder sobre si (Matos & Machado, 2012). Portanto, em termos de perspetivação moral sobre o crime, investigações indicam que as mulheres asseguram cometer determinados delitos, apenas por não haver outras opções possíveis (Almeda, 2003; Carlen, 1988). Neste sentido, Dugan, Nagin e Rosenfeld (1999) referem que as mulheres têm maior probabilidade de matarem os seus parceiros íntimos, após abusos prolongados e/ou quando têm receio de serem vítimas de violência mais grave e continuada exercida sobre si e, igualmente aos seus filhos, desta forma, se os mecanismos disponíveis para ajudar as mulheres a sair de uma relação abusiva forem mais eficazes, ou seja, se elas sentirem que têm mais opções do que cometerem o homicídio para terminarem a relação, irá existir uma redução do número de homens mortos neste contexto. Heidensohn (1997) refere no seu discurso que as mulheres encontraram a sua própria voz, nas perspetivas de mulheres que assassinaram os maridos, que se prostituem ou quando são membros de *gangs* violentos ou, ainda, quando se envolvem em formas graves de criminalidade.

Segundo Batchelor (2005), é pertinente referir que, quando os crimes que as mulheres cometem têm como vítima um perpetrador de abuso, o significado associado ao crime é normalmente diferente ao habitual, sendo este ligado ao significado de justiça e, por consequência ao de não arrependimento. Ou seja, existem determinadas situações que podem explicar o surgimento de crimes em particular, sendo que, do ponto de vista das mulheres, através desse tipo de atos criminais adquirem o respeito e o controlo de que foram até aí privadas (Batchelor, 2005).

No que concerne às motivações das mulheres para cometerem determinados fenómenos de crimes, que obtenham uma situação de violência, vários dados na literatura revelam que essa motivação é diferente da violência efetuada por homens, existindo uma menor probabilidade de ser motivada pelo desejo de dominar ou controlar o parceiro. Sendo assim, as motivações

mais comuns narradas pelas mulheres são a raiva, coerção e tentativas de punir um parceiro aquando um mau comportamento deste, ou comportamento inadequado, sobretudo quando existe infidelidade sexual (Strauss, 2008).

Dasgupta (1999, 2002) refere nos seus estudos, que as motivações para a violência podem ser influenciadas por elementos de stress de origem interna e externa, sobretudo de forma em autodefesa e retaliação, sendo que, a autodefesa pode variar de retaliação por lesões antecipadas e/ou ataques às reações de violência e abuso psicológico. O autor refere ainda, que mulheres que se encontram nesta situação, mencionam frequentemente, haver motivações relacionadas à retaliação e autodefesa, que procuram promover a comunicação, de forma a tentar controlar a situação abusiva, cujo objetivo é proteger outros membros da família.

As mulheres são mais suscetíveis de serem motivadas por autodefesa do que os homens (Milardo, 1998) sobretudo em casos de homicídio conjugal, embora a autodefesa apenas explique uma relativa percentagem das agressões perpetradas por mulheres (19%) (Follingstad et al., 1991, cit. por Malley-Morrison & Hines, 2001). Normalmente, é a autodefesa que determina o tipo de violência que as mulheres nas relações de intimidade sofrem, pois através do uso de força física, podem arranjar forma de escapar à situação violenta (Milardo, 1998).

Autores sugerem que o medo e controlo, sendo o controlo, a motivação mais comum para a violência conjugal, realizada por homens nas mulheres (Brinkerhoff & Lupri, 1988; Milardo, 1998; Vivian & Langhinrichsen-Rohling, 1994 cit. por Malley-Morrison & Hines, 2001), é relevante referir que esta não inclui apenas a violência física, mas envolve ameaças, abuso verbal, isolamento bem como outras estratégias. A coerção sexual é outra forma de controlo simultaneamente usada por homens e por mulheres. Num estudo é referido que 28% das mulheres admitiram utilizar esta forma de controlo, 45% das mulheres relataram ter sido vítimas de coerção sexual, 14% dos parceiros utilizaram ameaças para obrigá-las a ter relações sexuais (Swan & Snow, 2002)

Portanto, o medo não é só um fator de motivação para a violência, mas trata-se igualmente de uma consequência. Sendo que o medo motiva a violência com maior frequência em mulheres do que em homens (Milardo, 1998). No mesmo sentido um estudo realizado por Swan e Snow (2002) refere que as mulheres relatam vivenciarem o medo com maior frequência numa situação de violência comparativamente aos homens. Enquanto os homens usam o medo como um controlo, nas mulheres o medo pode dar motivação para cometerem um ato de retaliação. Isto é, quanto maior é exercida a violência do homem sobre a mulher, o medo é

percecionado pela mulher em elevada escala, e quanto maior o medo, torna-se mais provável a retaliação feminina, potencialmente resultando numa escalada de violência mútua.

Relativamente às características das mulheres violentas, estes fatores são igualmente encontrados em homens, pois dizem respeito às características do indivíduo e não associadas a fenómeno de género. No entanto, segundo Matos e Machado (2012), quando se aborda as implicações da conceção de mulher duplamente desviante, estas devem ser consideradas uma perspetiva fundamental: é socialmente menos esperado que uma mulher cometa crimes, o que poderá ter como consequência a maior punição de uma mulher que comete o mesmo tipo de crime que um homem.

As mulheres que são abusivas para com os homens, geralmente revelam as expectativas irrealistas (Matos & Machado, 2012). Segundo os mesmos autores, as mulheres que cometem atos desviantes, normalmente, experimentam episódios repetidos de depressão, ansiedade, frustração e irritabilidade, cujas causas atribuem ao comportamento do parceiro. Normalmente o estado mental e emocional da mulher é o resultado das suas próprias inseguranças, problemas emocionais, traumas vividos durante a infância ou até mesmo abuso do álcool. Por outro lado, muitas vezes culpabilizam os homens em vez de assumirem os seus próprios problemas.

Almeda (2002, 2003) indica nos seus estudos que as mulheres que cometem crimes formariam parte do grupo considerado pelos pares, de “más” e “anormais”, o autor justifica esta afirmação referindo-se à comparação com o homem delinvente, em que estas mulheres seriam duplamente perigosas visto que ao violar simultaneamente a Lei penal, estas violam as normas sociais inerentes à sua condição feminina. É pertinente referir, que o autor refere que a maternidade e a sexualidade são duas dimensões que permitem distinguir a mulher “normal” da mulher criminosa, nada maternal e exageradamente sexual.

Dos estudos que existem é mencionado que, a grande maioria dos homicidas em série sejam homens, no entanto, parecem existir números crescentes, até 15% de mulheres a cometer este tipo de ofensa (Kelleher & Kelleher, 1998; Hickey, 1997 cit. por Konvalina-Simas, 2014). As mulheres tendem também, a cometer este tipo de crime em circunstâncias diferentes dos homens, ou seja, por motivações relacionados com o lucro ou como chamada de atenção. Desta forma, Palermo (2004, cit. por Konvalina-Simas, 2014) descreve que os homicidas do sexo feminino e do sexo masculino diferem na motivação mas também nos métodos utilizados. Os homens tendem a usar força lesiva bruta, e geralmente estrangulam, esfaqueiam ou espancam as vítimas, que são normalmente desconhecidas. As mulheres tendem a utilizar veneno como

método preferencial, e assassinar indivíduos conhecidos (e.g. membros da família ou uma série de cônjuges ao longo dos anos). Há autores que defendem, ainda, que as homicidas femininas são motivadas por sentimentos destrutivos de vingança e de controle, no entanto, também são motivadas pelo lucro (Konvalina-Simas, 2014).

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

Objetivo do Estudo

O presente estudo está enquadrado no âmbito de uma investigação qualitativa que se prende na leitura à luz da fenomenologia. Esta investigação tem como objetivo principal a exploração e compreensão da experiência subjetiva de sujeitos que passaram pelo fenómeno do homicídio, através do olhar dos mesmos que vivenciaram experiências de violência doméstica, ou seja, pretende-se descrever as experiências vividas de mulheres que sofreram violência doméstica e, por inúmeras razões cometeram o homicídio dos seus companheiros.

De uma forma mais particular, pretende-se analisar de um modo fenomenológico a experiência vivenciada por mulheres adultas, com o propósito de entender a essência dos significados subjetivos associados ao fenómeno do homicídio. A pertinência do tema relaciona-se com a necessidade de desenvolver conhecimentos e aptidões para uma melhor compreensão e intervenção na área da Psicocriminologia, visto que, existem poucos dados na literatura, nomeadamente, estudos qualitativos sobre as experiências vividas em contexto de violência doméstica, quer seja violência física ou psicológica. O facto de este ser uma investigação onde se pode “ouvir” os relatos na primeira pessoa, torna ainda mais significativo a compreensão.

Participantes

A amostra é constituída por quatro participantes do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 37 e 56 anos de idade.

Os critérios de seleção dos participantes nesta amostra basearam-se na aceitação e disponibilidade dos mesmos em realizar uma entrevista presencial, mas sobretudo, se os participantes são do sexo feminino e se encontram a cumprir pena de prisão no Estabelecimento Prisional de Tires, não importando a idade, desde que sejam condenadas por homicídio (dos seus maridos/companheiros).

Os dados sociodemográficos mais relevantes das participantes do estudo encontram-se na Tabela 1, de acordo com as informações facultada pelas mesmas aquando da realização das entrevistas individuais.

Código	Idade	Nacionalidade	Crime	Detenção	Condenação
P1	56	Portuguesa	Mandatária de Homicídio	9 Anos e 4 meses	21 Anos de Prisão
P2	38	Portuguesa	Homicídio	2 Anos e 9 meses	15 Anos de Prisão
P3	40	Portuguesa	Homicídio	15 Anos e 11 meses	21 Anos de Prisão
P4	37	Brasileira	Homicídio	4 Anos	16 Anos e meio de Prisão

Tabela 1 - Dados Sociodemográficos dos Participantes

Material

A entrevista presencial foi eleita como o método escolhido, visto ser o meio principal para obtenção de uma descrição completa e detalhada da experiência vivida pelas entrevistadas, tanto como as explicitações de significado sobre o fenómeno descrito. As entrevistas efetuadas foram gravadas num Ipod em modo áudio, e transcritas na íntegra para um computador portátil.

O tratamento dos dados recolhidos na entrevista foi feito a partir do método fenomenológico IPA – Interpretative Phenomenological Analysis. Tendo em conta a finalidade do estudo, foi aplicado um Guião de Entrevista e respetiva Carta de Consentimento Informado.

Procedimentos

O facto de o entrevistador estagiar no Estabelecimento Prisional de Tires (E.P.T.) onde se encontra população feminina, facilitou o contacto com as participantes. O início do estudo foi pautado pelos pedidos de autorização para a realização do presente estudo à Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (Anexo A). Após a autorização da DGRSP por meio de um ofício (Anexo B), foi comunicado e acordado com a Direcção do E.P.T. a calendarização das entrevistas. Num primeiro contacto, as participantes foram informados pelo entrevistador, com o intuito de participar numa investigação de Mestrado sobre o fenómeno do homicídio, sendo apresentado a pertinência e objetivo do tema e, sendo garantido o carácter voluntário, confidencial e anonimato dos dados. Posteriormente foi assinado o consentimento informado (Anexo C).

Após a aceitação da realização da entrevista por parte das entrevistadas, o entrevistador agradeceu a disponibilidade das mesmas e, de seguida, foi-lhes esclarecido novamente os objetivos do estudo, efetuado um pedido de autorização para que as entrevistas pudessem ser registadas no modo áudio de um Ipod e foi reforçado que todos os seus dados pessoais seriam tratados confidencialmente. No segundo contacto com as participantes a entrevista presencial foi realizada num gabinete próprio, que é utilizado pelas Técnicas de Educação, Reinserção Social e Advogados, dos pavilhões onde as reclusas se encontram, na qual foi pedido às participantes que descrevessem a sua experiência de homicidas em linguagem corrente. A entrevista deu início com uma pergunta aberta, sendo que as questões seguintes e intervenções do investigador surgiram a partir do fluxo das descrições efetuadas pelos participantes. É importante salientar que o entrevistador dispunha de um Guião de entrevista (Anexo D), apesar de ter sido dada aos participantes a liberdade para direcionarem a entrevista.

A duração mínima das entrevistas foi de 28 minutos e a máxima de 1 hora e 16 minutos, variando, desta forma, de participante para participante e a conversação dependeu da facilidade ou resistência dos participantes em verbalizar a sua experiência.

Neste sentido, após a aplicação das entrevistas exploratórias de cariz interpretativo e das mesmas serem transcritas na íntegra, estas foram analisadas através do método fenomenológico IPA (Anexo E).

Salienta-se que todos os documentos descritos, assim como as transcrições e as respetivas análises das entrevistas, foram apresentados no Seminário de Dissertação e aprovados pelo Professor Doutor Victor Amorim Rodrigues e efetuada a validação intergrupala.

Investigação Qualitativa

Sendo que o objetivo da presente investigação é explorar a experiência subjetiva e individual do fenómeno do homicídio, a escolha efetuada de um método qualitativo de natureza fenomenológica é, na opinião do investigador, a mais indicada para esta investigação, visto que parte da descrição de experiências pessoais para alcançar a unidade de significado psicológico, implícito ou explícito, descrito no discurso dos participantes.

A investigação qualitativa representa um reconhecimento importante entre várias possibilidades existentes em estudar fenómenos que enrolam os seres humanos e as suas complexas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes. Pertinente será referir que, a

mesma não tem como objetivo enumerar e/ou medir os fenómenos em estudo, nem é utilizada nenhum instrumento estatístico na análise dos seus dados, não sendo valorizada o tamanho da amostra em detrimento da qualidade. A investigação qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contacto direto do investigador com o fenómeno em estudo, em que adota uma postura de preocupação com a descrição naturalista e/ou interpretação de fenómenos e o seu significado para as próprias pessoas que o experienciam (Langdrige, 2007).

Garnica, (1997) indica que é possível encontrar vários tipos de investigação na pesquisa qualitativa, em que estas são sustentadas em diferentes tipos de orientação teórica e metodológica, bem como: a fenomenologia, o interacionismo simbólico e o materialismo dialético. A investigação qualitativa procura, desta forma, compreender os fenómenos segundo a perspetiva dos sujeitos, ou seja, os participantes da investigação que vivenciaram o fenómeno em estudo.

Sendo assim, segundo Fraser e Gondim (2004), a entrevista na investigação qualitativa, ao dar evidência aos sujeitos que vivenciaram um fenómeno em estudo, permite adquirir uma compreensão da realidade humana que se torna acessível através dos discursos. Isto é, a forma específica de diálogo que se estabelece numa entrevista qualitativa, favorece o acesso direto ou indireto às crenças, aos valores e aos significados que determinados sujeitos atribuem a si, aos outros e ao mundo envolvente.

O resultado final de uma investigação qualitativa abrange a experiência dos participantes, a reflexão do investigador, a descrição e interpretação do problema e as propostas de intervenção em relação à literatura (Creswell, 2007).

Método Fenomenológico

O método fenomenológico caracteriza-se pela importância ao “mundo da vida” ou da “experiência vivida”. Este método possui uma abordagem que não pretende analisar só os factos observáveis, mas compreender o significado e contexto com toda a sua precisão, através da utilização de procedimentos que levam à compreensão do fenómeno através de relatos da vida social (Lavarty, 2003).

Deste modo, a fenomenologia é talvez um dos que melhor explica e estuda a experiência humana, devido à sua particularidade de se concentrar nas vivências intencionais do ser

humano, abrangendo o mundo como vivido pela pessoa e, não no mundo ou na realidade como algo separado da pessoa (Lavarty, 2003).

Segundo Giorgi e Sousa (2010), os aspetos fundamentais da abordagem fenomenológica anuem, numa primeira instância, na compreensão do fenómeno da consciência e, posteriormente, na totalidade da experiência vivida de um determinado sujeito. O papel da consciência é a principal fonte de construção do significado em relação ao fenómeno que se apresenta intuitivamente. Os mesmos autores indicam que, o fenómeno do ponto de vista fenomenológico não é o *objeto* de uma experiência, mas o *aparecer* do objeto, a *vivência intencional* em que este surge.

A psicologia fenomenológica pretende investigar a experiência vivida dos sujeitos, analisando como é que os objetos são dados diretamente à consciência e, como é que é a experiência desses fenómenos para individuo. Pretende-se compreender como é que as situações, a percepção de si mesmo, do outro, do entendimento da vida social e cultural são objetivados pelo sujeito epistémico. A análise fenomenológica centra-se na experiência imediata do sujeito e no modo como os objetos se presentificam diretamente à consciência (Giorgi & Sousa, 2010).

Sendo assim, o método fenomenológico pressupõe uma descrição detalhada do fenómeno da experiência, com o objetivo de chegar à compreensão das estruturas essenciais, na qual os atos são entendidos tal como vividos pelo sujeito. Desta forma, existem teorias e crenças que estão subjacentes a esta análise, que se tornam essenciais para uma melhor investigação. Husserl denominou *épóche* ou *redução fenomenológica* como sendo a exploração do fenómeno enquanto algo puro e livre de elementos pessoais, para facilitar a aquisição da essência do fenómeno. A *épóche* é uma atitude de suspender quaisquer pré-conceitos existente pelo investigador sobre o fenómeno investigado, como o de colocar em parênteses todo o conhecimento prévio que se tenha (de caráter social, científico ou cultural) e a *redução fenomenológica* inclui que os objetos sejam reduzidos, mas não os atos de consciência. Isto é, os objetos são reconhecidos tal e qual como se apresentam a si mesmos, são pensados como presenças e não como realidades (Giorgi & Sousa, 2010).

É, ainda, importante referir, que numa entrevista fenomenológica, a interpretação deve implicar um aprofundamento dos significados expressos, portanto, trata-se de clarificações e meios de interpretações sobre aquilo que os sujeitos expressão (Giorgi & Sousa, 2010).

Método Fenomenológico IPA

O objetivo da análise fenomenológica interpretativa (IPA) é explorar em detalhe a visão dos participantes relativamente ao tópico em investigação. Isto é, como determinado fenómeno faz sentido no seu mundo pessoal e social, que integra um significado de experiências particulares. A abordagem é fenomenológica na medida em que envolve uma análise detalhada do mundo da vida do participante, procura explorar a experiência pessoal e preocupa-se com a perceção pessoal e um indivíduo ou relato de um objeto ou acontecimento em oposição a uma tentativa de produzir uma declaração objetiva do objeto ou acontecimento em si mesmo (Smith & Osborn, 2008).

Por outras palavras, o IPA tem um menor ênfase na descrição e um maior envolvimento com a interpretação com o que é mais comum nos sujeitos, em comparação com métodos mais descritivos. Esta análise foca-se, sobretudo, como os sujeitos fazem sentido das suas vivências e na exploração das mesmas, ou seja, procura-se examinar como a experiência vivida do quotidiano de um indivíduo pode ter um particular significado (Langdrige, 2007).

Ao mesmo tempo, o IPA reconhece que o exercício de investigação é um processo dinâmico, tendo o investigador um papel ativo. Com esta análise procura-se uma aproximação do mundo pessoal do participante, uma perspetiva de “*insider*” mas tal não é possível fazer-se diretamente ou completamente. O acesso depende, e é complicado pelas próprias conceções do investigador e, obviamente são necessárias para dar sentido a esse mundo do outro, através de um processo de atividade interpretativa (Smith & Osborn, 2008).

Tal como a presente investigação, o método de recolha de informação mais comum, utilizado pelo IPA, é a entrevista, seja esta estruturada, ou semiestruturada, sendo que a amostra utilizada, é normalmente baixa. As perguntas de investigação, neste método são tradicionalmente abertas, de modo a abarcarem o necessário a uma interpretação (Smith & Osborn, 2008).

Importa referir ainda, que o IPA assume um compromisso com o sujeito, como um ser cognitivo, linguístico e afectivo, que relaciona o seu pensar da pessoa e o seu estado emocional. Perceber as conexões mencionadas, constitui um trabalho árduo, como tal, é necessário ao investigador, durante o processo de interpretação, perceber este estado emocional e interpretá-lo, caso não seja possível ao sujeito, revelá-lo. O IPA tem, deste modo, apesar dos paradigmas

filosóficos em que integra, uma ligação estreita com a psicologia cognitiva, na procura de significado e, na rejeição do paradigma behaviorista. (Smith & Osborn, 2008).

A recolha de dados do IPA prende-se com amostras de pequenas dimensões, devido à sua natureza demorada do processo analítico, amostras homogéneas e uma amostragem intencional, com objetivo de reunir informação detalhada sobre a experiência de um grupo bastante específico. Pode ser efetuado através de entrevistas semiestruturadas ou diários, ou ainda, testemunhos escritos. As entrevistas são gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra (Langdrige, 2007; Smith & Osborn, 2008).

Normalmente, uma análise qualitativa enquadra-se num processo pessoal, sendo que, a análise vai ser resultado da interpretação do investigador em fases iniciais. Como tal, para uma correta aplicação do IPA, é essencial que, o investigador releia o transcrito diversas vezes, de modo a familiarizar-se com o texto e anotar, na margem, o que considera interessante ou significativo, relativamente ao que o sujeito referiu (Langdrige, 2007; Smith & Osborn, 2008).

A preocupação do investigador centra-se em compreender e fazer sentido o Mundo do participante, na qual é gasto muito tempo na transcrição, a fim de identificar os principais temas sobre determinado acontecimento/experiência (Langdrige, 2007). O processo referido é repetido durante as várias leituras, ao longo do transcrito, sendo que, ao recomeçar a ler, a margem oposta à anteriormente utilizada, servirá para documentar os temas emergentes ao longo do texto, onde as notas iniciais são transformadas em frases, tendo como intenção, identificar o que de essencial tem o transcrito, utilizando, nesta altura uma terminologia mais psicológica (Smith & Osborn, 2008).

De seguida, operacionalizam-se as notas retiradas do texto, elaborando uma lista com as temáticas emergentes, sendo pertinente identificar as ligações comuns entre temas. Para tal, é criada uma lista, por ordem cronológica do aparecimento das temáticas no que fora transcrito. O passo seguinte consiste em agrupar estas temáticas, o que requer um pensamento analítico e teórico, propício à sua organização. Quando emerge o agrupar de temáticas, deve-se confirmar com o texto se, estas correspondem ao que é dito pelo sujeito (Langdrige, 2007; Smith & Osborn, 2008). A organização das temáticas consiste, num ordenar coerente das referidas, destacando-as com instâncias do texto, que actuam como uma palavra-chave, ao lado é colocado a página referente a essa instância, de modo a que seja identificada facilmente (Smith & Osborn, 2008).

Posteriormente, passa-se a um processo interpretativo que permite, dar preferência a algumas temáticas e reduzi-las, sendo que esta operação não é elaborada exclusivamente através dos dados obtidos, mas também, pela riqueza de determinadas passagens e a sua importância ao tema (Smith & Osborn, 2008).

Para concluir, realiza-se uma transcrição escrita das temáticas principais, exibindo o significado inerente aos sujeitos e, a sua experiência. Esta fase baseia-se na criação de um texto que envolva as temáticas analisadas e o seu importante significado, distinguindo especificamente aquilo que é dito pelo indivíduo e as prerrogativas do investigador (Langdrige, 2007; Smith & Osborn, 2008).

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados, baseados no método fenomenológico IPA, são apresentados de acordo com a análise de duas vertentes principais, sendo que a primeira é referente aos Significados Psicológicos, que agrupa a essência comum das experiências subjetivas dos quatro participantes em relação ao tema em estudo, e a segunda vertente é relacionada com a análise dos sentidos mais invariantes, que são denominados de constituintes essenciais da experiência bem como das respetivas variações empíricas.

A transcrição das entrevistas e a transformação das unidades de significado psicológico em expressão de carácter psicológico de acordo com o método fenomenológico IPA, estão descritos no Anexo D. Posteriormente à análise das entrevistas, como mencionado anteriormente, pretende-se agrupar os significados psicológicos em temas emergentes que façam surgir os constituintes essenciais dos participantes (Anexo F). Posto isto, realiza-se de seguida, uma análise detalhada dos resultados obtidos em cada participante.

Relativamente à **Participante 1**, surgem quatro constituintes essenciais, designadamente: *Relação com os Outros; Vivências de Violência Doméstica; Experiência Homicida e Reflexão após Crime.*

Dentro da *Relação com os Outros*, sobressaem 5 significados psicológicos, estes estão ligados à Incapacidade da participante viver só, referido ao longo da entrevista a necessidade de ser apoiada e valorizada, mesmo sabendo das traições do marido, pretendia continuar com o mesmo, utilizando o seu filho mais novo para manter essa mesma relação, na tentativa de não ser deixada nas viagens que fez com o seu companheiro; a Perda significativa prende-se à vivência da participante com a morte da sua mãe, sendo que demonstra existir mágoa durante o luto, devido à falta de apoio afetivo do marido e vários abortos involuntários a que foi sujeita; está presente ainda a Deterioração da relação amorosa que a participante demonstra sentir que existe um desinvestimento gradual do marido, sentindo-se cada vez mais abandonada perante a despreocupação do marido, sendo cada vez mais uma relação distante, nomeadamente havendo um desinteresse sexual. Relacionado, ainda, a este significado relaciona-se o descontentamento da participante que se encontra relacionado com os seus sentimentos negativos perante o consumo de álcool do marido; a Dualidade que está incluída a valorização dos seus feitos, como a dedicação à família e consecutiva procura de força pessoal para restabelecer a sua vida

profissional após ter sofrido o acidente (amputação de um antebraço) e, a tentativa de desvalorização da opinião pública sobre si e a desvalorização do seu fim de carreira; por fim, a Vergonha encontra-se relacionada com a crença da vergonha do olhar do outro, também a vergonha de contar as situações que passou, em tribunal.

No que concerne às *Vivências de Violência Doméstica* surgem 3 significados psicológicos, sendo que o primeiro significado psicológico é as Ofensas na qual se relaciona com as manifestações da participante ao ser alvo de insultos e ofensas do marido relativamente ao seu braço e ao seu peso, em que se perdera o interesse sexual, criando sentimentos de insegurança e desconfiança por parte da participante e, conseqüentemente, a necessidade de perseguir o companheiro; Humilhação encontra-se ligada ao sofrimento sentido pela perda do seu antebraço face aos comentários do seu marido e por todos os comentários que eram referentes a P1, sentindo-se humilhada e desvalorizada; por último, a Depressão surge relacionada com a sua auto-estima e vivências de sofrimento. Desta forma, relaciona-se com a sua gravidez complicada a nível da saúde, que resultou um aumento do seu peso, referindo ser alvo de vários comentários infelizes, diminuindo gradualmente a sua auto-estima. Por outro lado, relaciona-se com o acidente rodoviário traumático que a participante teve com o seu companheiro, na qual resultou numa amputação do seu antebraço, que P1 refere ter sido o início da deterioração da relação e consecutivas traições do seu companheiro. O sofrimento surge nas grandes dificuldades na recuperação do acidente, justificando o crime pelo sofrimento psicológico que sofreu tendo entrando em depressão após as cirurgias. Após as cirurgias, aparece na participante o desejo de passar por uma intervenção a nível psicológico sendo, no entanto, privada dessa intervenção por força do marido.

Dentro da *Experiência de Homicida*, surgem 3 significados psicológicos, que se encontra ligados à Vingança que surge pelos sentimentos de revolta que P1 sentia pelo marido, querendo assim vingar-se por toda a humilhação que sofreu; a Intencionalidade está relacionada com a vontade que P1 tinha em vingar-se do seu companheiro, querendo que este passasse pelo mesmo sofrimento, mandando terceiros baterem no seu marido; por fim, a Abstração da Realidade Vivida encontra-se relacionada com a manifestação de uma sensação de não estar em si durante o acontecimento, nomeadamente quando fez o telefonema e a imprevisão das conseqüências do ato.

Por fim, na *Reflexão após Crime*, sobressaem 3 significados psicológicos que se relacionam com o Arrependimento sendo que a participante apresenta capacidade de

autorreflexão, culpa e o desejo de alteração do acontecimento, existem mágoas relativamente a ação cometida. A culpa surge relacionada com o facto de não ter sido capaz de ter falado de todos os acontecimentos em tribunal, achando que isso mudava a sua situação jurídica e, por ter percepção da sua privação de liberdade; a Responsabilização do outro está relacionada com a manifestação de P1 em culpabilizar e responsabilizar o marido por toda a situação infeliz que passou, nomeadamente o acidente que causou a amputação do antebraço, manifestando sentimentos de raiva e de revolta contra o mesmo; e, por fim, a Auto-Reflexão que surge ao longo da entrevista, relacionada com reflexões da participante relativamente ao sentimento que era mais predominante na sua relação com o seu marido, sendo esta a paixão, na qual explica que esta será mais perigosa que o amor, comparando o seu relacionamento com o seu casamento anterior. Ainda faz uma reflexão sobre a incapacidade de se identificar com o crime cometido, nomeadamente a não identificação à classe homicida por não ter cometido o crime pelas próprias mãos, mencionando poder ser chamada de “cobarde” por não ser capaz de cometer o ato.

No que diz respeito à **Participante 2**, surgem quatro constituintes essenciais, designadamente: *Relação com os Outros; Vivências de Violência Doméstica; Experiência Homicida e Reflexão após Crime.*

Dentro da *Relação com os Outros*, sobressaem 4 significados psicológicos, estes estão ligados à Submissão que este relaciona-se com o seu casamento “arranjado” pela sua mãe e o seu companheiro, em que a participante tinha o desejo de continuar a estudar não querendo casar-se. Por outro lado, surge também por P2 encontrar-se submissa ao seu marido; a Perda significativa prende-se à vivência da participante com a morte do seu pai e do seu irmão, sendo demonstrado pela participante serem com quem mantinha ligações afetivas. Este significado relaciona-se também com os abortos que a participante sofrera, estando marcados na sua história; a Ausência de Suporte Afetivo relaciona-se com a ausência de apoio dos familiares e do marido, assim como o fraco investimento afetivo que existia na sua casa; e, está presente o Abandono que surge a crença de abandono promovida pela partida da sua mãe, quando a participante ainda era criança e encontra-se ligada ao abandono emocional onde existia uma indiferença dos familiares, estando estes presentes apenas fisicamente e ausentes emocionalmente.

Nas *Vivências de Violência Doméstica* ressaltam 6 significados psicológicos, sendo que o primeiro significado psicológico é o Abuso Sexual na qual se relaciona com o facto de a

participante ser forçada a ter relações sexuais com o marido; a Agressão que se encontra relacionada com a violência física que P2 sofria pelo marido, manifestando serem agressões repetitivas e sob o efeito do álcool; as Ofensas surgem na manifestação da participante sofrer agressões verbais e ofensas pelo marido; surge o significado de Ameaças sendo apresentado pela participante como ameaças de morte e, ainda, que poderia perder os seus filhos, que sofriam as mesmas ameaças. Portanto relaciona-se os sentimentos de medo e tentativa de fugir de casa, omissão de marcas das agressões físicas e o descontentamento da participante face à ausência de suporte dos familiares que sabiam das agressões; a Impotência que surge diversas vezes ao longo da entrevista, sendo que por um lado, ligada a dualidade entre a assistência familiar efetuada por P2 e a necessidade de suporte e apoio, embora esse apoio fosse ausente. Por outro lado, é importante salientar os sentimentos de incapacidade de P2 perante as agressões e a ausência de suporte; e, por fim, a Depressão surge dos sentimentos de sofrimento das vivências da participante à violência e, à permanência e atribuição a P2 de responsabilidades familiares, subcarga de funções ligadas assim, à ausência de apoio.

Dentro da *Experiência de Homicida*, surgem 3 significados psicológicos, que se encontra ligados à Intencionalidade que surge no planeamento e preparação para o crime, demonstrando ser na tentativa de proteção dos seus filhos; a Abstração da Realidade Vivida encontra-se relacionada com a manifestação de uma sensação de não estar em si durante o acontecimento, imprevisão das consequências do ato e na elaboração de crenças distorcidas, na qual o que descreve no ato, não corresponde ao que descreve posteriormente; e por último, a Ansiedade está relacionado com o desespero que sentiu posteriormente ao crime e ao receio de ser detida, pois omite o crime perante as autoridades.

Por fim, na *Reflexão após Crime*, sobressaem 3 significados psicológicos que se relacionam com o Arrependimento sendo que, embora a participante demonstre que não sente culpa, sendo a privação de liberdade a única consequência do homicídio, foca interesse na liberdade. O arrependimento surge apenas relacionado com a privação de estar com os filhos, tendo consciência da punição criminal; a Auto-reflexão relaciona-se com a consciência da punição criminal e com a procura de compreensão para a tomada de decisão com ato cometido, num ato de proteção dos filhos. Também faz uma breve reflexão do que é a sua experiência na prisão; e a Incapacidade de Visão de si que por um lado, surge pela incapacidade de reconhecer mudanças internas e, por outro, relaciona-se com o sofrimento e a aprendizagem negativa em meio prisional, e a autorreflexão de manifestação do sofrimento e influência externa como justificação do ato cometido.

Na **Participante 3**, surgem 4 constituintes essenciais, designadamente: *Relação com os Outros; Vivências de Violência Doméstica; Experiência Homicida e Reflexão após Crime*.

Dentro do *Relação com os Outros*, sobressaem 3 significados psicológicos, estes estão ligados ao Apoio Familiar, sendo que a participante refere ter bastante apoio emocional e financeiro por parte da família, estando rodeada de amor, apenas sentiu ausência da família quando mudou de cidade, estando num estado de maior fragilidade; o Relacionamento Instável surge aos sentimentos de instabilidade da sua relação com o marido, referindo que ao longo da relação existiu algumas separações e reconciliações. Essas reconciliações só aconteciam por influência externa; por fim, a Deterioração da relação amorosa que acontece no seu descontentamento face ao consumo de álcool do marido, levando a um sentido desinteresse pela participante, fazendo com que arranjasse um novo relacionamento. A fragilidade sentida por falta de apoio do companheiro surge durante a gravidez e após o nascimento da filha.

Dentro das *Vivências de Violência Doméstica* surgem 3 significados psicológicos, sendo que o primeiro significado psicológico encontra-se relacionado com as Ofensas que surge na manifestação de P3 ao sofrer agressões verbais/ofensas psicológicas do marido, assim como tentativas de agressões físicas não sucedidas, na qual se sentia diminuída com manifestações depressivas; o segundo é as Ameaças que estão relacionadas com as constantes ameaças que recebia do marido, estando ligados os sentimentos de medo e receio de separação da filha, levando P3 fugir com a filha; e por fim, a Depressão que se encontra relacionada com a incapacidade de conter as suas emoções relativamente ao ter de prestar assistência familiar e como consequência teve de deixar de trabalhar, provocando um aumento do seu peso e consequentemente o isolamento;

No que concerne à *Experiência de Homicida*, surgem 4 significados psicológicos, que se encontra ligados à Intencionalidade, estando esta relacionada com o planeamento e preparação para o acontecimento, levando a uma passagem ao ato, que se encontra ligado com a incapacidade de controlo dos impulsos; a Passagem ao ato prende-se com a percepção que a participante tem de incapacidade em controlar os seus impulsos nomeadamente ao ato cometido, sendo incapaz de controlar a situação por si exposta; a Abstração da Realidade Vivida encontra-se relacionada com a incapacidade de descrever, recordar totalmente o sucedido e P3 foi incapaz de previsão das consequências do acontecimento; e por último, a Influência Externa prende-se com a percepção que P3 foi induzida e pressionada por uma terceira pessoa, referindo

que teriam diferentes intenções, querendo apenas pregar um “susto” ao seu marido, para terminar com as ameaças e consecutivas perseguições.

Por fim, na *Reflexão após Crime*, sobressaem 4 significados psicológicos que se relacionam com o Arrependimento, sendo que, a participante apresenta capacidade de autorreflexão, culpa e o desejo de alteração do acontecimento, na qual utiliza vários pensamentos contrafactuais. A culpa surge também, relativamente à responsabilidade que teve em ter aparecido na vida dos sujeitos que estiveram envolvidos na sua história; a Responsabilização de terceiros está relacionada com a manifestação de P3 em responsabilizar uma terceira pessoa para o sucedido, referindo ter uma intenção diferente e tendo a consciencialização de crenças induzidas pelo mesmo; a Incapacidade de Esquecimento refere-se ao facto da participante ter a consciência que um acontecimento como o homicídio é impossível ser esquecido, nomeadamente devido à filha; por fim, a Auto-Reflexão está relacionada com a autorreflexão de P3 das aprendizagens negativas e positivas em meio prisional, referentes aos crimes aprendidos e ao crescimento pessoal ao longo dos anos de condenação.

Por fim, referentemente à **Participante 4** surgem quatro constituintes essenciais, designadamente: *Relação com os Outros; Vivências de Violência Doméstica; Experiência Homicida e Reflexão após Crime*.

Dentro da *Relação com os Outros*, sobressaem 4 significados psicológicos, estes estão ligados à Deterioração da relação amorosa que se relaciona com a degradação do relacionamento após o nascimento da filha e durante a gravidez. Estão ligados manifestações de sentimentos de dor e mágoa ao ver que a sua constituição de família não é bem-sucedida; a Perda significativa prende-se à vivência da participante com a morte do seu primeiro namorado; a Ausência de Suporte Afetivo relaciona-se com a ausência de apoio dos familiares e do marido; por último, a Incapacidade de estar só que se encontra ligada aos sentimentos de abandono fomentada após o término de uma importante relação e, sobretudo, à constituição forçosa de P4 para construir uma família, tendo procurado um relacionamento para fazer “competição” ao relacionamento anterior.

Nas *Vivências de Violência Doméstica* surgem 6 significados psicológicos, sendo que o primeiro significado psicológico é o Abuso Sexual na qual se relaciona com o facto de P4 ser forçada a ter relações sexuais com o marido, levando a sentimentos de humilhação; as Agressões que se encontram relacionado com a violência física que P4 sofria pelo marido,

especialmente quando as agressões físicas eram direcionadas para a filha e era efetuada a intervenção da participante de forma a protegê-la; as Ameaças surgem em sentimentos de receio e medo que a sua filha fosse morta pelo seu marido, estes sentimentos estão relacionados com o aparecimento de sentimentos de ódio de P4 face ao marido, sofrendo também de chantagens psicológicas. Os sentimentos de desespero levaram a P4 a algumas tentativas de fuga, tentativas essas que não foram bem-sucedidas e manifestadas por ausência de apoio e auxílio por parte das autoridades, deixando a participante sem forças; Humilhação que se encontra ligada à vergonha sentida através do olhar do outro, importando-se com o que o outro pensa sobre P4, nomeadamente, ao verem as suas marcas físicas das agressões e de P4 não ter suporte familiar. Também este significado psicológico se relaciona com a humilhação sentida quando foi pedido apoio às autoridades e esse apoio não foi sucedido; a Negligência prende-se com a consciência da sua cumplicidade de maus-tratos à filha, de forma involuntária e de influência externa, que no entanto, foram causadores de bastante sofrimento e infelicidade; por último lugar, a Impotência que surge diversas vezes estando ligados a sentimentos de incapacidade de P4 perante as agressões e a ausência de auxílio e, está relacionada com o significado psicológico anterior de negligência. Relaciona-se com os sentimentos de desespero e aflição quando o marido sequestrou a filha.

Dentro da *Experiência de Homicida*, surgem 3 significados psicológicos, que se encontram ligados à Premeditação da ação que surge na preparação para o crime, demonstrando ser preparado para a sua segurança e no sentido de proteger a filha, onde surge uma incapacidade de controlar os seus impulsos, tendo uma passagem ao ato; o Desespero relaciona-se com os sentimentos sentidos por P4 antes e após a passagem ao ato, relacionados com manifestações de “loucura” e ansiedade; por último, a Abstração da Realidade Vivida encontra-se relacionada com a manifestação de incapacidade de recordar totalmente o sucedido e imprevisão das consequências do acontecimento.

Por fim, na *Reflexão após Crime*, sobressaem 3 significados psicológicos que se relacionam com o Arrependimento que se refere ao facto de P4 apresentar arrependimento do seu comportamento, referindo sentir compaixão pelo ato, tendo o desejo de trocar com o seu marido, sentindo que lhe tirou uma segunda oportunidade; a Auto-Reflexão relaciona-se com a capacidade de pensar e de percepção sobre os acontecimentos passados, nomeadamente o pensar sobre a violência que sofreu e a negligência que cometeu perante a filha, a consciencialização de outras opções a ser efetuadas e, as emoções sentidas como o receio, mágoa e o acumular de situações, como justificação do seu ato; por último, a Alteração do

“Self” que se relaciona com a existência de diferenciação de si em meio prisional (mudanças sentidas), havendo uma alteração pessoal, nomeadamente na sua Auto-Estima.

Deste modo, após a elaboração dos constituintes essenciais de cada participante, e sendo pretendido elaborar uma **estrutura comum nos quatro participantes**, foram identificados quatro constituintes essenciais na estrutura geral de significado, assim como, é apresentada uma síntese dos significados psicológicos subjacentes aos temas principais da experiência.

Relação com os Outros	Vivências de Violência Doméstica	Experiência Homicida	Reflexão após Crime
<ul style="list-style-type: none"> · Perda Significativa · Deterioração da relação amorosa 	<ul style="list-style-type: none"> · Ameaças · Ofensas · Depressão 	<ul style="list-style-type: none"> · Abstração da Realidade vivida · Intencionalidade 	<ul style="list-style-type: none"> · Arrependimento · Auto-Reflexão

Tabela 2 - Constituintes essenciais das quatro participantes

De acordo com as quatro participantes do presente estudo, a experiência homicida, em contexto de violência doméstica envolve uma diversidade de sentimentos relativos à relação com os pares, às vivências do abuso sofrido, à experiência do próprio ato e a reflexão que fazem sobre o mesmo. Após uma análise detalhada dos significados psicológicos constituintes da ação de cada participante, permite identificar quatro momentos determinantes da experiência apresentada. Embora sejam referidos momentos distintos, todas as participantes demonstram interligações nesta experiência.

Os temas emergentes são a Relação com os outros, as Vivências de violência doméstica, Experiência Homicida e a Reflexão desse mesmo crime em contexto prisional. É de realçar que todos estes temas são identificados em todas as participantes, tendo atribuições de significados psicológicos distintos destes temas.

Sendo assim, as participantes dão importância às suas relações com os outros, referindo como era o ambiente familiar, como era os seus relacionamentos e como era prestando o apoio, dando bastante significado ao suporte emocional que recebiam ou não, dos seus familiares e

dos seus maridos. Nas vivências de violência doméstica é abordado as suas experiências na relação com os seus maridos, nas quais infligiram sofrimentos físicos, sexuais e psicológicos, assim como as suas consequências na perspectiva das participantes. A experiência homicida relaciona-se com o olhar das próprias participantes sobre os atos cometidos, como surgiu e como foram sentidos os momentos antes e após o crime. Em relação à prática do crime todas as participantes confirmam a mesma como sendo a primeira e única experiência homicida, demonstram consciencialização criminal, interiorizando e aceitando a situação jurídica, embora exista uma incapacidade de percepção das consequências. Por fim, a reflexão após o ato cometido e em contexto prisional surgem sentimentos face ao crime, como os de arrependimento, com o desejo de alteração dos acontecimentos, tendo as participantes a percepção de outras opções para resolver as situações de abuso intrafamiliar.

Desta forma, torna-se pertinente analisar os constituintes essenciais mencionados anteriormente, tendo em conta as suas respetivas variações empíricas, que serão completadas através das citações das quatro participantes do presente estudo.

Ao longo das descrições das experiências das quatro participantes neste estudo, dentro da Relação com os outros, a maioria das participantes, dão ênfase à **perda significativa**, sendo o luto por alguém querido, um processo realizado com a necessidade de apoio e suporte emocional do outro, não tendo muitas vezes sido esses sentimentos sentidos pelas participantes, ocorrendo sentimentos de solidão ou ausência de suporte. A perda significativa também pode referir a falta de alguém, fazendo com que muitas das vezes haja uma carência na relação com o outro.

A participante 1 (P1) refere que antes de engravidar pela segunda vez, já tinha tido vários abortos, desvalorizando um pouco o trauma sentido. Também se prende à vivência da participante com a morte da sua mãe, sendo que demonstra existir mágoa durante o luto, devido à falta de apoio afetivo do marido:

“Quando engravidei do _____, já tinha tido 4 abortos espontâneos, um deles tive de recorrer a Londres (...) Teria que tomar uns comprimidos e teria de ter um parto, e eu achei que aquilo era demasiado agressivo. Depois fui, com a anestesia, portanto não passei pelo trauma de ter que sentir a dor e essas coisas.”

“Antes a minha mãe tinha morrido, (...), estávamos no funeral da minha mãe e ele diz-me que vai a casa buscar o cartão multibanco da minha mãe para ver quanto dinheiro é que ela tinha no banco (...) foi...deixou-me sozinha com o _____, (...) Aquilo foi uma coisa, que ainda hoje me faz imensa confusão e me doeu.”

A participante 2 (P2) dá ênfase à perda do seu pai e de um dos irmãos, sendo que mãe de P2 deixou a família ainda P2 e os irmãos eram pequenos, ficando a viver com o seu pai. Embora demonstre dificuldade em partilhar as suas emoções, P2 refere que apenas depois do seu irmão morrer, a mãe se aproximou mais da família.

“Depois o meu pai faleceu e entretanto o meu irmão esteve preso em Coimbra, era eu que ajudava tudo (...) A minha mãe nunca foi vê-lo, a minha mãe sempre foi afastada praticamente da gente. Só à coisa de 4 anos que o meu irmão morreu por toxicoddependência, que deixou um menino, é que ela se aproximou um pouco mais da gente.”

“(...) Eu já estava tão coisa que..., depois entretanto faleceu o meu irmão que deixou um menino com 9 meses, foi um grande choque porque tinha perdido o meu pai há pouco tempo (...).”

A participante 4 (P4) manifesta ter estado de luto devido ao falecimento do seu primeiro namorado, sendo referido como um relacionamento bastante marcante.

“Na adolescência tive um relacionamento marcante que foi o meu primeiro namorado, que eu conheci e também vivi com ele 4 anos. E depois ele chegou a falecer, tive em luto e depois tive outros relacionamentos não muito importantes, porque não vivi com eles.”

Relativamente à **Deterioração da relação amorosa**, é manifestado pela maioria das participantes, como sendo a altura fulcral para a degradação/desgaste do relacionamento com os seus maridos.

A participante 1 (P1) demonstra sentir que existiu um desinvestimento gradual do marido, sentindo-se cada vez mais abandonada perante a despreocupação do marido, sendo cada vez mais uma relação distante, nomeadamente havendo um desinteresse sexual. Do mesmo modo, este significado é demonstrado pelo descontentamento da participante que se encontra relacionado com os seus sentimentos negativos perante o consumo de álcool do marido:

“...A partir daí foi mais do mesmo. Mentiras, mentiras, mentiras... Quando eu dizia «Porquê que não fazes amor comigo há tanto tempo?»; «Oh M., porque o teu braço parece um pénis! E isso faz-me confusão».”

“O _____ sempre ausente...cada vez pior...um dia chega-me a casa às 6 da manhã e de seguida um cheiro a vinho, uma coisa horrível (...) o _____ vinha com uma camisa cheia de vinho e com umas calças todas abertas que não eram dele.”

A participante 3 (P3) manifesta descontentamento face ao consumo de álcool do marido, levando a um sentido desinteresse pela participante, fazendo com que arranjasse um novo relacionamento. A degradação do relacionamento surge na sua percepção, à sua fragilidade por falta de apoio do companheiro durante a gravidez e após o nascimento da filha. Muitas das vezes as reconciliações eram feitas sob influência externa, nomeadamente pela filha ainda ser bastante pequena:

“Nós trabalhávamos os dois por turnos, então muitas vezes a gente...calhava não nos encontrarmos. A gente às vezes via-se, ou era ele a sair ou eu a entrar, só que quando eu me casei fui morar para o _____ antes de ter a minha filha e quando ele viu que eu deixei de ter apoio, começou...pronto (...)”

“Pior! Porque aí eu já estava protegida pela minha família e depois já não me atacava só a mim, atacava a minha família e eu até cheguei a fugir com a minha filha para o Brasil”.

“ (...) depois era as companhias... para já, (...) chegava às 8h da manhã, e eu quando via que ele chegava a casa e não dava uma beijo à filha, porque o normal era ele quando chegava dava um beijo à filha...eu via que quando não dava é porque vinha bêbado! (...) ele já bebia, mas pronto...aqui começou mais (...) Teve fora de casa montes de vezes (...)”

A participante 4 (P4) refere que a degradação do relacionamento surge após o nascimento da filha e durante a gravidez. Estão ligados manifestações de sentimentos de dor e mágoa ao ver que a sua constituição de família não é bem-sucedida. Anteriormente à gravidez a participante refere ser um relacionamento feliz, onde viviam um para o outro:

“O que acontece é que nós casámos, morámos juntos, queríamos ter um filho, eu pensava em ter um filho...e tive uma filha, (...) depois do nascimento da minha filha nós não ficámos mais amigos...mas nós éramos muitos amigos, unha e carne, cúmplices (...) Nós éramos mesmo como cúmplices em tudo! Só que a menininha, parece que destabilizou a nossa

saúde mental ou a nossa saúde emocional, eu não sei...nós ficamos perturbados, e ele mais ainda do que eu.”

“(...) antes da gravidez eramos super felizes, dividíamos tudo como dividíamos sempre...como ele fazia desporto e eu também era do desporto nós tínhamos muitas coisas juntos e gostávamos de tudo o que era da beleza, que era bonito, do físico e tudo o que era ligado à beleza nós estávamos juntos e...depois, eu penso que pode ser por isso, ele continuou a seguir a rotina do ginásio e essas coisas e eu já não conseguia o acompanhar, eu não sei também...”

Dentro da vivência de violência doméstica, surge na maioria das participantes três significados psicológicos, nomeadamente as Ameaças, Ofensas e Depressão.

As **Ameaças** surgem na maioria das participantes como sendo uma vivência repleta de sentimentos de medo, aparecendo como ameaças relativas aos filhos.

A Participante 2 (P2) manifesta ser ameaçada de morte e, ainda, que poderia perder os seus filhos, que sofriam as mesmas ameaças. Neste contexto P2 apresenta sentimentos de medo e tentativa de fugir de casa, omissão de marcas das agressões físicas e o descontentamento face à ausência de suporte dos familiares que sabiam das agressões.

“(...) ele já dizia ao meu compadre, ao padrinho do meu _____, que me ia matar, matava-me a mim e aos meus filhos. O meu compadre dizia «não diga isso», ele «Vai ver, eu vou para a cadeia, mas eles não ficam a rir-se de mim». E aí eu comecei a entrar ainda mais com medo, dos meus filhos, eu telefonava a toda a hora, o mais velho ficava em casa.”

“(...)nesse dia nós...ele foi à pesca com um irmão, já vinha perdido de bêbedo e disse que nos matava e eu com medo fui deixar o meu filho mais novo (...).”

“Depois eu tinha marcas, mas eu dizia que era o meu filho mais pequeno que estava na brincadeira comigo, nem com a minha comadre eu desabafava, era tudo para mim. Ficava tudo para mim, não contava nada. A mãe dele sabia tudo o que se passava.”

A participante 3 (P3) refere receber constantes ameaças do marido, estando ligadas aos sentimentos de medo e receio de separação da filha, levando P3 a fugir com a filha:

“(...) depois já não me atacava só a mim, atacava a minha família e eu até cheguei a fugir com a minha filha para o Brasil, porque no meio dos papéis do banco da venda da casa,

eu consegui com que ele assinasse um papel em que autorizava a menina a sair do país. Mas telefonava-lhe todos os dias, mesmo quando eu fugia. Ele dizia que ia pôr a polícia atrás de mim, a Interpol...que eu não poderia tirar-lhe a filha...”

“(...) E depois ele começou, começou-me ameaçar que me ia retirar a minha filha, depois a outra pessoa que estava comigo também começou a apegar há minha filha e pronto olhe, desencadeou-se daí...”

A participante 4 (P4) refere que surgem sentimentos de receio e medo que a sua filha fosse morta pelo seu marido, estes sentimentos estão relacionados com o aparecimento de sentimentos de ódio de P4 face ao marido, sofrendo também de chantagens psicológicas. Os sentimentos de desespero levaram a P4 a algumas tentativas de fuga, tentativas essas que não foram bem-sucedidas e manifestadas por ausência de apoio e auxílio por parte das autoridades, deixando a participante sem forças:

“(...) nós eramos tudo bem, que ela é que nos tinha desgraçado a nossa vida e que ia matar ela. Começou estas conversas do nada. Eu só pensava em fugir.”

“(...) Depois eu tentei, só que eu burra, pensei que tinha de levar a bomba da menina. Podia ter pensado em comprar outra, mas não, fui pegar a bomba...e coloquei no saco do lixo. (...) E ele aí vai e agarrou o saco e rasgou o lixo. Devia ter pensado que era roupa, mas era lixo. Só que a bomba da menina cai, e era a coisa mais importante que tínhamos em casa...aí ele disse que a menina só saia dali de casa morta...”

“Um dia falou que a menina ia morrer, que ia matar a menina...e houve um dia que ele levou-a e sequestrou a minha filha.”

As **Ofensas** relacionam-se com as manifestações das participantes serem alvo de insultos e ofensas dos maridos.

A participante 1 (P1) manifesta ser alvo de insultos e ofensas do marido relativamente ao seu braço e ao seu peso, em que se perdera o interesse sexual, criando sentimentos de insegurança e desconfiança por parte da participante e, conseqüentemente, a necessidade de perseguir o companheiro:

“(...) eu estava farta de ouvir que o meu braço parecia um pénis...um pénis! Que eu era a M. gorda...M. Gorda...Depois chamadas que eu ouvia do telefone, mensagens que eu via quando ele esquecia de meter código – Então a M. gorda saiu? A M. gorda tem-te chateado...”

“(...)Passaram-se meses que o _____ não me tocava, portanto ele tinha outras pessoas. Há um dia que eu resolvo segui-lo, pronto. E encontro uma coisa que eu não gosto nada. (...) Então, assisti a uma linda coisa. (...) Sabe o quê que aconteceu? Olhei e disse «Sim senhor, nunca pensei ver uma coisa destas na minha vida!» e ele - «Olha já que vieste atrás de mim estás aqui e conseguiste entrar aqui com a tua esperteza de KGB então convidou-te a despir e a entrar aqui connosco! (...) E eu olhe, não sei como aguentei aquilo, não sei...”

A participante 2 (P2) manifesta sofrer agressões verbais e ofensas pelo marido:

*“É assim, ultimamente ne’ obrigava-me a ter relações, já andava cansado ne’. Além de me obrigar a ter relações, ofendia-me...chamava-me de p***, que eu já vinha de barriga cheia dos idosos e batia-me e, até...tinha relações comigo e depois, no outro dia de manhã dizia aos filhos que já me tinha batido (...).”*

A participante 3 (P3) refere sofrer agressões verbais/ofensas psicológicas do marido:

“(...) não foram agressões físicas, mas foram agressões muito verbais, inclusive tenho um episódio que até o dia de hoje não me esqueço, (...) porque um dia me esqueci de fazer o almoço, aí começou o descabro todo. Agressões...quis-me bater, só que se me bater ia levar de volta. Telefonou há minha mãe para me ir buscar, já não me suportava. Isto se nós tivéssemos casados há 3/4 meses era muito!”

A **Depressão** surge como perturbação na qual foram experienciadas pelas participantes emoções de angústia, tristeza, frustração, abatimento, mágoa e de revolta resultantes de experiências traumáticas vividas em contexto de violência doméstica.

A participante 1 (P1) demonstra este constituinte relacionado com a sua auto-estima e vivências de sofrimento. Desta forma, relaciona-se com o acidente rodoviário traumático que a participante teve com o seu companheiro, na qual resultou numa amputação do seu antebraço. A participante dá ênfase aos sentimentos de sofrimento e revolta que ocorrem devido às grandes dificuldades sentidas na recuperação do acidente, justificando o crime pelo sofrimento psicológico que sofreu, entrando em depressão após as cirurgias. Após as cirurgias, aparece na

participante o desejo de passar por uma intervenção a nível psicológico, sendo, no entanto, privada dessa intervenção por força do marido.

“ (...) senti a determinada altura que precisava de conversar com alguém e esse alguém seria com uma psicóloga, e o _____ dizia que eu não ia gastar dinheiro com psicólogos que essa era uma classe que não existia, (...) que eu era forte e que suportava bem, suportava a perda de um braço, que não fazia mal nenhum...fazia mal era eu estar gorda.”

“ (...) fiz...pronto tive de cortar mais braço...aí é que pronto... Tive de fazer uma raspagem, a raspagem não resultou, tive de cortar mais braço...entrei em depressão. A dor era enorme, enorme... lembro-me um dia na cama, de andar nos corredores agarrar-me nas batas dos médicos e... acho que me passei, passei para o lado de lá da linha (...).”

“ (...) Porque eu comecei a ser posta de lado, a certa altura comecei a ser posta de lado e eu sentia mesmo que pronto...fiquei gorda, fiquei sem o braço, não tinha com quem desabafar.”

“A minha auto-estima bateu no chão várias vezes. E sem dizer nada a ninguém...e a engolir...percebe? E foi isso que eu sofri.”

A participante 2 (P2) apresenta sentimentos de sofrimento das suas vivências à violência e, à permanência e atribuição à participante de responsabilidades familiares, ou seja, subcarga de funções ligadas à ausência de apoio:

“ (...) porque o meu marido trabalhava nas obras, mas nunca ia buscar os filhos nem à escola, nem nada, tinha que me desenrascar sempre para deixar os meus filhos, (...) ia depois fora do meu horário de trabalho ou nas minhas folgas, (...) porque depois o irmão dele teve um acidente a jogar à bola, (...)praticamente ficou um vegetal e que, tinha de se dar a medicação, dar-lhe de comer, dar-lhe injeções, limpar as fezes, trata-lo, dar-lhe banho...era muito...estava já muito subcarregada. Comecei a ficar com uma depressão. (...). E entretanto, eu ia fazendo a medicação mas como já não tinha muito tempo, porque mal tinha tempo para dormir e comer, era trabalho-casa e ir tratar do meu cunhado durante 3 anos, a família do lado do meu marido não ajudava, era tudo eu, (...) Eu é que ia ao médico com ele, à fisioterapia, isso tudo... Depois a família, dizia que não tinham obrigação, eu é que tinha obrigação (...) A família não queria dar ajuda portanto, eu é que pagava tudo, com pouco da reforma dele, tinha de trabalhar e já não tinha tempo para nada.”

A participante 3 (P3) demonstra ser incapaz de conter as suas emoções no que diz respeito, ao ter de deixar de trabalhar, à necessidade de prestar assistência familiar, o que provoca à participante um aumento do seu peso e, conseqüentemente manifestações de comportamentos depressivos, nomeadamente de isolamento:

“Sentia-me um bocado em baixo, (...) Tentava rebaixar-me ao máximo que ele podia. Tentou que eu tive de desistir do meu trabalho, depois a mãe dele ficou doente, que tinha um cancro e eu deixei de trabalhar, deixei de estudar e olhe...como é que eu vou explicar? Apanhei uma depressão muito grande, engordei 40 kilos e enfiei-me e isolei-me dentro do quarto, não queria ver ninguém.”

No que concerne à Experiência homicida, na maioria das participantes, verifica-se dois significados psicológicos, designadamente a intencionalidade e a abstração da realidade vivida, sendo o segundo, aquele que se verifica simultaneamente nas quatro participantes, embora de modos diferentes.

A **intencionalidade** relaciona-se com o planeamento, preparação ou prevenção do ato cometido, na qual as participantes demonstram haver uma preparação ou planeamento mental para efetuar o crime.

A participante 1 (P1) refere que não teve uma preparação para o ato cometido, no entanto, demonstra a vontade de se vingar do seu companheiro, querendo que este passasse pelo mesmo sofrimento, mandando terceiros baterem no seu marido:

“Eu...naquele dia de manhã pensei... «Tens de levar uma tarefa, porque eu tenho de me vingar! Vais ficar com um braço igual ao meu», porque eu estava farta de ouvir que o meu braço parecia um pénis...um pénis! Que eu era a M. gorda...”

“ (...)Um clique que...não foi pregar a palavra quero-o ver morto e bem morto, não não foi...foi «Dêem-lhe uma tarefa se faz favor, dêem-lhe um braço igual ao meu, para ele ver o que é isso...». E o brasileiro perguntou-me assim «E se corre mal?» e eu respondi «Não quero saber...se correr mal, corre mal».

A participante 2 (P2) refere que não teve uma preparação para o ato cometido, no entanto no seu discurso verifica-se um planeamento e preparação para o crime, demonstrando ser na tentativa de proteção dos seus filhos;

“É assim, foi de um momento para o outro. Eu já tinha os comprimidos há 3 dias, mas foi assim, pronto não sei explicar foi... guardei a medicação, pensei em dar e não dei, foi naquele dia. Naquele dia é que dei (...).”

“ (...) eu com medo fui deixar o meu filho mais novo, porque o mais velho tinha a queima das fitas e ia deixa-lo na queima das fitas, (...) que me deu uma medicação que diziam que eram uns comprimidos do Brasil que lhe davam um ataque cardíaco e que ele morria. E então, ele estava perdido de bêbado, deixei a minha filha com a minha tia e deixei o meu filho com o meu irmão (...) Nesse momento, antes ele ainda me agrediu e isso tudo, fiquei marcada na perna e comecei a pensar (...) E eu nesse momento... não sei o que me passou pela cabeça, aceitei em troca os comprimidos que me deram e pus-lhe no vinho. Ele bebeu (...) ele ainda se levantou mas caiu e não sei... o que me deu, desliguei o gás, a água, a luz, tapei-o com um edredom, pus uma ligadura no atacador do sapato ao outro, e pus álcool por cima e com uns fósforos deitei fogo, fechei a casa, peguei no carro e fui-me embora.”

A participante 3 (P3) demonstra ter um planeamento e preparação para o acontecimento, levando a uma passagem ao ato, que se encontra ligado com a incapacidade de controlo dos impulsos:

“ (...) quando me passou pela cabeça, eu já não estava sozinha, tinha outra pessoa comigo, que isso ele não admitia... e ele praticamente de 10 em 10 minutos estava me a ligar, sempre com a desculpa da filha, depois a pessoa que estava comigo também começou a saturar e começou também... a influenciar-me um bocadinho que assim não podia ser, (...) que eu ia voltar para ele e que o ia deixar (...) Às vezes são 5 minutos da nossa vida que a gente desgraca o que construímos em anos... são frações de segundos que destruímos (...).”

“Depois... em conversa um com o outro, queríamos-lhe pregar um susto, para ele me deixar em paz... para ele organizar a vida dele, arranjar outra pessoa, mesmo que tivesse uma vida e olhe... Quando demos por ela, o crime já estava feito... Porque a minha intenção era uma, mas a intenção da pessoa que estava comigo era outra (...) se eu não o tivesse levado para aquele sítio aquela hora, isto não tinha acontecido.”

Relativamente à **Abstração da Realidade Vivida** prende-se com a incapacidade dos participantes descreverem o crime, manifestando uma sensação de não estarem em si,

incapacidade de recordar totalmente o sucedido e/ou imprevisão das consequências dos acontecimentos.

A participante 1 (P1) manifesta uma sensação de não estar em si durante o acontecimento, nomeadamente quando fez o telefonema e a imprevisão das consequências do ato:

“ (...) «Dêem-lhe uma tarefa se faz favor, dêem-lhe um braço igual ao meu, para ele ver o que é isso...». E o brasileiro perguntou-me assim «E se corre mal?» e eu respondi «Não quero saber...se correr mal, corre mal».”

“ (...) no fundo eu mandei bater e dei asas para se corresse mal...paciência, façam o que quiserem...eu no fundo dei-lhes cabo para (...) Antes não era eu. Depois, voltei a ser eu. Portanto a minha cabeça, antes, a minha cabeça teve um clique. Um clique muito rápido, foi um sentimento que eu tive e peço a Deus para não voltar a ter mais, porque acho que este tipo de sentimento aparece uma vez na vida.”

A participante 2 (P2) manifesta uma sensação de não estar em si durante o acontecimento, imprevisão das consequências do ato e na elaboração de crenças distorcidas, na qual o que descreve no ato, não corresponde ao que descreve posteriormente:

“E eu nesse momento...não sei o que me passou pela cabeça (...)tomei 4 comprimidos da depressão, estava assim meio avariada (...)”

“Nesse momento eu não estava em mim, tremia toda, não pensei nas consequências, nada... estava desesperada (...) E então depois o corpo...eu não cheguei a ver o corpo, tava...só sei que o meu irmão entrou lá dentro e diz que o corpo estava sentado atrás da porta da casa de banho mas não tinha queimaduras.”

A participante 3 (P3) demonstra incapacidade de descrever, recordar totalmente o sucedido e foi incapaz de prever as consequências do acontecimento:

“é um dia que eu lembro-me que trovejava muito, chovia muito...e eu estava naquela de vou ou não vou, faço ou não faço...só que depois já estava uma pressão de um lado, tinha a pressão do outro e, (...) sei que foi um dia horrível, um dia de...não sei se, não é bem medo, eu acho que era de terror que eu estava a passar, ver que as horas estavam a passar e que isto ia acontecer...e eu não estava a fazer nada para o parar (...)nem sei explicar o que senti naquele momento, foi um dia pavoroso mesmo... Eu às vezes até dizia porquê que eu naquele dia não

fui eu, em vez de ter ido ele. Não me aconteceu a mim, porquê que eu não ia numa estrada e não me passou um carro por cima? (...)”

“Na altura o meu companheiro (...) entrou dentro do carro, sacou de uma faca e atirou-se a ele e deu-lhe 16 facadas...Não sei, não me lembro, acho que depois fui...Se me perguntar onde é que foram as facadas eu não sei, nem posso dizer porque..., lembro que a primeira foi na mão porque era o que estava na minha acusação, que ele ao tentar se defender...o resto não sei, não me lembro até hoje...não consigo...aliás eu nunca consegui ler a minha acusação até ao fim.”

A participante 4 (P4) manifesta a incapacidade de recordar totalmente o sucedido e imprevisão das consequências do acontecimento em relação à sua própria segurança:

“Ele novamente «Hoje você está rindo...mas depois você vai estar chorando no funeral da _____», quando ele disse isso pela segunda vez, quando ele terminou de dizer isso eu tirei a arma daqui...eu tinha um braço com a mala, tinha um saco e atirei...assim que atirei senti assim pumm. Não vi mais nada, ouvi ele falando, mas na hora que o ouvi falando ouvi «Ai meu deus» (...) Não vi ele caindo, não vi ele morto...nada...(...) eu não fazia ideia que ele tinha morrido. E aí...eu nem sabia o que eu queria naquela hora. Até hoje eu não sei, não sei se queria que ele morresse...eu não sei. Falei com as psicólogas no hospital...eu não sei o que queria”

“ (...) isto não tem fim porque eu no meio disto tudo não sei o que aconteceu!”

“Depois aquela arma que me deram, depois a juíza (...) me falou que aquela arma era muito perigosa e, que era uma arma que estava com a munição e ela poderia dar um tiro para lá e um tiro para cá. E eu não sabia. (...) nunca tinha agarrado numa arma. E ela era modificada, não sei como eles modificam, não sei. (...) eu não tinha a percepção que tinha disparado a arma, mas ela disse que uma arma não dispara sozinha mas que com certeza eu agarrei na arma. E eu falei, eu agarrei mas...não sei.”

Por fim, no que diz respeito ao último tema emergente Reflexão após crime, verifica-se em todas as participantes dois significados psicológicos, designadamente o arrependimento e a auto-reflexão.

O **arrependimento** são sentimentos presentes em todas as participantes, uma vez que sentem que estão a fazer sofrer os seus filhos/familiares por estarem privadas de liberdade. No

entanto, este arrependimento é sentido pelas participantes de modo diferente, sobretudo quando é relacionado com sentimentos de culpa, verificando-se ausência de culpa em relação à vítima em algumas das participantes.

A participante 1 (P1) apresenta capacidade de autorreflexão, culpa e o desejo de alteração do acontecimento, existindo mágoas relativamente a ação cometida. A culpa surge relacionada com o facto de não ter sido capaz de ter falado de todos os acontecimentos em tribunal, achando que isso mudava a sua situação jurídica e, por ter percepção da sua privação de liberdade:

“ (...) lastimo...estou arrependidíssima do que aconteceu...”

“Mas eu não tinha assim tanto odio nem consigo ter tanto odio porque era pai do meu filho. E lastimo o meu filho ter ficado sem pai, tenho muita muita pena...culpabilizo-me muito por isso, havia outras maneiras.”

“Estou muito arrependida, porque realmente ele nunca me bateu, mas não é só a pancada física que dói, a psicológica também dói...mas as pessoas tendem a valorizar mais a física do que a psíquica, porque a psíquica não é mensurável, não é visível...mas no meu caso eu senti muito a psíquica. Porque foi uma psíquica seguida de uma amputação de um braço, seguida da perda da mãe, e de ouvir de um filho que ele tentou beijar e agarrar e não sei quê... isto tudo não aguenta. Muito forte fui eu!”

A participante 2 (P2) embora demonstre que não sente culpa, sendo a privação de liberdade a única consequência do homicídio, foca o seu interesse na liberdade. O arrependimento surge apenas relacionado com a privação de estar com os filhos:

“É assim, sinto-me represa pelo que fiz, porque estou aqui, não posso estar com os meus filhos, tudo o que eu amo (...), nem que tivesse o meu trabalho lá fora, eu fazia costura, eu fazia bricolage, passava ferro para fora e assim tinha oportunidade de estar com os meus filhos e depois vinha dormir à cadeia (...).”

A participante 3 (P3) apresenta capacidade de autorreflexão, sentimentos de culpa e o desejo de alteração do acontecimento, na qual utiliza vários pensamentos contrafactuais. A culpa surge também, relativamente à responsabilidade que teve em ter aparecido na vida dos sujeitos que estiveram envolvidos na sua história:

“Eu acho que são coisas, eu costumo dizer que todos temos 5 minutos de loucura, só que não nos controlamos, eu não consegui controlar. Se calhar, se foi de tanta pressão, tanta

maldade psicológica que eu tive, de tanto problema meu ao meu redor que acho que foi isso. Não consegui controlar, e arrependo-me do que fiz...”

“Se calhar estava junta com ele, não sei...uma pessoa não sabe explicar, não sabe...o tempo não vai voltar atrás...mas se eu fazia o que eu fiz? Não! Porque perdi os melhores tempos de vida, de vida da minha filha. (...) perdi a melhor altura da minha vida, dela...se calhar tínhamos chegado a um senso, se calhar ele já tinha a vida com outra pessoa e eu com outra (...). É um bocado complicado a gente falar sobre isso, porque a gente não sabe, não sabemos. (...) O que iria acontecer se eu voltasse atrás?”

A participante 4 (P4) apresenta arrependimento do seu comportamento referindo existir sentimentos de compaixão pelo ato, tendo o desejo de trocar com o seu marido, sentindo que lhe tirou uma segunda oportunidade:

“Eu não sei explicar o porquê daquele dia tive aquela reação. Porque eu nunca tive a reação de revidar... eu tinha dó dele...ainda hoje tenho dó dele. Eu não tenho vontade de...se hoje eu pudesse trocar de lugar com ele, eu trocaria! Não preferia estar presa do que morta, porque eu tenho dó, muita dó dele.”

A **Auto-Reflexão** prende-se com a capacidade das participantes pensarem sobre o seu comportamento/crime, as consequências e as suas vivências em contexto prisional.

A participante 1 (P1) refere que o sentimento que era mais predominante na sua relação com o seu marido era a paixão, a qual considera ser mais perigosa que o amor, comparando o seu relacionamento com o seu casamento anterior. Ainda faz uma reflexão sobre a incapacidade de se identificar com o crime cometido, nomeadamente a não identificação à classe homicida por não ter cometido o crime pelas próprias mãos, mencionando poder ser chamada de “cobarde” por não ser capaz de cometer o ato:

“Eu amei o _____ muito muito muito muito...e acho que ele também me amou muito muito muito. A diferença entre a minha relação com o pai do _____, que nos demos sempre bem e a relação com o _____, eu faço hoje uma comparação e acho que houve sempre paixão com o _____ e houve sempre amor com o pai do _____. E a paixão é uma coisa muito perigosa...Analiso isso hoje e tenho muita consciência de que foi isso que aconteceu. O _____ só partiu o braço, o _____ ia com excesso de velocidade no carro, o _____ ia com os pneus carecas (...)”

“ (...) porque havia varias pessoas com crimes iguais ao meu, quer dizer, mataram mesmo, não sei...nem sequer consigo conceber, pronto. (...) que quando falam em homicidas, eu digo assim, ai meu deus estou nessa classe, e não sinto isso. É complicado...não tive no ato, não vi, nem era capaz de fazer. Pode-me chamar cobarde, mas era uma coisa que eu não conseguia fazer, sou incapaz de matar uma barata...”

Participante 2 (P2) apresenta consciência da punição criminal e procura compreensão para a sua tomada de decisão com o ato cometido, num ato de proteção dos filhos. Também faz uma breve reflexão do que é a sua experiencia na prisão:

“Eu cometi um crime né’, tenho de pagar por ele, só que acho que devia haver mais oportunidades de conseguirmos ir ao exterior né’ (...) Ou então em vez de estar aqui preferia estar, nem que fosse em casa presa...Nós aqui aprendemos ainda mais a sair criminosas, mais do que entramos.”

“ (...) Sempre protegi e hei-de proteger...mas não, ainda não consigo, compreender bem além de muitos anos de sofrimento, o que foi, se foi bem, se foi influência das pessoas que me deram a medicação ou se foi da maneira como eu estava saturada da vida e com a depressão, não sei uma explicação para o que aconteceu, neste momento...”

A participante 3 (P3) demonstra haver aprendizagens negativas e positivas em meio prisional, referentes aos crimes aprendidos e ao crescimento pessoal ao longo dos anos de condenação, com esta experiência, a participante neste estudo afirma ter crescido muito:

“Se calhar eu deixei-me influenciar muito pela terceira pessoa, se calhar se eu não me tivesse deixado influenciar, porque até eu acho estranho porque eu sou daquelas pessoas que não me deixo influenciar por ninguém, (...) só que se calhar estava tão vulnerável (...).”

“ _____ hoje é uma mulher que, cresceu...não cresceu lá fora, cresceu aqui durante 16 anos...é uma mulher que sabe ser humilde, que não o era, é uma pessoa que sabe ouvir os outros. Mas que continua com o feitio dela, o que tem de dizer diz, que sabe o que quer, não tem medo de arregaçar as mangas...e que está arrependida.”

“Não queria passar por aqui... É assim aqui a gente conhece todo o tipo de pessoas. Eu às vezes digo assim...aliás eu não, a maioria das homicidas diz que, entramos aqui e normalmente ficamos a olhar e pensamos o que é que a gente tem a ver com o resto...eu às vezes costumo dizer que deveria haver um pavilhão à parte só para nós...porque nós homicidas

normalmente só entramos aqui uma vez na vida...foi um crime só daquela altura...não é para ser contínuo (...).”

“(...) há muitos crimes conosco e por exemplo, eu não sabia roubar numa loja e aqui ensinaram-me como se faz, eu não sabia o que era droga, e explicaram-me aqui...eu não sabia como era a falsificação de uma assinatura e já me disseram como a maneira mais fácil...para nós homicidas que entramos uma vez aqui dentro, a gente sai daqui aprender a fazer tudo (...) mas nós devíamos estar à parte, porque nós devíamos ter um acompanhamento psicológico diferente para encarar a vida (...).”

A participante 4 (P4) apresenta capacidade de pensar e de percepção sobre os acontecimentos passados, nomeadamente o pensar sobre a violência que sofreu e a negligência que cometeu perante a filha, a consciencialização de outras opções a ser efetuadas e, as emoções sentidas como o receio, mágoa e o acumular de situações, como justificação do seu ato:

“(...) Toda a vez que a minha filha me visita eu lembro-me dele, lembro-me da mãe dele, eu lembro que justiça eu fiz? Apesar de ter sido injustiçada também eu, tenho muita pena de ele estar morto (...).”

“(...) eu podia ter ficado pensando noutras coisas, eu podia ter feito as coisas de outras maneiras. Eu não sei se é uma mágoa, se foi receio, ou se deixei acumular aquelas coisas...eu não sei se tinha tanto medo dele, eu não sei porque foram várias coisas. (...) não era por mim, era para a minha filha...mas eu ia ficar de braços cruzados a ver ele a bater na menina?(...).”

“(...) Eu mudei imenso. Eu hoje penso mais em mim, hoje em dia penso mais em mim primeiro. (...) Eu colocava os outros em primeiro do que qualquer coisa, eu deixava de comer eu deixava ter frio para o outro ter...agora não posso ser assim. Primeiro sou eu, tenho de gostar de mim, dar valor quem eu sou e quem gostar de mim tem de ser do jeito que eu sou. Com as minhas qualidades e com os meus defeitos. Se eu não tiver ninguém, paciência...eu aprendi a gostar de mim, eu não gostava muito de mim não. (...) Ele me fez desgostar e estou a aprender a gostar.”

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

Neste capítulo é apresentada uma conclusão possível do estudo, juntamente com a apresentação das limitações e potencialidades encontradas no estudo, sugerindo também propostas para investigações futuras.

Diálogo com a literatura

Um dos constituintes essenciais, vivências de violência doméstica, é apresentado na estrutura comum das participantes como as ofensas e as ameaças, que podem ser enquadradas numa violência psicológica, sendo que, a mesma é o tipo de agressão mais frequente nos contextos de violência conjugal (SMS, 2010) e com consequências graves na saúde mental da vítima, tendo um impacto psicológico igual ou maior do que o provocado por agressões físicas (Gelles, 1997, cit. Matos, 2002; Henning & Klesges, 2003).

Ao longo desta investigação é referenciado que na violência psicológica predominam as ameaças e as condutas que têm como objetivo a humilhação, a diminuição psicológica e o isolamento, a autodeterminação e o desenvolvimento individual (Gil et al., 2014), sendo corroborado com os resultados apresentados.

Dentro do mesmo tema, a Depressão é apresentada pelas participantes como uma perturbação sentida durante a vivência conjugal, embora de modos diferentes entre elas. Zotiis, Algeri e Portella (2006) revelam nas suas investigações que, geralmente, as mulheres vítimas desta problemática apresentam uma postura deprimida e com baixa auto-estima, sendo que perdem muitas vezes a capacidade de protecção quer para elas próprias, quer para os seus filhos. Desta forma, as participantes apresentam nos seus discursos, uma certa impotência em relação aos comportamentos/situações vividas, passando por vários momentos de sofrimento psicológico, mas tendo ao mesmo tempo, incapacidade de obter outras opções para sair de uma relação abusiva. Nesta sequência, na literatura vários estudos indicam que as mulheres que cometeram homicídios conjugais são mais propensas a proceder pela sua segurança (Kruttschnitt & Macmillan., 2006; Websdale, 2000), sendo que são violentadas pelos seus parceiros, sentem-se impotentes e presas e, como resultado, recorrem ao homicídio a fim de terminar o relacionamento abusivo (Websdale, 2000). Ainda Walker (1979) refere que a baixa auto-estima é uma característica comum nas mulheres vítimas de violência conjugal. A mulher

desenvolve, como efeito das situações traumáticas, uma patologia definida por uma conjugação de baixa auto-estima, medo, depressão, culpa e, por vezes, passividade. Devido ao carácter privado do meio familiar, normalmente, a mulher não adquire atitudes de defesa, ficando no silêncio, e olhando a violência como um destino devido à dependência e ao escasso apoio social a que se submete, pois um baixo suporte social coloca a mulher num estatuto vulnerável, sendo por vezes a resposta a esta violência, a forma mais grave, como o homicídio. É pertinente referir, que três das quatro participantes abordam o consumo de álcool dos seus companheiros.

Outro constituinte também presente na experiência destas quatro participantes relaciona-se com a intencionalidade, sendo esta apresentada como planeamento, preparação ou prevenção do ato cometido, na qual as participantes demonstram haver uma preparação ou planeamento mental para efetuar o crime. Embora apareça este significado psicológico em três das quatro participantes, Woodworth e Porter (2002) mencionam que a prática de homicídio encontra-se relacionada a diferentes motivações e diferentes contextos, sendo que, evidentemente existem homicídios que são grandemente calculados, enquanto outros, são evidenciados pela ausência de premeditação, ocorrendo no momento, num contexto de disputa emotiva, ou após uma resposta a uma provocação situacional. Ao contrário do que foi mencionado as participantes deste estudo apresentam intencionalidade, querendo isto dizer, que as três participantes elaboraram previamente a ação. Porém, a participante 4, não obtém a mesma estrutura das restantes, tendo como significado psicológico a premeditação da ação, na sequência de uma prevenção da sua segurança, dando assim, uma resposta a uma provocação situacional. Considera-se, assim, nesta perspetiva que a mulher comete este tipo de crimes não por sua própria escolha, mas quando é forçada por outras figuras, nomeadamente masculinas, que exercem poder sobre si (Matos & Machado, 2012), nomeadamente onde existem situações onde existe ausência de suporte social/emocional.

Relativamente ao significado de abstração da realidade vivida, estando presente em todas as participantes, este apresenta um significado importante que deve ser mencionado. No entanto, a literatura sobre este tema encontra-se pouco desenvolvido, nomeadamente pela ausência de investigações qualitativas neste contexto. Visto que, as participantes de diferentes modos, apresentam incapacidade de descreverem o crime, manifestando uma sensação de não estarem em si, incapacidade de recordar totalmente o sucedido e/ou imprevisão das consequências dos acontecimentos, podendo demonstrar estarem focadas na defesa pessoal para termino da experiência de violência doméstica.

Após o crime, as participantes apresentam de forma comum, sentimentos de arrependimento, na qual é sentido pelas participantes de modo diferente, sobretudo quando é relacionado com sentimentos de culpa, verificando-se ausência de culpa em relação à vítima em algumas das participantes. Contrariamente aos resultados verificados, Batchelor (2005), menciona que quando os crimes que as mulheres cometem têm como vítima um perpetrador de abuso, o significado associado ao crime é normalmente diferente ao habitual, sendo este ligado ao significado de justiça e, por consequência ao de não arrependimento. As participantes revelam capacidade de autorreflexão e o desejo de alteração do acontecimento, existindo mágoas relativamente à ação cometida, nomeadamente devido à privação de estarem com os filhos ou, de estes terem ficado sem pai.

Dentro das próprias autorreflexões, as participantes apresentam consciência da punição criminal e procuram a compreensão para a sua tomada de decisão com ato cometido, maioritariamente, relacionada num ato de proteção dos filhos. Por outro lado, têm capacidade de refletir sobre as vivências em contexto prisional, mencionando aprendizagens negativas e positivas referentes aos crimes aprendidos e ao crescimento pessoal ao longo dos anos de condenação. Ainda são procuradas as “autojustificações” para as ações cometidas, tendo as participantes consciencialização de outras opções a ser efetuadas e, quais as emoções sentidas, tais como o receio, a mágoa e o acumular de situações, que podem ser possíveis razões para justificação do ato ou aparecendo apenas numa participante a justificação de vingança. Milardo (1998) refere no seu estudo, que o medo motiva a violência com maior frequência em mulheres do que em homens. No mesmo sentido, Swan e Snow (2002) refere que as mulheres relatam vivenciarem o medo com maior frequência numa situação de violência comparativamente aos homens. Enquanto os homens usam o medo como um controlo, nas mulheres o medo pode dar motivação para cometerem um ato de retaliação.

Assim sendo, esta investigação qualitativa permite a presença de novas visões, no que diz respeito a um melhor conhecimento da experiência homicida, visto que, novos significados psicológicos possam surgir. Torna-se assim, essencial efetuar mais estudos onde possam ser “ouvidos” os próprios sujeitos na primeira pessoa. Através dos resultados conclui-se que as quatro participantes, apesar de se ter encontrado uma estrutura comum, têm visões diferentes sobre as suas vivências com os seus companheiros, assim como, a maneira como lidaram com o ato cometido, tendo várias variações empíricas ao longo dos discursos das entrevistas.

Limitações do Estudo

O método escolhido para esta investigação permite que o investigador faça uma análise subjetiva da experiência individual dos participantes, sendo que as considerações finais realizadas têm como base de discussão um fenómeno, mas esta discussão não pode ser generalizada a todos os intervenientes que vivenciaram a experiência de homicídio.

Ao longo desta investigação, outra limitação encontrada é o facto dos sujeitos, para participarem nesta investigação, terem necessariamente que ter passado pela experiência de homicida. No entanto, não pode ser abrangido por todos os tipos de homicidas, visto que, se trata de um homicídio específico, sendo relacionado com um homicídio intrafamiliar, em contextos de violência doméstica. As limitações encontradas levantam questões ao investigador que podem existir outras e diferentes opiniões e posturas a explorar, relativamente à aquisição e interpretação dos dados aqui expostos. Sendo importante referir que a maior parte dos estudos sobre a violência doméstica são retrospectivos, o que levantam problemas de validade e fiabilidade da informação recolhida

É pertinente mencionar que foi feito um esforço por parte do investigador para conseguir tomar uma atitude fenomenológica perante o tratamento dos dados, no entanto, torna-se difícil que apenas um sujeito, independentemente do método usado, consiga realizar todas as possibilidades existentes acerca do fenómeno. Desta forma ficam outras possibilidades por explorar em termos longitudinais.

Potencialidades e Propostas de Intervenção

De forma a concluir este estudo, é importante referir que, o tema sobre a violência doméstica é sem dúvida, um tema bastante atual, tanto em Portugal, como no resto do mundo, visto que, a violência doméstica é um dos crimes que tem crescido nos últimos anos, nomeadamente o número de mortes que tem surgido pela prática deste crime. No entanto, este tema é, na modesta opinião do investigador, por um lado, explorado superficialmente, sendo que, a ideia que a maioria das pessoas têm é que quando existe o crime de homicídio, é o homem o agressor, não tendo o conhecimento que muitas das vezes existe o inverso e a vítima (mulher) passa a agressora, colocando o fim à violência física ou psicológica que até então sofrera. Por outro lado, como mencionado na revisão teórica, existe muitos dados na literatura de como e porquê, do surgimento da violência doméstica e do fenómeno do homicídio, havendo várias

teorias de crime, assim como tipologias, no entanto, poucos são os estudos que tentem aprofundar mais o comportamento humano, como por exemplo investigações qualitativas que procuram compreender melhor as vivências e experiências dos sujeitos que cometem atos criminosos.

Atualmente, visto haver uma grande evolução a nível de estudos científicos, ainda não existe uma abordagem integralmente correta para que sejam utilizados todos os procedimentos de análise em questões de comportamentos de atos criminais. Moulin e Villerbu (2008) numa perspectiva integrativa apresentam a importância de uma perícia psicocriminológica, diferente de uma perícia psicológica. Dessas diferenças a perícia psicocriminológica aparece numa abordagem de avaliar a Personalidade e História do Sujeito, no conjunto da infração no contexto pessoal do sujeito. Desta forma, os autores propõem que seja feita uma sequência temporal da vida do sujeito, com o objetivo de traçar uma trajetória pessoal. Ou seja, pretende-se numa perícia fazer-se a reconstituição sequencial dos acontecimentos, atos, perturbações, experiências, numa trajetória pessoal para compreender o ato cometido, isto é, a fim de entender os processos que estão subentendidos ao ato criminal.

Com esta perspectiva, é sem dúvida essencial, fazer este tipo de percurso pessoal, a mulheres que cometem o homicídio, num contexto de violência doméstica a fim de compreender na sua trajetória pessoal onde se inscreve a sua passagem ao ato, pois como já mencionado anteriormente, não é apenas a personalidade de um sujeito que conta, interessa perceber também o que leva ao sujeito desenvolver traços de personalidade, mas sobretudo, avaliar o seu percurso vivencial (Moulin & Villerbu, 2008).

Assim sendo, segundo os mesmos autores, para compreender a abordagem da ligação do ato com o autor desse próprio ato, é essencial analisar o contexto onde o ato surgiu, a relação do próprio autor do ato com a vítima, observar e arranjar um significado dinâmico no aparecimento do ato do agir (ato infracional). Este tipo de análise permite reconstruir o caminho do sujeito até cometer o ato infrator, relacionando-os com a sua vulnerabilidade (Moulin & Villerbu, 2008). Portanto, numa situação de violência doméstica, quando a mulher comete o homicídio do seu companheiro, neste tipo de análise interessa falar num contexto vivencial do sujeito, do seu ambiente e na sua relação com o mundo, mas também, na relação com o outro, de todos os momentos onde existe uma certa vulnerabilidade, que levaram à criação de possíveis situações de passagem ao ato. Tendo em conta a vulnerabilidade que estas mulheres sofrem ao longo do tempo, poderemos estar a falar de pequenos momentos, que mesmo não

tendo uma relação direta para a passagem ao ato, pode-se perceber como uma criação na vida do sujeito, uma vulnerabilidade que pode levar a uma descompensação. Ou seja, desta forma podemos compreender o enquadramento vivencial destas mulheres e o impacto dos mesmos, de forma a perceber como estas conseguem lidar com determinadas situações em que poderá criar uma dinâmica infracional (Moulin & Villerbu, 2008). A importância desta abordagem, é compreender como é que os sujeitos vão gerir a sua vulnerabilidade, como vão decidir como proceder, a situações que nos poderão levar ao extremo, como é o caso do homicídio. Por esta questão, fala-se muitas das vezes em “legítima defesa”, mas que se torna muito difícil na Lei Portuguesa provar isso, principalmente quando existe homicídio em contexto de violência doméstica.

Segundo os mesmos autores (Moulin & Villerbu, 2008), também se torna essencial o conhecimento da percepção da Culpabilidade Versus Responsabilidade que os sujeitos sentem perante um crime. À luz dessa ideia, uma vítima de violência doméstica, que acaba por colocar termo a vida do agressor, vai sentir uma culpabilidade e responsabilidade diferente à de outros sujeitos que cometeram outros tipos de crime. Na sua maioria, mantém uma culpabilidade, às vezes não pelo próprio ato, mas a culpabilidade de terem deixado famílias destruídas ou por haver outras alternativas que poderiam ter sido tomadas. A responsabilidade do ato, prende-se com o facto de estas mulheres ao serem detidas, assumem que têm de pagar pelo que fizeram, desvalorizando serem elas também vítimas. Dentro da perspectiva psicológica o reconhecimento da infração implica analisar não só as relações dos sujeitos com a Lei social, mas também com a sua lei interna, responsável pela culpabilidade do autor que pode redefinir com o relacionamento interno em relação a ele próprio e aos outros (Moulin & Villerbu, 2008). A responsabilidade jurídica remete para a personalização ou seja, o responsável do ato ou a responsabilidade do ato é como uma justificação para o momento que se cometeu a infração, dando a perceber o ser estado mental no momento dos acontecimentos (Moulin & Villerbu, 2008).

Desta forma, torna-se pertinente referir que existe uma grande diversidade de razões psíquicas/patológicas e motivações para cometer determinado crime, no entanto, as Autoridades Portuguesas ainda se encontram longe de compreender estas problemáticas, não existindo ainda uma forma eficaz de avaliar/analisar as perícias que são efetuadas numa abordagem psicocriminológica, em que estas revelam uma grande importância na compreensão da vida do sujeito, tentando compreender as suas dinâmicas e motivações e, conseqüentemente, ser possível conciliar formas de intervenção para que, indivíduos que cometam qualquer ato

criminoso, sejam na verdade reabilitados e não postos num “outro mundo”, longe da população dita normal. Até mesmo quando esta população é condenada, este tipo de perícias ajudaria na forma como a intervenção poderá ser feita em contexto prisional.

Por fim, no que toca ao método utilizado para o tratamento de dados do presente estudo, o Método Fenomenológico IPA tornou-se, ao longo desta investigação, um método muito benéfico, visto que é um método que consegue incluir os aspetos essenciais e também as variâncias que existem num determinado fenómeno. Como já referido, o objetivo da presente investigação foi a exploração da experiência subjetiva e individual do fenómeno do homicídio, a escolha efetuada de um método qualitativo de natureza fenomenológica é, na opinião do investigador, a mais indicada para esta investigação, visto que parte da descrição de experiências pessoais para alcançar a unidade de significado psicológico, implícito ou explícito, descrito no discurso dos participantes. Adicionalmente, existe também a possibilidade de prolongar o estudo em termos de análises mais profundas sobre as variâncias empíricas das experiências e os seus respetivos significados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, M. (2006). *(Des) equilíbrios familiares – Uma visão sistémica* (3ª edição). Coimbra: Quarteto.
- Alhabib, S., Nur, U., & Jones, R. (2010). Domestic violence against women: Systematic review of prevalence studies. *Journal of Family Violence*, 25(4), 369-382.
- Almeda, E. (2002). *Corregir y castigar: el ayer y hoy de las cárceles de mujeres*. Barcelona: Edicions Bellaterra.
- Almeda, E. (2003). *Mujeres encarceladas*. Barcelona: Editorial Ariel.
- Almeida, F. (1999). *Homicidas em Portugal*. Maia: Instituto Superior da Maia.
- Almeida, F. & Paulino, M. (2012). *Profiling, vitimologia & Ciências Forenses. Perspetivas atuais*. (2.ª ed.). Lisboa: Pactor.
- Amnistia Internacional (2006). *Mulheres (In) visíveis: relatório da campanha acabar com a violência sobre as mulheres*. Portugal, Amnistia internacional.
- Atudorei, I. (2011). Perspectives differences on domestic violence against women. *Bulletin of the Transilvania University of Brasov*, 53 (4), 87-92.
- Ballonga, J.; Cánovas, C.; Casanny, R.; Caso, C.; Gimeno, J.; Guillamat, A.; Juliá, M.; Mercadal, C.; Ortí, M.; Sala, M. & Valbona, E. (2007). Estudo descritivo de família com dinâmicas de violência doméstica em un contexto judicial de orden civil. *Anuário de Psicologia Jurídica*, vol.17, 9-39.
- Batchelor, S. (2005). 'Prove Me the Bam!' Victimisation and agency in the lives of young women who commit violent offences'. *Probation Journal*, 52(4).
- Black, B., Tolman, R., Callahan, M., Saunders, D., & Weisz, A. (2008). When will adolescents tell someone about dating violence victimization? *Violence Against Women*, 14, 541-558.
- Borges, L. (2011). Crime passional ou homicídio conjugal. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, Vol. 17(3), 433-444.
- Bucher-Maluschke, J. S. (2004). Vínculo, afetividade e violência: Desafios para a família e a sociedade. In J. S. Bucher-Maluschke, G. Maluschke, & K. Hermanns, *Direitos humanos e violência: Desafios da ciência e da prática*, 157-170. Fortaleza, CE: Fundação Konrad Adenauer.

- Carlen, P. (1988). *Women, crime and poverty*. Milton Keynes: Open University Press.
- Chesnais, J. L. (1992). Histoire de la violence: *L'homicide et le suicide a traves les ages*. *Revue Internationale des Sciences Sociales*, 132, 209-216.
- Conger, R. D., Cui, M., Bryant, C. M., Elder, G. H., (2000). Competence in early adult romantic relationships: A developmental perspective on family influences. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol.79, 224–237.
- Costa, J., M., B. (2003). *Sexo, Nexo e Crime*. Lisboa: Edições Colibri.
- Creswell, J. (2007). *Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches*. London: Sage Publications.
- Cusson, M., Beaulieu, N., & Cusson, F. (2008). *Os Homicídios*. In M. Le Blanc, M. Quimet & D. Szabo (Coord.) *Tratado de Criminologia Empírica*. 1ª Ed. 229-267. Lisboa: Climepsi Editores
- Dasgupta, D. S. (1999). Just like men? A critical view of violence by women. In M. F. Shepard & E. L. Pence (Eds.). *Coordinating community response to domestic violence: Lessons from Duluth and beyond*, 195-222. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Dasgupta, D. S. (2002). A framework for understanding women's use of nonlethal violence in intimate heterosexual relationships. *Violence Against Women*. Vol. 8, 1364-1389.
- Dias, A. R., Machado, C., Gonçalves, R. A., e Manita, C. (2012). Repertórios interpretativos sobre o amor e as relações de intimidade de mulheres vítimas de violência: Amar e ser amado violentamente? *Análise Psicológica*, XXX (1-2), 143-159.
- Dugan, L., Nagin, D. S., & Rosenfeld, R. (1999). Explaining the decline in intimate partner homicide: The effects of changing domesticity, women's status, and domestic violence resources. *Homicide Studies*, 3(3), 187-214
- Fischer, G. N. (1992). *A Dinâmica social: violência, poder, mudança*. Planeta Editora: Lisboa.
- Fonseca, L., Sousa, C., Vaz, J. M. (2003). *A sexologia, perspectiva multidisciplinar II*. Coimbra: Edições Quarteto.
- Fraser, M. T. D., & Gondim, S. M. G. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, 14(28), 139-152.
- Gelles, R. J., & Straus, M. A. (1988). *Intimate violence: the causes and consequences of abuse in the American family*. Touchstone: New York.

- Giorgi & Sousa. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século.
- Gonçalves, R. (2004). Agressores conjugais: Investigar, avaliar e intervir na outra face da violência conjugal. *Em Revista Portuguesa de Ciência Criminal, Vol. 14 (4)*, 541-558.
- Gonçalves, M. L. (2007). *Código Penal Português*. (18.^a Ed.). Coimbra: Livraria Almedina.
- Heidensohn, F. (1997). Gender and crime. In M. Maguire, R. Morgan, & R. Reiner (Eds.), *The Oxford handbook of criminology*, 761-796. Oxford: Clarendon Press.
- Henning, K. R., & Klesges, L. M. (2003). Impact of intimate partner violence on unmet need for mental health care. *American Journal of Public Health, 93*, 1089–1097.
- Hoff, L. A. (1994). *Violence Issues. An Interdisciplinary Curriculum guide for professionals*. Ottawa: Health Canada.
- Holmes, R. M., & Holmes, S. T. (1998). *Contemporary Perspectives on Serial Murder*. California: Sage Publications.
- Houaiss, A., & Mauro, S. (2003). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Instituto
- Kelleher, M. D., & Kelleher, C. L. (1998). *Murder Most Rare: The Female Serial Killer*. Praeger Publishers: USA
- Konvalina-Simas, T. (2014) Profiling Criminal. *Introdução à análise comportamental no contexto de Investigação*, 2^a ed., 8 cap. Lisboa: Rei dos Livros
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: Organização Mundial da Saúde.
- Kruttschintt, C. & Macmillan, R. (2006). The violent victimization of women: A life course prespective. Em Heimer, K. & Kruttschintt, C. (Ed.). *Gender and Crime: Patterns in victimization and offending* (139-163). NY and London: New Yor Press University.
- Langdridge, D. (2007). *Phenomenological psychology: Theory, research and method*. Harlow, England: Pearson Education Ltd.
- Laverty, S.M., (2003). Hermeneutic Phenomenology and Phenomenology: A Comparison of Historical and Methodological Considerations. *International Journal of Qualitative Methods, 1*, 1-29.
- Malley-Morrison, K. & Hines, D. (2001). Psychological Effects of Partner Abuse Against Men: A Neglected Research Area. *Psychology of Men & Masculinity. Vol. 2, (2)*, 75-85.

- Machado, C., & Gonçalves, R., A. (2003). *Violência e Vítimas de Crimes*. Coimbra: Quarteto.
- Machado, C., Matos, M., & Gonçalves, M. (2008). *Avaliação psicológica: instrumentos validados para a população portuguesa*. Coimbra: Edições Quarteto.
- Matos, M. & Machado, C. (1999). Violência conjugal e o modelo de intervenção em crise. *Psicologia, Investigação e Prática, vol.4, nº2*, 373-388.
- Matos, M. (2001). Retratos de violência na conjugalidade. *Revista Portuguesa de Ciência Criminal, 11*, 99-128.
- Matos, M. (2002). Violência conjugal. In C. Machado, & R. A. Gonçalves (Eds.), *Violência e vítimas de crimes. Vol. I: Adultos* (pp. 81-130). Coimbra: Quarteto.
- Matos, R. & Machado, C. (2007). Reclusão e laços sociais: discursos no feminino. *Análise Social, XLII*, 1041-1054.
- Matos, R. & Machado, C. (2012). Criminalidade feminina e construção do género: Emergência e consolidação das perspectivas feministas na criminologia. *Análise Psicológica, XXX (1-2)*, 33-47.
- Milardo, R. (1998). Gender asymmetry in common couple violence. *Personal Relationships, Vol. (5)*, 423-443.
- Miranda, M. P. M., Paula, C. S., & Bordin, I. A. (2010). Violência conjugal física contra a mulher na vida: prevalência e impacto imediato na saúde, trabalho e família. *Revista Panam Salud Publica, 27(4)*, 300-309.
- Moulin, V. & Villerbu, L-M. (2008). Examen Médico-Psychologique des Auteurs. In *Psycho-Criminologie- Clinique, prise en charge, expertise, Cap. 16*, 175-186. Paris: Dunod.
- Oliveira, M. & Gonçalves, R. (2007). Homicídio e doença mental. Portal dos psicólogos.
- Pais, E. (1998). Homicídio Conjugal em Portugal: *Rupturas Violentas da Conjugalidade*. Lisboa: Editora Hugin
- Pais, E. (1999). Tipologia do Homicídio em Portugal. In *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática, Vol.4, nº2*, 323-344
- Palermo, G. B. & Kocsis, R. N. (2005). *Offender Profiling: An introduction to the sociopsychological Analysis of Violent Crime*. EUA: Charles C. Thomas Publisher LTD.

- Paulino, M. (2012). Caracterização dos Abusadores Sexuais de Crianças. In F. Almeida & M. Paulino (Eds.), *Profiling, Vitimologia e Ciências Forenses. Perspetivas Atuais*. (pp. 361-376). Lisboa: Pactor.
- Pina, A. (2013). Quanto mais me bates, menos gosto de mim. Abordagem da Violência Doméstica em cuidados de saúde primários. *Revista Portuguesa de Medicina Geral Familiar*, 29 (4), 250-254.
- Redondo, J., Pimentel, I., & Correia, A. (2012). Uma proposta de Manual para profissionais de saúde na área da violência familiar/entre parceiros íntimos. Coimbra: Serviço de Violência Familiar – Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra.
- Roberts, A., Zgoba, K., & Shahidullah, S. (2007). Recidivism among four types of homicide offenders: An exploratory analysis of 336 homicide offenders in New Jersey. *Aggression and Violent Behavior*, 12, 493-507
- Rosas, F. K., & Cionek, M. I. G. D. (2006). O impacto da violência doméstica contra crianças e adolescentes na vida e na aprendizagem. *Conhecimento interactivo*, 2 (1), 10-15.
- Sani, A. I. (2004). Abordagens teóricas da violência interparental: compreensão do ajustamento da criança ao conflito dos pais. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 153-177.
- Sani, A. I. (2008). Mulher e mãe no contexto de violência domestica. *Ex aequo*, 18, 123-133.
- Silva, L. F. (1995). *Entre marido e mulher alguém meta a colher*. Celorico de Basto, à Bolina Editores livreiros Lda.
- Silva, L. L., Coelho, E. B. S., & Caponi, S. N. C. (2007). Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface, Comunicação, Saúde, Educação*, 11 (21), 93-103.
- Smith, J. A., & Osborn, M. (2008). Interpretative phenomenological analysis. In J. A. Smith (Ed.), *Qualitative psychology: A practical guide to research methods*, pp. 51–80. London: Sage
- SMS, S. M. (2010). *Actuación en salud mental com mujeres maltratadas por su pareja*. (S. M. Salud, Ed.) Murcia.
- Strauss, M. (2008). Why the overwhelming evidence on partner physical violence by women has not been perceived and is often denied. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, in press. <http://pubpages.unh.edu/~mas2/>.

- Swan, S., & Snow, D. (2002). A typology of women's use of violence in intimate relationships. *Violence Against Women*, Vol. (8), 286–319.
- Tavares, F. A., & Pereira, G. C. (2007). Reflexos da dor: contextualizando a situação das mulheres em situação de violência doméstica. *Revista Textos & Contextos*, 6,2, 410-424.
- United Nations Office on Drugs and Crime. (2013). *Global Homicide Book*. Viena.
- Walby, S., & Allen, P. (2004). Inter-personal violence: Findings from 2001 British Crime Survey. *Research Study* Vol. 276. London: Home Office.
- Walker, L. (1979). *The battered woman*. New York: Harper and How.
- Websdale, N. (2000). *Lethality Assessment Tools: A critical analysis*. VAWnet, A project of the National Resource Center on Domestic Violence/Pennsylvania Coalition Against Domestic Violence
- Woodworth, M., & Porter, S. (2002). In cold blood: Characteristics of criminal homicides as a function of psychopathy. *Journal of Abnormal Psychology*, 111 (3), 436-445.
- Zottis, G. A. H., Algeri, S., & Portella, V. C. C. (2006). Violência intrafamiliar contra a criança e as atribuições do profissional de enfermagem. *Família, Saúde Desenvolvimento*, Vol. 8, 2, 146-153.

ANEXOS

Anexo A- Pedido de autorização à DGRSP



Exmº Senhor Director Da Direção-Geral
de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP)

___-___-2015

A aluna Joana Margarida Hortênsio Silva Pereira está a finalizar o Mestrado em Psicologia Clínica, no Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA). O currículo do curso prevê a realização de um trabalho de investigação nas áreas e temáticas estudadas ao longo do curso.

A aluna está a estudar a experiência vivida de mulheres que sofreram de violência doméstica e, por consequência, cometeram o homicídio dos companheiros agressores. Alguns dos indivíduos selecionados serão reclusas que se encontram a cumprir pena no Estabelecimento Prisional de Tires, estabelecimento que a aluna se encontra a frequentar o estágio curricular (2015/2016).

Neste contexto, vimos solicitar que autorize a realização de entrevista ou testemunho escrito das condenadas por homicídio dos seus agressores, comprometendo-se a aluna a fornecer os dados e as conclusões da investigação, logo que esta tenha terminado.

A vossa colaboração é indispensável para este estudo pelo que agradecemos, antecipadamente, toda a atenção e disponibilidade.

Com os meus melhores cumprimentos,

Orientador de Dissertação

Projeto de Dissertação:

Tema: Experiência Vivida de Mulheres homicidas vítimas de Violência Doméstica.

Objetivo: Exploração e compreensão da experiência subjetiva de sujeitos que passaram pelo fenômeno do homicídio, através do olhar dos mesmos que vivenciaram experiências de violência doméstica, ou seja, pretende-se descrever as experiências vividas de mulheres que sofreram violência doméstica e, por inúmeras razões cometeram o homicídio dos seus companheiros.

Metodologia: Realização de Entrevista numa investigação qualitativa (gravada por áudio), que será analisada através de um Método Fenomenológico. A metodologia aplicada neste estudo será o método fenomenológico IPA, para que desta forma, seja possível estudar e compreender os fenômenos vividos por diferentes indivíduos e, conseqüentemente alcançar uma descrição final com os elementos essenciais e permanentes desta experiência subjetiva.

Características e dimensão da Amostra: Amostra é constituída por 4 ou 5 participantes do sexo feminino, que se encontram a cumprir pena no Estabelecimento Prisional de Tires, não importa a idade, desde que sejam condenadas por homicídio (dos seus maridos/companheiros).

Temas a abordar Entrevista:

- Dados Demográficos – Idade
- Breve História Familiar:
 - Composição familiar;
 - Ambiente familiar (emocional, estabilidade)
- **Diga-me, quem fazia parte do agregado familiar em sua casa?**
- **Como era o ambiente em casa?**
 - Pares (Relação amorosa – como se conheceram) – outros relacionamentos;
- **Como conheceu o seu marido/companheiro?**
- **Teve outros relacionamentos?**
 - Experiências e memórias relevantes.
 - Quando sofreu o primeiro abuso físico/verbal do companheiro
 - Quantos anos esteve casada/junta com o companheiro agressor
 - Pensou colocar termo à vida
- **Quanto tempo esteve junta/casada com o seu companheiro?**
- **Lembra-se do primeiro abuso físico/verbal/psicológico? Conte-me o que aconteceu. /Alguma vez sofreu abuso físico/psicológico ou verbal por parte do seu companheiro?**
- **O que pensou em fazer? (Pedi ajuda?; outra solução que pensou)**

- Experiência homicida – como se sentiu depois de cometer o crime (Qual a sensação)
- **Diga-me o que aconteceu para cometer este crime? Fale-me um pouco da sua Experiência.**
- **Depois de ter cometido o crime, como se sentiu?**
 - Mudança de ser-estar no mundo
 - Como é estar numa prisão, mudanças que visualiza.
 - Como se vê de vítima para agressora
- **Há quanto tempo está presa?**
- **Como foi para si, ter vindo presa por ter morto o seu companheiro?**
- **Que mudança vê em si?**

O guião iniciar-se-á com o tópico dos dados demográficos. Este tópico irá permitir a recolha de informações demográficas/biográficas que, permitem perceber a situação atual em que as participantes se encontram, nomeadamente para saber a idade. Deste modo, este tópico permite também iniciar a entrevista de forma mais descontraída e colocar as participantes com à-vontade, sem se sentirem pressionadas. O tópico que se segue, história familiar, permite perceber o meio familiar das participantes, ou seja, se é saudável, ou não, e quantos elementos fazem parte da família. O tópico seguinte, Pares, quer a compreensão de como era o seu meio social, como era a sua relação com os pares, antes e depois, do casamento ou quando se juntou na mesma casa com o companheiro. É essencial compreender se houve alguma mudança no comportamento social. O tópico, Experiências e memórias relevantes, é onde pretendo que as participantes contem as suas memórias e Experiências vividas, antes de cometerem o homicídio dos seus companheiros, quanto tempo estiveram juntos, compreender os seus estados emocionais, sobretudo, o que as levou a cometerem esse homicídio, se queriam fazer as coisas de outra maneira, se tentaram pedir ajuda, o que aconteceu para passar de vítima para agressora, etc. Os últimos dois tópicos, o de Perspetivas do Futuro e Mudança de ser-estar no mundo, é sobretudo, para compreender como a vida na prisão está a afetar a vida das participantes, tanto no lado negativo como positivo e, como é que isso vai influenciar a sua vida futuramente. Pretende-se uma reflexão sobre tudo o que aconteceu até então e, pretende-se uma forma descontraída terminar a entrevista num ambiente mais positivo e leve, sem querer de forma alguma, deixar as participantes afetadas negativamente com a entrevista.

Anexo B – Ofício da DGRSP



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Exmo(a) Senhor(a)

Dra. Joana Margarida Hortêncio Silva Pereira

jmargs.pereira@gmail.com

<i>V/ referência</i>	<i>N/ referência</i>	<i>Ofício N.º</i>	<i>Data</i>
		279/DSOPRE	10.12.2015

Assunto: Investigação académica para Mestrado em Psicologia Clínica pelo Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA)

Tenho a honra de informar V. Exa que, por despacho do Senhor Diretor – Geral, Dr. Rui Sá Gomes, datado de 07/12/2015, foi autorizada, no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica, a realizar a investigação académica no Estabelecimento Prisional de Tires.

Considerando o interesse do projeto, este estudo, foi autorizado, mediante as seguintes condições:

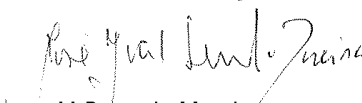
- a calendarização e modo de organização da pesquisa seja acordada com a Direção do estabelecimento prisional, por forma a que se conciliem os objetivos académicos com a exequibilidade do trabalho, sem perturbação do quotidiano;
- o desenvolvimento do estudo esteja sempre dependente da disponibilidade das reclusas para, após consentimento informado, colaborarem, reservando-se-lhes o direito de, a qualquer momento, poderem interromper a sua cooperação, devendo também ser dado o consentimento para a gravação das entrevistas;
- a investigadora fique obrigada a preservar o anonimato dos dados e das pessoas que venham a cooperar;



- do resultado final do trabalho, deve ser remetida cópia à Direção de Serviços de Organização, Planeamento e Relações Externas.

Com os melhores cumprimentos

O Diretor de Serviços



JJ Semedo Moreira

ML/2015

Anexo C – Carta de Consentimento Informado



FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO INFORMADO
E GRAVAÇÃO DE ENTREVISTA

Eu, _____ (Código) _____
concordo em participar, de forma voluntária, no âmbito do estudo da experiência vivida de mulheres homicidas vítimas de violência doméstica, que está a ser desenvolvido pela aluna Joana Pereira, que se encontra a finalizar o Mestrado em Psicologia Clínica, no Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA).

Foi-me fornecida uma explicação integral da natureza e objetivos do estudo e, concedida a possibilidade de colocar questões e esclarecer todos os aspetos que me pareçam pertinentes.

Sei que poderei retirar-me do estudo em qualquer momento do seu decurso, caso seja esse o meu desejo.

Declaro que autorizo a investigadora envolvida no estudo, a utilizar os meus dados, através da entrevista e através da gravação de áudio da mesma, apenas para efeitos de investigação científica, desde que seja respeitado a confidencialidade e anonimato dos mesmos.

Declaro que compreendi todas as condições relativas à participação neste trabalho de investigação, na qual não procurarei restringir o uso dos resultados para os quais o estudo se dirige.

Tires, ___ de _____ de _____.

Assinatura da investigadora

Assinatura da participante

(Joana Pereira)

Anexo D – Guião de Entrevista

Dados Demográficos – Idade

Breve História Familiar:

- Composição familiar; Ambiente familiar (emocional, estabilidade)
- Diga-me, quem fazia parte do agregado familiar em sua casa?
- Como era o ambiente lá em casa?

Pares (Relação amorosa – como se conheceram) – outros relacionamentos;

- Como conheceu o seu marido/companheiro?
- Teve outros relacionamentos?

Experiências e memórias relevantes.

- Quando sofreu o primeiro abuso físico/verbal do companheiro; Quantos anos esteve casada/junta com o companheiro agressor
- Quanto tempo esteve junta/casada com o seu companheiro?
- Alguma vez sofreu abuso físico/psicológico ou verbal por parte do seu companheiro?

Lembra-se do primeiro abuso físico/verbal/psicológico? Conte-me o que aconteceu. / - O que pensou em fazer? (Pedi ajuda? Outra solução que pensou)

Experiência homicida – como se sentiu depois de cometer o crime (Qual a sensação)

- Diga-me o que aconteceu para cometer este crime? Fale-me um pouco da sua experiência (descreva-me detalhadamente a sua experiência).
- Depois de ter cometido o crime, como se sentiu?

Mudança de ser-estar no mundo

- Como é estar numa prisão, mudanças que visualiza. Como se vê de vítima para agressora
- Há quanto tempo está presa?
- Como foi para si, ter vindo presa por ter morto o seu companheiro?
- Que mudança vê em si?
- Se pudesse voltar atrás o que faria? Como se sente hoje em dia depois de tudo o que se passou?

Entrevista Participante 1 – 1 hora e 16 minutos de duração

Apontamentos/ Comentários	Texto original	Significado Psicológico
<p>Participante de 56 anos, tem 2 filhos de casamentos diferentes.</p> <p>Está detida por mandatária de homicídio do 2º marido, há 9 anos e 10 meses.</p> <p>Refere que tem sofrido por nunca mais ter visto o seu segundo filho.</p> <p>Indica que são os avós paternos os culpados, fazendo uma força psicológica contra P1 não querendo agora o filho visita-la. Acha que a inf. publica prejudicou a sua relação com o filho.</p> <p>Lastima esta situação e indica que isto a prejudicou e ao filho psicologicamente.</p> <p>Refere que sempre trabalhou mesmo nas situações mais difíceis como a situação de perder um braço.</p> <p>Reformou-se do Banco, trabalhou lá durante 20 anos.</p>	<p>E – Vamos começar a entrevista, obrigada pela sua participação nesta investigação. P1 – De nada.</p> <p>E – Fale-me um bocadinho da sua idade, quantos filhos tem, como era a sua composição familiar. P1 – Passado então?</p> <p>E – Sim. P1 – Neste momento tenho 56 anos, nasci em __/__/1959. Tenho 2 filhos, um com 30 e outro com 16 anos. O primeiro chama-se D. é fruto de um primeiro casamento que durou 14 anos. O segundo é D.M., de um segundo casamento que durou 10 anos. Estou presa por mandatária de homicídio, do pai do D.M. . Estou no estabelecimento prisional há 9 anos e 4 meses, não vejo o meu filho desde que entrei no estabelecimento, que é a coisa pior que pode acontecer aqui dentro.</p> <p>Tenho ultrapassado tudo, mas isso é o meu calcanhar de aquiles. Não fui proibida pelo juiz de ver o meu filho, tenho poder residual, ele está com os avós, mas as três tentativas que foram feitas para ir buscalo...houve uma força psicológica dos avós face ao miúdo e não quis vir. Depois aos 12 anos foi ao tribunal dizer que não queria vir à cadeia. Tenho sabido por amigos que no primeiro ano que eu tive na cadeia que, o D.M. chorou muito, muito muito, queria ver a mãe, não foram...não foi só uma pessoa que me disse, foram várias...mas pronto. Muitas revistas, muita informação com os media...que eu lastimo ter acontecido, isso prejudicou psicologicamente a criança e a mim também.</p> <p>Não percebo porquê, porque eu trabalhei 20 anos num banco, a minha vida era trabalho-casa, casa-trabalho, quando perdi o braço ou o antebraço esquerdo num acidente de automóvel, logo que fiquei melhor fui à procura de trabalho porque já me tinha reformado do banco e fui a Londres à procura de algo inovador para promover, pronto... para trazer para Portugal e trouxe...consegui fazer um contrato com os ingleses de uma marca inglesa da _____, e implementei essa</p>	<p>Impotência e tristeza por estar privada de ver o filho</p> <p>Lastima o sucedido</p> <p>Percepção que não é valorizada pelo trabalho e por aquilo que sofreu</p>

<p>Trouxe para Portugal uma marca inovadora, tinha bastante sucesso.</p> <p>Depois de a mãe adoecer, vendeu a empresa ao contabilista.</p> <p>Refere que foi a partir desta empresa que ficou conhecida publicamente, pois depois do acidente, conseguiu atingir grandes objetivos profissionais, nunca desistindo.</p> <p>Quando entrou para a prisão, passou de bestial a besta. Não concorda porque indica que sempre trabalhou e não era nenhuma jet set.</p> <p>Depois de acabar os estudos, foi trabalhar. Sempre teve hábitos de trabalho, acha que as pessoas fazem uma análise contrária do que ela é. Tem consciência da pessoa que foi e é.</p> <p>Diz estar arrependida do que aconteceu.</p> <p>Teve 4 abortos, antes de ter o segundo filho. Um deles marcou-a muito.</p>	<p>marca em Portugal, arranjei um showroom, portanto era uma marca direcionada para uma classe média-alta, uma marca de velas aromáticas, de produtos de decoração, portanto...estava a atingir os objetivos que tínhamos acordado. Já estava a pensar levar para Espanha, aliás fiz várias feiras, moda Lisboa, fiz a casa...que é em Cascais, uma exposição em Cascais, agora não me lembra o nome. Vendíamos muito na rua, nas lojas, tínhamos lojas...só podia ter uma loja por região.</p> <p>Entretanto a minha mãe adoeceu e não podia trabalhar e dar apoio há minha mãe e, acabei por vender a _____ ao contabilista. O contabilista estava muito satisfeito com os resultados e propôs-se que tinha um irmão desempregado, se eu queria portanto, passar a unidade para o seu irmão e assim foi, o irmão ficou com a unidade de negócio.</p> <p>Pronto, portanto foi a partir daí, da _____ que eu fiquei conhecida e comecei aparecer nas revistas, fizeram produções em que iam há minha casa, falaram muito bem de mim, como é que uma pessoa tão empreendedora perdeu um braço, dedo após dedo, foi a Londres e trouxe para Portugal a _____, evento para ali, evento para a Beloura, evento para aquele tal sitio para outro, mas pronto.</p> <p>Uns anos depois venho para a cadeia e passei de bestial a besta. Portanto os media são mesmo assim, não é? Isto para explicar um bocadinho porquê de eu ser conhecida e ter, registos fotográficos na VIP, na FLASH e não sei quê. Foi exatamente por causa da tal dita marca. Porque eu sempre trabalhei e nunca andei...não era jet set nenhuma, nem jet oito, nem nada dessas coisas.</p> <p>A minha vida foi estudar, mal tirei o curso fui trabalhar e trabalhei 20 anos. Tinha hábitos de trabalho, só que as pessoas não sabem. Portanto, as pessoas desconhecem, então fazem uma análise completamente diferente de mim..., não vale apenas depois estar a contrariar o que as pessoas pensam, o que interessa é aquilo que eu sei que sou e com aquilo que eu sempre fiz, sempre fui boa mãe...lastimo...estou arrependidíssima do que aconteceu...</p> <p>Quando engravidei do D.M., já tinha tido 4 abortos espontâneos, um deles tive que recorrer a Londres onde fiquei...porque estava com quase 5 meses e os</p>	<p>Força pessoal para vida profissional</p> <p>Apoio familiar à Mãe Vs. Fim da carreira profissional</p> <p>Força pessoal face a uma perda de um braço</p> <p>Desvalorização da opinião pública</p> <p>Valorização de si e dos seus feitos</p> <p>Arrependimento</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Refere que para conseguir manter a gravidez do seu 2º filho, teve de estar 6 meses de repouso. Ficou de baixa médica.</p> <p>Depois do filho nascer pediu a reforma antecipada por estar 1 ano longe do banco, achando ser muito tempo.</p> <p>Desvalorizou o facto de receber menos o que recebia, pois sabia que mais tarde poderia arranjar outro trabalho.</p> <p>Queria dedicar-se a ser mãe nos primeiros anos de vida do filho.</p> <p>Pensou em trabalhar com algo relacionado a idosos.</p> <p>Após 6 meses do nascimento do filho, teve um acidente de automóvel com o marido. Recebeu uma indemnização.</p> <p>Refere que o marido não era riquíssimo como as pessoas dizem. Foi através da participante que conseguiram começar a vida juntos.</p> <p>Refere que com o acidente ficou com 83% de incapacidade. Sente que sua situação foi mal</p>	<p>médicos em Portugal queriam que eu tivesse um parto...porque o bebé já estava...feto, feto não, já estava bebé, pronto. Teria que tomar uns comprimidos e teria de ter um parto, e eu achei que aquilo era demasiado agressivo. Depois fui, com a anestesia, portanto não passei pelo trauma de ter que sentir a dor e essas coisas.</p> <p>Depois voltei a engravidar e foi-me dito para ter esse bebé tinha de estar 6 meses deitada. E assim fi-lo. Tive realmente 6 meses deitada, tinha falta de progesterona, tive de estar com uns discos, tinha de tomar uns comprimidos e tive 6 mesinhos deitada para que conseguisse que a gravidez chegasse a bom porto. E não fui trabalhar, tive de baixa do D.M. esse tempo todo. Quando nasceu a 24 de Setembro, eu propôs que me dessem a reforma antecipada...Acharam que era um pouco precoce porque era boa funcionaria mas dei conta que realmente estar afastada 1 ano do banco, era muito tempo...é muito tempo. E concederam-me uma reforma antecipada.</p> <p>Só que essa reforma, eu ganhava 2500€ e fiquei com uma reforma como se fosse de um funcionário de uma caixa num balcão, reforma de 1000€ pronto, e eu pensei que não tinha importância porque eu voltaria a trabalhar noutra coisa qualquer, tinha esse dinheiro e...mas queria-me dedicar a ser mãe nos primeiros anos a tempo inteiro e depois arranjaria outro trabalho. Entretanto também tinha feito um curso de Geriatria, podia ser técnica...pronto estar à frente de um lar de idosos ou uma coisa assim, porque estava muito naquela altura da abertura dos lares, da Cuff...pensei nisso.</p> <p>Mas quis o destino, tinha o meu filho 6 meses e tive um acidente de automóvel. Portanto já estava reformada do banco quando tive o acidente de automóvel, daí...fiquei sem o meu ordenado, mas fiquei com a minha casa paga, que tinha pedido o empréstimo para a casa que comprei com o _____, dando eu...portanto eu tinha um Duplex com o pai do D., vendemos o Duplex quando nos divorciamos, eu dei a entrada para a casa. O _____, ao contrário do que se fala, que era um homem riquíssimo, tinha-se divorciado da mulher e não tinha dinheiro nenhum, fui eu que dei essa entrada e ficámos à espera 1 ano, sem pagar rendas...que nos casássemos para depois fazermos o empréstimo em conjunto, para darmos o resto. Como eu tive o acidente, a casa ficou paga por excelência, porque eu fiquei com 83% de incapacidade. Estas coisas não são ditas em lado</p>	<p>Abortos traumáticos (perda significativa)</p> <p>Gravidez complicada a nível de saúde</p> <p>Desvalorização do fim da carreira vs. Força pessoal</p> <p>Dedicação a ser mãe</p> <p>Acidente traumático</p> <p>Desvalorização do marido na vida comum</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>divulgada (em relação ao marido).</p> <p>Refere que ficou com a casa do Algarve paga, mas foi ela que ficou sem dedos e mais tarde o antebraço.</p> <p>Indica não ter sido uma situação difícil e nada agradável, sendo difícil o processo hospital, pois poderia perder mais do seu membro</p> <p>Não conseguia ver o braço. Foi num dos aniversários do 1º filho que olhou para o braço, pois achou vergonhoso não ceder ao pedido de presente do filho que tanto ama, que era a P1 olhar para o braço.</p> <p>Viu o braço 1 mês depois do acidente. Foi difícil aceitar, chorou muito.</p> <p>Refere que foi a partir deste acidente que a relação com o marido se complicou.</p> <p>Refere que amou o marido. A comparação e diferença que encontra nos seus casamentos é que um houve amor e outro paixão, sendo a paixão algo perigosa.</p> <p>Analisa a situação e tem consciência que foi a paixão que causou estes problemas.</p>	<p>nenhum, o que dizem é que era tudo dele, mas isso não importa nada, percebe? pronto. O que acontece é que eu fiquei...a casa do Algarve também ficou paga na totalidade e eu fiquei sem os dedos não é? Não fiquei logo, fiquei com a mão, depois espalhou-se mais...primeiro cortaram-me um dedo, depois mais dois, depois mais um...outro outro.</p> <p>Portanto não foi nada agradável, para não dizer que foi um horror. Cada vez que aparecia o homenzinho da bata verde para me levar, era uma coisa assim de outro mundo, porque eu não...não sabia se ia voltar sem um bocado de mim, não foi fácil, não foi fácil.</p> <p>Depois não queria ver o meu braço, foi o meu filho mais velho, que na altura tinha 14 anos, que no dia dos anos dele, eu tinha sempre o braço tapado, porque não conseguia ver, nem a psicóloga do hospital conseguia-me convencer a olhar para o braço, eu disse ao D. : <i>«Olha D. , a mãe não pode dar-te nenhum presente.»</i> E ele disse <i>«Pode mãe! Se a mãe tirar esse lençol que tem aí e olhar para o seu braço, é melhor presente que me dá»</i>. E foi o D., nunca me hei-de esquecer...e eu fui obrigada a fazê-lo...não foi bem obrigação, senti que um miúdo de 14 anos, o meu filho que amo incondicionalmente estar-me a pedir aquilo, era vergonhoso da minha parte não o fazer, e fi-lo! Portanto, o acidente foi no dia 1 de Abril e eu vi o meu braço no dia 10 de Maio. Foi aí que vi o braço, escusado será dizer que tive um ataque de choro, que durou não sei...se não foi mais de 1 hora foi 1 hora mesmo. Porque foi difícil aceitar... A partir daí as coisas com o meu marido não correram muito bem...</p> <p>E – Foi a partir dessa altura que começou haver desentendimentos entre vocês?</p> <p>P1 – Sim...Nós...Eu amei o _____ muito muito muito muito...e acho que ele também me amou muito muito muito. A diferença entre a minha relação com o pai do D., que nos demos sempre bem e a relação com o _____, eu faço hoje uma comparação e acho que houve sempre paixão com o _____ e houve sempre amor com o pai do D. . E a paixão é uma coisa muito perigosa...</p> <p>Analiso isso hoje e tenho muita consciência de que foi isso que aconteceu. O _____ só partiu o braço, o _____ ia com excesso de velocidade no carro, o _____ ia com os pneus carecas, o _____ sabia que tínhamos de estar em casa às 19h porque tínhamos</p>	<p>Desvalorização do outro e revolta</p> <p>Impacto da perda do braço: Custos vs. Benefícios</p> <p>Sufrimento sentido face à perda de um membro</p> <p>Desvalorização do seu corpo</p> <p>Obrigação Vergonha</p> <p>Encorajamento do filho</p> <p>Comparação dos seus relacionamentos: Amor vs. Paixão</p> <p>Paixão vs. Perigosidade Auto-Reflexão</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Culpa o marido pelo que lhe aconteceu ao braço.</p> <p>Conta que o acidente se deu por excesso de velocidade e por o carro ter pneus carecas.</p> <p>Refere que após o acidente teve muita necessidade de conversar, mas o marido era contra os psicólogos.</p> <p>O marido dizia que ela era forte e que iria suportar bem a perda do braço, mas que fazia mal era ela estar gorda.</p> <p>Engordou bastante na gravidez do 2ºfilho e durante as operações ao braço, não conseguindo emagrecer até então.</p> <p>Refere estar com 100Kg, mas era inchada de tanta medicação que tomava.</p> <p>Acha que o marido devia se preocupar com a dor crónica que tinha do braço, do que se ela estava gorda.</p> <p>Apanhou uma bactéria e teve de cortar mais o braço. Diz que entrou em depressão.</p> <p>Teve 3 dias a dormir. Tinha muitas dores.</p>	<p>de ir a uma farmácia comprar o leite, porque não havia leite em casa, a minha mãe ligou-me a dizer que tinha terminado o leite para o D.M., e teve até ao final, lá no almoço e depois ainda quis ir ver um terreno em Espanha, que não valia apenas porque ele não tinha dinheiro para o comprar, mas ele quis ir ver e eu «_____ se calhar temos de ir embora, é melhor eu ir com outras pessoas que vão para Lisboa» e ele «Ai não não não, prometo que as 19h estamos lá, as 19h estamos em casa, às 19h vamos a uma farmácia no _____». E aconteceu que... tive 6 meses depois não é...</p> <p>Depois o _____ era contra duas classes; a classe dos professores e a classe dos psicológicos, portanto eu senti a determinada altura que precisava de conversar com alguém e esse alguém seria com uma psicóloga, e o _____ dizia que eu não ia gastar dinheiro com psicólogos que essa era uma classe que não existia, que isso era só para gastar dinheiro e que não existia, que eu era forte e que suportava bem, suportava a perda de um braço, que não fazia mal nenhum...fazia mal era eu estar gorda. E então porquê que eu estava gorda? Eu tinha estado deitada 6 meses a tomar progesterona, aqueles coisas todas, o D. nasceu com 5 quilos e tal, cesariana...6 meses depois, ainda não tinha emagrecido quase nada tive um acidente, estou deitada e a levar soros e aquelas coisas todas do hospital, transfusões de sangue e não sei quês mais 6 meses...portanto estou com 100 quilos. Estou inchada inchada... portanto não estou completamente gorda, mas estou inchada da medicação e não sei quês, eu olhava para o espelho e dizia «<i>Isto não sou eu...</i>», e ele dizia «<i>Tens de começar a emagrecer</i>» ...quer dizer em vez de dizer que, sei lá...eu acho que ele devia se preocupar com a dor crónica que eu tinha, eu lembro-me depois de Santa Maria, eu passei para a Cruz Vermelha...estava no quarto, estava muito melhor porque era o mesmo médico que me tratava. Então na Cruz vermelha, estive lá uma data de meses, entretanto passei, apanhei infelizmente, uma bactéria que instalou-se no coto, fiz...pronto tive de cortar mais braço...aí é que pronto... Tive de fazer uma raspagem, a raspagem não resultou, tive de cortar mais braço...entrei em depressão. A dor era enorme, enorme... lembro-me um dia na cama, de andar nos corredores agarrar-me nas batas dos médicos e... acho que me passei, passei para o lado de lá da linha tipo...«<i>Ajude-me ajude-me, não aguento a dor...</i>» tive 3 dias a dormir, acho que me deu morfina e tudo...uma dor horrível.</p>	<p>Culpabilização do marido face ao acidente</p> <p>Necessidade de conversar</p> <p>Falta de apoio emocional do marido</p> <p>Baixa auto-estima (gorda – acusações do marido)</p> <p>Falta de apoio emocional pelo marido</p> <p>Dificuldades na recuperação do acidente</p> <p>Depressão Desespero</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Aprendeu a desprezar a dor crônica.</p> <p>Refere ter deixado de ler coisas sobre si nas revistas, por serem coisas que a magoam.</p> <p>Não desculpou o marido pelo acidente, por ele ter ficado bem. Hoje mudou um pouco a sua maneira de pensar.</p> <p>Começou a ser posta de lado, sentia-se gorda e que não tinha ninguém com quem desabafar.</p> <p>Tentava relativizar o sucedido e estava a pensar colocar uma prótese.</p> <p>Descreve o seu problema para utilizar prótese.</p> <p>Tentou desvalorizar a sua situação face aos filhos e marido, pois queria continuar a ser a matriarca, para que o</p>	<p>Tenho uma dor crônica, 83 % de incapacidade, neste momento estou a senti-la mais talvez por estar a falar, porque eu aprendi a desprezar a dor. Não sinto a mão fantasma, nunca senti o membro fantasma...é mesmo a dor do nervo, vem sobe e depois desce. E tenho o síndrome de Worner, que é uma coisa que é o olho que fecha e daí quando ele está completamente fechado a única coisa é pôr um botox para segurar o nervo do olho, daí as revistas dizerem que eu tinha botox e não sei quê... só o fiz por indicação médica, mas as pessoas trupam tudo. Mas isso eu já nem ligo...passa-me ao lado, não ligo. Há coisas que eu não li nada, porque são coisas que me magoam...por isso não li nada.</p> <p>Pronto isto é um panorama quando nos começámos a dar mal. Eu tenho a certeza que não desculpei...o ser humano é...por vezes não consegue raciocinar...hoje eu penso de uma maneira, mas na altura eu não desculpei o _____ ter ficado bem e eu ter ficado assim!</p> <p>Porque eu comecei a ser posta de lado, a certa altura comecei a ser posta de lado e eu sentia mesmo que pronto...fiquei gorda, fiquei sem o braço, não tinha com quem desabafar. As minhas amigas de infância..., sou algarvia, nasci em _____ estudei em _____ até o 12ºano, depois vim para Lisboa para a faculdade, casei em _____ mas ia todos os fins-de-semana ao Algarve ou quase todos, e diziam «<i>Ai que horror o teu braço...como é que isso te aconteceu?</i>» e eu dizia...relativizava. Dizia «<i>ai que horror, olha aconteceu, pronto..., agora vou por uma prótese</i>», depois fui a Paris o único sítio da Europa onde fazem próteses estéticas. Porque o problema que eu tenho, não posso fazer nenhuma prótese biomecânica, porque o cérebro mesmo que dê ordem não pode... tudo isto é artificial, as veias tudo não estão ligadas ao cérebro, foi tudo para salvar o membro, mas fiz a prótese estética, sempre era mais, para já equilibrava-me e depois era mais agradável à vista com os casacos e a roupa. Na praia tirava para ir tomar banho, podia pôr, mas não levava...levava um lenço, sempre disfarçava porque depois não podia apanhar muito sol por causa das cicatrizes...</p> <p>Tentei não valorizar muito isto perante os meus filhos, para eles não sofrerem, não valorizar muito perante o meu marido, continuar a ser matriarca, para que o meu casamento...porque eu achei sempre que o casamento..., se eu me pose-se «<i>ai coitadinha de mim</i>» e como também não tenho esse espírito, pronto...tentava fazer as coisas, depois arranjava uma</p>	<p>Sofrimento físico com limitações</p> <p>Desvalorização da opinião pública</p> <p>Culpabilização do marido face ao acidente</p> <p>Ausência de apoio emocional vs. Baixa auto-estima</p> <p>Relativização da perda de um membro</p> <p>Desvalorização do sucedido, procurando um Casamento feliz</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>casamento continuasse bem.</p> <p>Não queria ter pena de ela própria. Continuava a fazer o que podia na lida da casa.</p> <p>Fez de tudo para que a falta do braço não afetasse a relação.</p> <p>Conta que o marido começou a estar mais tempo fora de casa.</p> <p>Começou a chegar de madrugada a casa, cada vez sentia que falavam menos, sentia-o a fugir da relação.</p> <p>Sentia que o marido tinha vergonha do braço e que estava gorda.</p> <p>Fez uma viagem ao Brasil e tomou conhecimento de uns comprimidos para emagrecer.</p> <p>Tomava muita medicação para as dores.</p> <p>Teve a empresa anteriormente referida durante dois anos. Vendeu-a para dar assistência à mãe. A mãe faleceu antes de ser detida.</p> <p>Começou a ficar desconfiada que o marido estava a trai-la.</p>	<p>empregada interna, porque só tínhamos uma mulher-a-dias que me ajudava e eu metia-me ao pé dela e ensinava como se faziam as coisas..., hum continuava a pôr a mesa como sempre pus, que as coisas corressem bem, e não sei que, para que...pronto, para esquecer que faltava...fiz tudo por tudo para que não...a falta de um membro não mexesse na nossa relação. Mas o que é um facto é que mexeu.</p> <p>Pronto, isso foi em 2000...2000 e 2001 ainda estivemos bem, a partir de 2002 o _____ começou a sair, a juntar-se com o irmão, «<i>ah vou começar a tocar numa garagem band, lá com o meu irmão</i>» e eu disse «<i>oh _____, por amor de Deus, agora vais tocar? Tens piano em casa vais tocar fora na garagem...com o miúdo pequenino, o miúdo está numa escola Católica, que falam que tem que jantar com os pais, não sei quê, conceito de família e tu não estás?</i>» «<i>ah é só à quarta-feira</i>».</p> <p>À quarta-feira chegava quase de manhã, depois vinha não sei quê, depois fazia assim coisas, cada vez pior, chegava cada vez mais tarde, cada vez falava menos, cada vez não sei quê...eu sentia-o a fugir...a fugir. Já não me convidava para ir como antigamente, «<i>ah vais comigo</i>». As festas de natal da empresa eu ia sempre com ele e deixei de ir. E eu senti que ele se envergonhava um bocadinho do braço, mesmo eu colocando a prótese eu sentia... «<i>Porque estás gorda, estás gorda...</i>».</p> <p>Quando chegámos ao ano de 2005, eu fui ao Brasil e ele disse-me assim «<i>Olha há uns comprimidos aqui do Brasil que são uns manipulados, que um amigo meu me falou e que há aqui uma funcionária da empresa (empresa que tinham no Brasil), que te pode ajudar a emagrecer</i>». Porque eu não conseguia emagrecer, estava sempre com 85, 90, 95 kg, porque tomava ansiolíticos, tomava comprimidos para as dores, tinha muitas dores mas dores horríveis. Fazia acupuntura, depois tinha que me deitar...depois tinha uns sacos de areia que tinha de pôr, depois estava muito tempo na cama ou no sofá, só me levantava para ir buscar o miúdo ao colégio...Depois tive isso da empresa _____, mas só tive durante 2 anos, tive que dar assistência há minha mãe. Depois entretanto a minha mãe faleceu, mas faleceu mais tarde, faleceu 6 meses depois...é tudo 6...6...Faleceu 6 meses antes de eu entrar para a cadeia.</p> <p>Comecei a sentir que o _____ tinha alguém! Começou a pôr códigos no telemóvel, a mandar</p>	<p>Tentativa de proceder como se não houvesse/ Afetasse nada</p> <p>Sentimentos de solidão</p> <p>Deterioração da relação</p> <p>Vergonha no olhar do outro</p> <p>Valorização da imagem exterior</p> <p>Sufrimento físico</p> <p>Assistência Familiar</p> <p>Perda significativa (mãe)</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Da desconfiança passou a tentar investigar onde o marido estava.</p> <p>Conta como começou apanhar o companheiro nas mentiras.</p> <p>O marido disse que estava na fábrica a trabalhar, decidiu ir à procura dele.</p> <p>Viu que o carro dele não estava no parque de estacionamento, mesmo assim entrou no escritório.</p> <p>Entrou no escritório e viu que estava vazio, refere que se beliscou para ver como era real. Ligou para confirmar a sua mentira, mas não referiu-lhe que sabia que ele estava a mentir.</p> <p>Ficou calada sem saber o que dizer, ficou como se tudo tivesse caído em cima de si. Desiludiu-se com a paixão que tinha por ele.</p>	<p>mensagens e não sei quê, e eu comecei a tentar perceber para onde ele andava. Comecei um bocadinho num KGB. E foi o meu mal, foi o que eu fiz de pior. Tudo começou a primeira vez com um telefonema meu...Ele tinha me pedido para comprar umas alheiras, queria jantar umas alheiras. Eu fui ao melhor talho, na _____ comprar as alheiras e fiz as alheiras. Telefonei e disse «_____ são 21h as alheiras estão feitas e a que horas vens jantar?». «Ah eu já não vou jantar, porque tenho a técnica oficial de contas aqui na fabrica e já não posso comer as alheiras» e eu disse «Então e agora o que é que eu faço? Olha ficam no micro-ondas...ficam para amanhã». E eu não fiz mais nada... «Mas tu estás no escritório?» «Estou, estou com a oficial de contas e isto está aqui uma confusão...» Eu morava, não sei se conhece, o _____...então aquela rua assim estreita ao lado direito é o _____ e para o lado esquerdo vai para o cemitério e depois tem um muro de um condomínio fechado, e eu morava aí _____. Morava no 1º andar (...) então o que é que eu penso, «Não, eu sinto que tu não estás na fábrica», vesti-me...a empregada ficou com o miúdo e disse «Eu já volto». Então meto-me no carro, saio viro à esquerda, para ir para Torres Vedras era sempre em frente, só passar na portagem, fui a Torres Vedras, em _____ fui lá ao sítio da fábrica que é um bocadinho mais à frente, entro para dentro do estacionamento da administração e vejo que o carro dele não estava lá, nem dele, nem dos outros sócios. Mas mesmo assim eu parei, estacionei no sítio onde era o estacionamento do _____, entrei dentro do armazém e havia imensa gente, vários empregados a carregar e descarregar camiões e não sei quê, e uma empregada que me conhecia disse-me «O Sr. Engenheiro não está...» e eu disse «Tá bem tá bem, mas eu vou ao escritório buscar uma coisa que preciso».</p> <p>Entreí, fui ao escritório dele, sentei-me no escritório para ter a certeza absoluta daquilo que ele me estava a dizer. Olhei para o computador, belisquei-me...peguei no meu telefone e liguei...liguei liguei liguei, passado para aí 3 telefonemas ele atendeu e eu disse «Oh _____, mas porquê que não vens comer as alheiras?» e ele disse «Oh M. é preciso dizer...» «Porquê que demoraste tanto tempo a atender?» «Porque estou com a técnica oficial de contas e estamos rodeados de papéis». Eu olhei para a secretaria e estava na fábrica...tive a certeza que era mentira, que ele me estava a mentir. Mas não consegui dizer «Eu estou aqui, eu sei que tu estás a mentir» não</p>	<p>Sentimentos de desconfiança/ infidelidade relativamente ao marido</p> <p>Percepção que o marido mentia</p> <p>Perseguição vs. Procura da Mentira</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Começou a questionar-se onde é que ele estava e o porquê de nunca mais terem tido relações sexuais.</p> <p>Voltou para casa e tomou um duche e deitou-se.</p> <p>Conta que quando o marido chegou falaram sobre o trabalho e a empresa, em que manteve a mentira. P1. também não questionou.</p> <p>A partir desta situação começaram as mentiras. Refere que o marido dizia que o seu braço parecia um pénis e por isso não conseguia ter relações com ela.</p> <p>Numa conversa entre os dois, a participante referiu que ele era o culpado do sucedido.</p> <p>Questionou-o como seria a relação de ambos, mas a participante refere que ele adiava solucionar a situação.</p>	<p>consegui dizer nada! Sei lá, fiquei presa à cadeira, fiquei...foi como se tudo o que eu tinha de bom com ele, tivesse caído em cima, porque eu acreditava imenso nele percebe? Tinha uma paixão enorme, tinha...não sei olhe caiu-me tudo em cima. Disse-me «<i>Não, ele mente-me todos os dias, todos os dias me mente, tem me mentido sempre, desde do acidente que ele me mente...portanto onde é que ele estará?</i>». A partir desse dia que a interrogação se pôs – <i>Onde é que ele estará? Porquê que não vem jantar todos os dias, porquê que ele chega tarde? Porquê que ele não faz amor comigo há tanto tempo?</i></p> <p>Pronto, venho-me embora, chego a casa tomei um victam para me acalmar, tomei um duche, vesti a camisa de noite e fui para a cama. Chegou tardíssimo, tomou um duche e quando veio para a cama eu não conseguia dormir e eu disse «<i>Então trabalhaste muito?</i>»...ele...uma conversa, eu digo-lhe, só uma conversa de um artista é que fazia aquilo. «<i>Nem calculas, aqueles sócios...o não sei quantos e não sei quê</i>», uma conversa que só não acreditava...eu só não acreditava se não tivesse lá ido. E eu disse «<i>Ah pois, assim é aborrecido. Assim vocês não vão ter lucro este ano..</i>» e eu a gaguejar não é, e ele «<i>Pois assim não pode ser, tenho de arranjar mais dinheiro para investir...</i>» e eu...Ah porque eu tinha vendido a empresa e vendi por 50 mil euros e 10 mil...eu ia lhe dando tudo tudo e perguntei «<i>Então mas eu dei-te os 50 mil e isso está assim tão mal?</i>» a quota do _____ sempre foi pequenina, porque o _____ fez um projeto, ele era engenheiro agrónomo, mas como fazia projetos, fez um projeto para essa empresa e em vez de lhe pagarem x ele ficava com uma quota. Quando o conheci ele tinha acabado de entrar na empresa e ele estava ao mesmo nível que os outros sócios, mas os outros sócios tinham terrenos...tinham dinheiro, pronto...O que eu lhe posso dizer, para não me alongar muito mais?</p> <p>Hum...a partir daí foi mais do mesmo. Mentiras, mentiras, mentiras... Quando eu dizia «<i>Porquê que não fazes amor comigo há tanto tempo?</i>» «<i>Oh M., porque o teu braço parece um pénis! E isso faz-me confusão</i>».</p> <p>E eu disse «<i>Oh _____ mas se o meu braço parece um pénis, o culpado foste tu! Porque quando fomos a julgamento, para recebermos o montante da seguradora, o juiz de _____ e isso temos os papeis, tu foste dado como culpado e eu tinha de pôr uma ação contra ti porque eu ia ao teu lado, para que tu me desses uma indemnização, porque eu é que fiquei</i></p>	<p>Percepção da Mentira vs. Desilusão</p> <p>Questiona-se sobre a sua relação</p> <p>Mentiras</p> <p>Incapacidade de confrontar o marido</p> <p>Desinteresse sexual do marido</p> <p>Culpabilização do marido face ao acidente</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Refere que após muitos meses não havia relações entre eles e por conseguinte o marido tinha outras pessoas.</p> <p>Refere que um dia seguiu-o até uma Pousada e encontrou-o com duas mulheres.</p> <p>Enfrentou-o, aparecendo no quarto. O marido convidou-a a juntar-se ao grupo.</p> <p>A participante refere que não sabe como aguentou a situação. Ficou sem ver. Não sabe como não teve um acidente a voltar para casa.</p> <p>Não contou nada disto em tribunal.</p> <p>Em 2006 decidiu ir a Nova Iorque ter com o primeiro filho.</p>	<p><i>deficiente, não foste tu! E agora o meu braço de repente é que parece um pénis? Então como é que vamos fazer à nossa vida?» e ele «Ah então eu vou ter que recorrer aquilo que não queria, que era uma psicóloga». E eu «Então mas essa classe não existe, como é que queres que eu acredite que vais a um psicólogo?». E adia, adia...</i></p> <p>Passaram-se meses que o _____ não me tocava, portanto ele tinha outras pessoas. Há um dia que eu resolvo segui-lo, pronto. E encontro uma coisa que eu não gosto nada. Ele entra numa Pousada, com duas senhoras brasileiras, mais tarde venho a saber que são brasileiras porque falei com elas.</p> <p>E a seguir entro na Pousada, um quarto de hora depois, e digo ao senhor da receção que venho para o mesmo... «<i>Eu vou telefonar...</i>» e eu «<i>Não, não, deixe estar, não telefone que eu venho para o quarto do Engenheiro _____</i>». E ele «<i>Mas não disseram que estavam à espera de alguém</i>». E eu «<i>Não se preocupe, ele disse-me a mim para eu dizer que eram duas brasileiras e sou eu</i>». Então ele deu-me outra chave para eu entrar.</p> <p>Então, assisti a uma linda coisa. Pronto não preciso de lhe dizer, porque até tenho vergonha. Sabe o quê que aconteceu? Olhei e disse «<i>Sim senhor, nunca pensei ver uma coisa destas na minha vida!</i>» e ele - «<i>Olha já que vieste atrás de mim estás aqui e conseguiste entrar aqui com a tua esperteza de KGB então convidou-te a despir e a entrar aqui connosco!</i>» e as outras disseram assim «<i>Oi galera... ola galera</i>»</p> <p>E eu olhe, não sei como aguentei aquilo, não sei...Eu já nem me lembro mais, eu acho que passou-me qualquer coisa pela cabeça e fiquei sem ver...saí, nem sei como não tive nenhum acidente. Nunca cheguei tão depressa ao _____. Isto em Óbidos...Pousada de Óbidos.</p> <p>E depois em tribunal, fui tão estúpida. Não contei nada disto...nada nada. Porque...depois vamos passar mais à frente...</p> <p>Eu resolvi em 2006, o D. estava a estudar em Nova Iorque..., o _____ sempre ausente...cada vez pior...um dia chega-me a casa às 6 da manhã e de seguida um cheiro a vinho, uma coisa horrível...o porteiro toca-me à porta - «<i>É para dizer que o carro está mal estacionado na garagem.</i>» e eu disse «<i>Sr. A. eu já lá vou estacionar o carro</i>». Fui chamar uma vizinha, para que ela viesse ver o que se passava, pois</p>	<p>Deterioração da relação</p> <p>Sentimentos de desconfiança/ Infidelidade</p> <p>Perseguição ao marido devido à sua desconfiança</p> <p>Impotência e Desilusão – Confrontação à infidelidade</p> <p>Desespero</p> <p>Relação Distante/ Deterioração da relação</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>A sua relação com o marido estava cada vez mais distante.</p> <p>Conta que houve um dia que o marido chegou alcoolizado e não conseguiu estacionar o carro no estacionamento e a participante foi acordada pelo segurança para ir estacionar o carro. Encontrou roupa de mulher no carro.</p> <p>Guardou as coisas num saco e voltou a deitar-se, mas na sala.</p> <p>Conta que esperou o dia todo que ele telefona-se a justificar-se. Só ligou a perguntar se iam de viagem.</p> <p>Confrontação sobre o acontecimento anterior, o marido de P1 não dá explicações</p> <p>P1 não tinha disposição para ir de viagem.</p> <p>P1 indica que foram de viagem por causa do filho. Não houve confrontação, foram a viagem calados.</p> <p>No Algarve foram jantar fora e conta que o marido lhe pediu desculpas.</p>	<p>o _____ vinha com uma camisa cheia de vinho e com umas calças todas abertas que não eram dele. Tinha medo do que pudesse estar dentro do carro...Podia chamar essa pessoa para testemunhar em tribunal e eu não fiz nada disso...nada nada...Estavam umas cuecas, um sutiã, um vestido, uma garrafa de vinho...pus tudo junto num saco, era uma sexta-feira de manhã. Pus tudo dentro de um saco, estacionei o carro, ele veio todo bêbado deitou-se em cima da cama era um cheiro horrível, tive que me vir deitar na sala... Guardei o saco na despensa e fui-me deitar na sala até às 7h30/8h. Fui levar o miúdo ao colégio, e saí e fui para a Fnac, esperei até as 10h para que o Colombo abrisse para ir para a Fnac. Fui beber um café e ler o jornal à espera que ele me ligasse. Não me ligou! Eram 14h40 da tarde, já não me lembro onde é que eu estava, porque tinha de ir buscar o miúdo às 16h30, acho que fui a Cascais, ligou-me...«<i>Então vamos para o Algarve?</i>» porque era sexta-feira e íamos sempre à sexta, «<i>Para o Algarve? Acho que tens alguma coisa para te explicares não?</i>» ele «<i>Para explicar? Não, não tenho nada para explicar</i>» e eu disse «<i>Então uma pessoa que entra em casa, com umas calças todas abertas que nem pareciam as tuas, uma camisa cheia de vinho, e que manhã sai de fato e gravata, que deixa o carro estacionado no meio da garagem e que impede os outros condóminos de sair...o Sr. A. veio pedir que fosse estacionar o teu carro, que tem pertences de uma pessoa, de alguma senhora, que eu tenho comigo...não tens nada para explicar que sou tua mulher?</i>» Ele «<i>Não, não tenho nada a explicar. Só quero saber se queres ir para o Algarve</i>» eu disse «<i>Olha sinceramente não estou com disposição nenhuma. Enquanto não houver essas explicações, não vou para lado nenhum contigo!</i>». Então eu não ia...de maneira nenhuma eu ia. Fui buscar o miúdo, vim para casa dei-lhe banho, fiquei em casa calada a brincar com ele e não sei quê. Apareceu era 21h. «<i>Então tens as malas feitas?</i>» E eu disse «<i>Malas não, quanto muito 1 mala. Mas é para ir para o Algarve?</i>». Porque o D.M. gostava de ir e eu disse tá bem. Fomos o caminho todo calados. Sempre calada. Tive calada o Sábado todo...o D.M. perguntou se eu não falava com o pai. Fomos para a praia, levamos o cão porque não era verão e não sei quê.</p> <p>Fomos almoçar fora e ele pediu desculpas, disse que não esteve muito bem, que foi a uma festa e que tiveram a dançar com as empregadas... Pedi-lhe</p>	<p>Marido alcoolizado</p> <p>Incapacidade de Confrontação por parte do marido</p> <p>Incapacidade de explicação por parte do marido</p> <p>Pedido de Desculpas do marido/Pedido de justificações</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>A participante refere que todas estas situações fizeram com que a cabeça não andasse bem. Começou a tomar medicação do Brasil para emagrecer. Os medicamentos davam-lhe energia e sentia-se a super-mulher.</p> <p>Ao emagrecer a sua auto-estima começou a aumentar.</p> <p>Sabe que tomava uma droga, aqui começou a deixar de se preocupar e de seguir o marido. Começou a ter raiva do marido. Sentimentos de revolta.</p> <p>Na viagem que fizeram a Nova Iorque, o marido começou a comportar-se como um adolescente e não queria que a participante o acompanhasse numa viagem ao Brasil.</p> <p>O marido queria se sentir livre, a participante ficou muito zangada.</p> <p>Antes da viagem a mãe da participante morreu, durante o funeral o marido estava preocupado de quanto dinheiro havia na conta da sua sogra.</p>	<p>justificações e expliquei-lhe tudo o que aconteceu nesse dia e que tinha uma testemunha...mas pronto.</p> <p>Bem, vamos avançar para o acidente, senão não saímos daqui. Isto tudo fez com que a minha cabeça...ah entretanto eu trouxe do Brasil os comprimidos, os comprimidos para me ajudar a emagrecer. Eram umas anfetaminas com não sei quê...e aqueles comprimidos faziam com que eu não conseguisse dormir, então estava muito agitada e fazia tudo...limpava a casa, ajudava ali, sentia-me a super mulher! Depois a minha auto-estima começou a levantar-se e a ver-me a emagrecer...só bebia água...O _____ começava a dizer que eu estava mais magra, mas eu...dizia assim «<i>Eu posso, eu consigo...</i>». A anfetamina...hoje eu sei que é uma droga e eu portanto, andava debaixo daquela quantidade de droga.</p> <p>Deixei de me preocupar, deixei de o seguir...mas comecei a ter aquele...comecei a sentir raiva dele! Fizeste-me mal...és mau! Tiraste-me um braço, não me deixaste tratar...não queria saber a que horas ele chegava. Comecei a ter estes sentimentos percebe? Que ele ficasse igual a mim. De revolta...</p> <p>Uma coisa que passei...quando fomos a Nova Iorque, ele disse ao D. que ia com o irmão e umas amigas do irmão para o Brasil e precisava de comprar roupa para ir para o Brasil. E eu disse «<i>Vocês vão as compras salvo seja...eu e o D.M também vamos!</i>» e ele «<i>Claro, vamos todos, mas o D. é que me vai ajudar a comprar roupa</i>». E ele começou a querer comprar roupa da Tommy hilfiger, e eu disse «<i>Com 40 anos, agora é que queres comprar roupa da tommy hilfige?</i>» «<i>Sim porque eu vou com raparigas novas</i>». E eu, «<i>então mas eu não vou contigo?</i>» E ele «<i>Não!</i>». Ele disse que era uma viagem que eu não ia, que ia fazer com o irmão, a namorada do irmão, irmã da namorada e com amigas novas...Não é que comprou mesmo a roupa? Eu fiquei sei saber...«<i>Então porquê que não queres que eu vá?</i>» ele «<i>Porque não. Porque eu quero-me divertir! Quero-me sentir livre</i>». Pronto...isto em Nova Iorque, fiquei muito zangada. Fiquei muito muito zangada...</p> <p>Como se não chegasse, portanto Nova Iorque em Dezembro e o _____ morre ou é morto em Janeiro. Antes a minha mãe tinha morrido, isto voltando um pouco atrás, estávamos no funeral da minha mãe e ele diz-me que vai a casa buscar o cartão multibanco da minha mãe para ver quanto dinheiro é que ela tinha no</p>	<p>Medicação para emagrecer vs. Super-mulher (agitação)</p> <p>Aumento da auto-estima</p> <p>Sentimentos de raiva e revolta face ao marido</p> <p>Deterioração da relação</p> <p>Zanga</p> <p>Ausência de apoio emocional</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Deixou-a sozinha mais o filho mais novo, e foi comprar com o dinheiro da sogra um ipod.</p> <p>Refere que lhe fez muita confusão este comportamento, algo que a magoou.</p> <p>Na viagem a Nova Iorque, foi primeiro sozinha com o filho, o marido foi lá ter depois. Durante a sua ausência, ia telefonando para o apartamento para saber se o marido estava a dormir em casa.</p> <p>O filho D. ficava chateado pela participante se preocupar com o marido.</p> <p>Era Natal, comprou vários presentes para o marido.</p> <p>O marido não trazia nenhum presente. Ficaram magoados. O marido estava sempre a dormir.</p> <p>Dois dias depois do Natal, a participante foi passear com o filho mais novo. Quando chegou a casa o outro filho estava em pânico, queria falar com ele.</p>	<p>banco e ia à Fnac comprar um ipod...Eu disse «<i>Não estou acreditar no que estás a dizer...</i>» e ele «<i>Sim, porque depois a conta da tua mãe está só no nome dela e tua e depois o banco fica com o dinheiro e não sei quando dinheiro a tua mãe tem. Tu sabes?</i>» E foi...deixou-me sozinha com o D.M., foi buscar o cartão da minha mãe e foi para a Fnac...chegou 3 horas depois com um ipod xpto, que tinha ido pôr a casa e disse que já tinha comprado. Aquilo foi uma coisa, que ainda hoje me faz imensa confusão e me doeu. Trouxe o saldo de quanto tinha...mudou o código, porque eu lhe disse o código...eu que estúpida...enfim isso é para trás.</p> <p>Em Nova Iorque, fui primeiro sozinha com o D.M., fiz lá o meu aniversário com o D. e as colegas dele...aqueles dias recordo, os três, como se fosse hoje...e eu à meia-noite, como ligava sempre, eram 5h da manhã aqui, ligava para a portaria e o porteiro que tivesse de serviço perguntava se o meu marido tinha chegado bem a casa. Diziam-me que ele não tinha ido dormir...Aqueles dias que não estive comigo, eu fui no dia 16 e o _____ só chegou no dia 24...portanto nunca dormiu em casa nesses dias e o D. ficava piurso... reclamava imenso comigo. Chegou...muito mal-encarado e muito cansado, eu tinha ido a uma loja e comprei discos de música jazz que ele gostava, era um presente meu, do D.M. e do D. para o _____ de Natal, porque ele gostava muito de musica e daqueles cd's. Quando o _____ chegou supostamente iria ter os nossos presentes ou iria comprar, pois nestes anos todos ele sempre ofereceu presentes a nós, nem que fosse só uma coisa não é? Vinha de mãos abanar, como se costuma dizer e o D.M. assim «<i>Já compraste o meu presente? Amanhã já é natal!</i>». Ficámos assim um bocado...sempre a dormir...Não é que o homem, deus que me perdoe, incentivei ele ir com o D. ir comprar um vinho. Quando chegou vinha com umas pastilhas que me disse que era para a ressaca. Eu não sei como aquilo se chama, que ele lá trouxe...</p> <p>Dois dias depois eu saí com o D.M. e o D ficou, com o _____, ficaram a ouvir os cd's, fui dar uma volta e tomar um café, fui comprar uma coisa para o D.M. E quando volto, não demorei muito tempo...abro a porta e vejo o D. com olhos de choro e diz «<i>Mãe quero falar consigo, preciso de falar consigo!</i>». Fomos conversar, e diz o D. assim: «<i>Mãe o _____ está completamente louco, enlouqueceu, a mãe tem que se separar do _____ e é assim, não vamos agora à</i></p>	<p>face a perda significativa (mãe)</p> <p>Sentimentos de abandono e despreocupação do marido</p> <p>Perseguição vs. Preocupação</p> <p>Deterioração da relação vs. Mágoa</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Refere que o filho lhe disse que o marido estava louco e que tentou o violar.</p> <p>Ao início a participante não queria acreditar. O filho referiu que não era mentiroso. Que ele ou estava doido, drogado ou bêbado, tentou o agarrar.</p> <p>A participante teve vontade de dar cabo dele. Confrontou-o com a situação, ele defendeu-se que estava alcoolizado.</p> <p>O marido da participante queria ir embora, mas a participante não deixou por causa do filho mais novo.</p> <p>Nunca mais houve ambiente para conversas.</p> <p>Em tribunal a participante não contou nada, devido à vergonha que o filho pudesse passar.</p> <p>Refere que o motorista do marido era um brasileiro que ambos tinham um negócio de drogas.</p> <p>Pl encontrou uns saquinhos que ele dizia que era um pó para conservar as maçãs (da empresa). Mais tarde veio a saber que o marido estava a dever imenso dinheiro ao motorista. Diz que não tinha programado nada no dia</p>	<p><i>policia porque estamos nos Estados Unidos, porque o _____ tentou-me violar!»</i> E eu disse «<i>D. eu não acredito nisso...</i>» e ele «<i>Mãe eu não sou mentiroso!</i>» e eu «<i>Então mas tentou violar como?</i>», ele «<i>O homem está doido, ou o homem está bêbado ou se droga...ou passou-se. Ele que me viu crescer agarrou-se a mim e se não fosse eu dar-lhe um pontapé ele violava-me. Tentou agarrar-me, beijar-me e não sei quê...</i>».</p> <p>Eu disse que ia dar cabo dele...tentou acalmar-me e para eu pensar no D.M., que ele ia perceber. Eu tive que entrar e confronta-lo, pedi desculpas mas eu disse que as desculpas evitam-se...perguntei o que se passava e ele disse que tinha bebido de mais e que a cabeça não estava bem...Querida ir embora, mas eu disse que não, por causa do Natal e da passagem de ano que ele disse que ia passar com o filho - «<i>Tanto vais se for no dia 1, podes ir sozinho e eu vou na véspera das aulas do D.M.. Vais ficar pelo nosso filho pequenino, porque ele vai ficar muito confuso do porquê de te ires embora. E a partir de agora o D.M. vai dormir na cama com o D. e tu vais dormir no chão!</i>».</p> <p>Claro, depois nunca mais houve ambiente de conversas nem de nada, o D. dizia bom dia ou boa tarde. Na noite de fim de ano, fomos jantar num restaurante, tudo muito calado.</p> <p>Em tribunal o D. pediu para não contar nada, que era tudo uma vergonha, por causa das revistas, dos amigos, do D.M...não disse nada, fui bem vestida, fui acusada de ir para à ópera...os advogados disseram para eu não dizer nada...</p> <p>Bem...este motorista, andava com ele, era brasileiro, apresentou-lhe as amigas...eu ligava para o motorista dizia que estava tudo bem, para eu não me preocupar.</p> <p>O _____ veio do Brasil trouxe cocaína e deu ao motorista para vender, eu vim descobrir isto, porque ao ir limpar um casaco, para manda-lo para a lavandaria e fui mexer no bolso do casaco e vejo um pacotinho e vejo uma coisa branca, até liguei para um dos sócios a perguntar o que era, porque o _____ dizia que era para conservar as maçãs e confirmaram-me. Eu não sabia nada daquilo, era o pó para conservar as maçãs. Ele é que estava no transporte das maçãs...mais tarde venho a saber pelo brasileiro que era ele que lhe vendia os pacotinhos e que estava a dever imenso dinheiro e que não tinha para pagar, portanto...o que é que acontece?</p>	<p>Tentativa de violação ao filho</p> <p>Confrontação</p> <p>Desilusão vs. Alcoolismo</p> <p>Incapacidade de viver sem o outro</p> <p>Deterioração do relacionamento familiar</p> <p>Vergonha medo de expor publicamente</p> <p>Atribuição de culpa ao motorista vs. Tráfico de Droga</p> <p>Desculpabilização do crime</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>da tragédia em que o marido morreu.</p> <p>Desde da viagem a Nova Iorque que P1 e o marido deixaram de partilhar o mesmo quarto. Ficaram de conversar, possivelmente para pedir o divórcio.</p> <p>Ainda fizeram duas viagens antes do marido falecer. O ambiente estava normal.</p> <p>Tem a sensação que o marido tinha dupla personalidade.</p> <p>Acha que o marido queria aproveitar a vida, mas também queria estabilidade de um homem trabalhador.</p> <p>Na manhã da tragédia, a participante pensou que tinha de se vingar. O facto de o marido achar que o braço parecer um pénis e chama-la de gorda fez com que tivesse este tipo de sentimentos de vingança.</p> <p>Refere que a sua auto-estima bateu no chão. Tinha de engolir tudo sem falar com ninguém.</p>	<p>No dia que se deu a tragédia eu não tinha programado nada...Naquele dia o _____ andava...já não dormia comigo, deixou sem dizer nada, passou a dormir na cama do D...depois passou as coisas do wc para o wc do D...Dizia que tínhamos de conversar um dia destes, a conversa era um pedido de divórcio que nunca me chegou a pedir! Nunca!...</p> <p>Fomos à Holanda, levamos o D.M e estava tudo bem...estávamos bem. A seguir fomos...aquela cidade lindíssima com o rio...ai ajude-me...</p> <p>E – Veneza? P1 – Sim, Veneza! Fomos a Veneza, ele tinha um trabalho para fazer ali perto e ficámos perto de Veneza...</p> <p>Fizemos essas 2 viagens, porque no julgamento falaram nisso, perguntaram se fizemos essas viagens não estava tudo bem ou se não estava tudo bem o porquê de fazermos essas viagens...O irmão dele disse inclusive no tribunal que ele tinha que amansar a fera...Não percebi isto, diz que antes de me pedir o divórcio tinha que amansar a fera...Eu acho que a minha sensação é que o _____ tinha dupla personalidade. O _____ queria e não queria...queria tudo pelo bem-estar que eu lhe dava e queria viver aquilo que nunca tinha vivido antes com o irmão, com as amigas, as ex-namoradas do irmão pois era uma cada dia diferente, tocar ali e tocar aqui...portanto tinha assim uma dupla personalidade. Queria assumir uma vida de andar na empresa e ser trabalhador, mas também queria ser o homem do piano e da banda e eu não sei, não percebi que ele queria. Queria a rapariguinha nova e a mãe do filho. Queria dinheiro rapidamente, mas tinha imensas dívidas, tive que pagar dívidas durante 4 anos aqui...estava tudo por pagar.</p> <p>Eu...naquele dia de manhã pensei... <i>«Tens de levar uma tarefa, porque eu tenho de me vingar! Vais ficar com um braço igual ao meu»</i>, porque eu estava farta de ouvir que o meu braço parecia um pénis...um pénis! Que eu era a M. gorda...M. Gorda...Depois chamadas que eu ouvia do telefone, mensagens que eu via quando ele esquecia de meter código – Então a M. gorda saiu? A M. gorda tem-te chateado...</p> <p>E – P1 sentiu que sofreu de algum tipo de violência? Violência Psicológica? P1 – Sim sem dúvida! Sem dúvida alguma. A minha auto-estima bateu no chão várias vezes. E sem dizer</p>	<p>Crime não premeditado</p> <p>Possível separação</p> <p>Sentimentos confusos relativamente ao marido</p> <p>Procura de Vingança pela humilhação</p> <p>Baixa Auto-Estima /Ausência de apoio emocional</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Acha que perdeu muito em não contar toda a sua história em tribunal.</p> <p>Não falou por vergonha, não estava preparada. Fez pior em tribunal.</p> <p>Sofreu pressões psicológicas por parte do marido. Até que lhe deu um clique.</p> <p>Não queria que ele fosse morto, queria que lhe dessem uma tarefa que ficasse igual à participante.</p> <p>Arrependeu-se de dizer que se as coisas corressem mal ela não queria saber.</p> <p>Tentou telefonar durante o ato para que não fizessem nada. Não foi a tempo.</p> <p>Refere que não tem necessidade de me estar a mentir.</p> <p>P1 refere que o homem com quem combinou dar uma tarefa ao marido, utilizou um gorro para não mostrar a cara, pois supostamente não era para o ver morto.</p>	<p>nada a ninguém...e a engolir...percebe? E foi isso que eu sofri.</p> <p>Só que a minha pena não...eu hoje tinha-me defendido em tribunal, hoje tinha contado a verdade. Os pais dele não sabiam o que o filho fazia, eu própria vejo o meu filho de uma maneira, que se me disserem que o meu filho fiz isto desta maneira eu posso não acreditar, mas eu não sei o que é que ele faz... eu perdi muito por não falar a verdade.</p> <p>Não falei por vergonha, não estava preparada. A minha educação não estava preparada, calei-me! Tinha vergonha e fiz o pior que se podia fazer em tribunal. Pedi para trazerem-me o casaco de pele branca...bem arranjada, tipo vestida do melhor... em vez de dizer que sofri depressão, pressões psicológicas por parte do meu marido, que até um dia me deu o clique. Um clique que...não foi pregar a palavra quero-o ver morto e bem morto, não não foi...foi «<i>Dêem-lhe uma tarefa se faz favor, dêem-lhe um braço igual ao meu, para ele ver o que é isso...</i>». E o brasileiro perguntou-me assim «<i>E se corre mal?</i>» e eu respondi «<i>Não quero saber...se correr mal, corre mal</i>».</p> <p>Foi exatamente assim! Mas depois, arrependi-me...E depois quando faço 2 telefonemas e digo «_____, diga ao homem para não fazer nada...». Fiz outra chamada a dizer o mesmo...e no segundo...no primeiro ele não diz nada, mas no segundo ele diz assim «<i>Já não posso fazer nada</i>». O juiz sabe o que me diz? Disse «<i>Com os telefonemas que fez, o segundo deve ter sido para perguntar – “Já está?”</i>». Mas não foi...não foi... Foi para eles não fazerem nada. E eu agora com 9 anos e 4 meses de cadeia, falta pouco para chegar ao meio da pena e poderá estar quase para me darem uma precária, eu não tinha...a minha psicóloga sabe disso, eu não tinha necessidade nenhuma de lhe estar a mentir...mas pelo menos a minha consciência e Deus está presente e sabe que é verdade.</p> <p>Mas o que é que acontece...o homem que o matou e da maneira que o fez, que eu peço...que horror...mete-lhe um saco plástico na cabeça...uma pessoa que vai matar outra vai com um gorro na cabeça para não mostrar a cara? Então supostamente o _____ chega cá à porta e liga para ele, para o motorista, fala com ele, pergunta se ele está na porta. O juiz sabe que eles falaram...e ele estava com aqueles...na cara...não ia mata-lo! Se fosse para matar</p>	<p>Revolta/Culpa</p> <p>Sentimentos de Vergonha</p> <p>Depressão/ Pressões psicológicas por parte do marido</p> <p>Vingança/ Sem percepção das consequências</p> <p>Arrependimento</p> <p>Percepção que não acreditaram na sua palavra/ Ênfase na consciência e crença religiosa</p> <p>Sentimentos de injustiça / Desculpabilizaçã o</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Diz que foi mal defendida em tribunal.</p> <p>Quando o marido morreu, refere que faz de conta que também ela morreu, devido à pena que levou. A pena que levou deveu-se a sua culpa por não ter falado.</p> <p>Não sente odio pelo marido.</p> <p>Arrepende-se e lastima o filho ter ficado sem pai. Arrepende-se porque não sofreu violência física. No entanto, a violência psicológica também dói</p> <p>Refere que foi uma violência psicológica seguida de uma amputação de um braço, da perda da mãe e de um filho dizer que o padrasto o tentou violar.</p> <p>Sentiu-se aflita, no fundo não queria o que aconteceu.</p> <p>Desmaiou quando soube que havia um morto no prédio. Foi internada, chorou bastante e delirou.</p>	<p>não precisava de ir com uma coisa na cabeça, então para quê? Se era para matar, o morto não falava não é? Até isso se vê por aí...mas eu fui mal defendida, não falei...sabe porquê?</p> <p>Ele morreu e eu faço de contas que também morri...apanhei estes anos todos e para compensar aquilo que eu mandei fazer e correu mal, resignei-me há minha pena que foi por minha culpa por não ter dito tudo, resignei-me e calei-me por me ter calado.</p> <p>Mas eu não tinha assim tanto odio nem consigo ter tanto odio porque era pai do meu filho. E lastimo o meu filho ter ficado sem pai, tenho muita muita pena...culpabilizo-me muito por isso, havia outras maneiras.</p> <p>Estou muito arrependida, porque realmente ele nunca me bateu, mas não é só a pancada física que dói, a psicológica também dói...mas as pessoas tendem a valorizar mais a física do que a psíquica, porque a psíquica não é mensurável, não é visível...mas no meu caso eu senti muito a psíquica. Porque foi uma psíquica seguida de uma amputação de um braço, seguida da perda da mãe, e de ouvir de um filho que ele tentou beijar e agarrar e não sei quê... isto tudo não aguenta. Muito forte fui eu!</p> <p>E – Como é que se sentiu no momento antes da chamada? Como se sentiu antes e depois de saber que as coisas correram mal... P1 – Que ele estava morto?</p> <p>E – Sim, que já não havia volta a dar... P1 – Antes da chamada fiquei aflita...não ai eu não quero isto! Que horror o que eu fui fazer...não quero isto! E então quis mesmo que eles não fizessem mal, não queria que eles fizessem nada...Porque eu sabia que nós nos íamos divorciar. Ele tinha combinado comigo que ia conversar, e eu sabia que ele ia-me pedir o divórcio, por isso eu não queria...não queria mesmo.</p> <p>Quando me disseram que havia um homem morto no 3º andar...desmaiei. Desmaiei, tive em oxigénio no INEM e fui para o hospital das Descobertas...E chorei chorei chorei. Delirei...fui medicada no hospital, olhe desejei morrer também. No dia do velório cheguei ao pé da minha sogra de disse «<i>Perdoe-me por favor!</i>» e</p>	<p>Culpa vs. Desculpabilização</p> <p>Arrependimento e culpa face ao crime pelo filho</p> <p>Violência psicológica</p> <p>Arrependimento</p> <p>Justificação do crime pelo sofrimento psicológico/lutos (perda da mãe e perda de um braço)</p> <p>Impotência/ Percepção de outras escolhas</p> <p>Vitimização – Desmaio quando soube da morte</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>No velório pediu perdão à sogra.</p> <p>Tem consciência que ela ao mandar bater no seu marido sabe que deu ordens para acontecer de tudo. No entanto, acha que o motorista abusou.</p> <p>Antes do ato, refere que não era ela própria. Depois voltou a ser ela. Teve um clique.</p> <p>Sentimentos de vingança fizeram com que tivesse o clique. Mas não odeia ninguém.</p> <p>Se pudesse voltar atrás refere que não tinha feito nada. Tinha-se divorciado.</p> <p>Refere que criou muitas vítimas.</p> <p>Tem a percepção que está a perder anos de vida e não apoia o seu filho</p> <p>P1 refere que o marido não merecia aquilo que ela fez. Acha q se iam separar.</p> <p>Sente-se injustiçada, pois está a pagar pelo crime sozinha e não foi</p>	<p>ela perguntou-me porquê e eu disse para ela me perdoar e ela disse «<i>Quem perdoa é Deus, mas o que você fez para eu perdoar?</i>».</p> <p>E – Como compara esse sentimento, ao sentimento de quando mandou fazer aquilo ao seu marido? P1 – Sim, no fundo eu mandei bater e dei asas para se corresse mal...paciência, façam o que quiserem...eu no fundo dei-lhes cabo para...Mas também, o brasileiro abusou, porque havia ali dinheiro que ele tinha de pagar e não tinha para pagar não é? Mas qual foi a pergunta Dra., desculpe?</p> <p>E – Como se sentiu? Como compara o seu sentimento do depois, esse sentimento de tristeza, com o sentimento de quando mandou baterem no seu marido? P1 – Antes não era eu. Depois, voltei a ser eu. Portanto a minha cabeça, antes, a minha cabeça teve um clique. Um clique muito rápido, foi um sentimento que eu tive e peço a Deus para não voltar a ter mais, porque acho que este tipo de sentimento aparece uma vez na vida.</p> <p>E – Descreve como o quê? Sentimento de vingança? P1 – Sim. Uma vingança, sim! Mas hoje o meu coração...tenho saudades dele. Não sinto...os meus sogros odeiam-me, mas eu não sinto isso por eles...não sinto isso nem por eles, nem por ninguém...</p> <p>E – Se pudesse voltar atrás? P1 – Ai não tinha feito nada...que horror! Deus me livre...Tinha me divorciado, queria o divorcio. Já viu quantas vitimas que eu criei? Separei os irmãos, deixei o meu filho sozinho com os avos, que são muito mais velhos e ele não convivia. Só conviveu 5 ou 6 meses... Estou aqui a perder anos de vida. Podia ter uma vida boa com os meus filhos, tenho o D. sozinho, cheio de traumas, que é super sensível, que chora e diz «<i>Mãe preciso de si</i>», com 30 anos...e as pessoas que mais adoro e que amo incondicionalmente é que sofrem com aquilo...por aquilo que eu fiz, por uma pessoa que não merecia.</p> <p>Não merecia, ele merecia estar vivo e estar longe, na vida dele, porque ele ia se arrepender sozinho, ia sofrer...no fundo o _____ ia sofrer porque sozinho, ele não ia ser feliz porque não ia estar com o filho, o filho ia estar sempre comigo e ninguém...Deus deu-nos a vida, Deus é que tem de nos tirar a vida, eu não devia ter tirado...o brasileiro teve 1 ano cá foi para o brasil e já está em liberdade...a vida é injusta, a justiça</p>	<p>Procura de Perdão</p> <p>Culpa vs. Desculpabilização</p> <p>Sentimentos fora de si/ impulso</p> <p>Sentimentos de vingança como justificação do crime</p> <p>Desejo de alteração do acontecimento/ Arrependimento</p> <p>Consciencialização dos danos causados</p> <p>Culpa/ Arrependimento</p> <p>Auto-reflexão</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>ela que cometeu o ato propriamente dito. A família colocou-a de lado, dizem quem envergonhou o nome da família</p> <p>A sua adaptação à prisão foi má, não era aceite.</p> <p>Não aceitava o facto de estar com pessoas que cometeram mesmo o ato de matar. Não sente que esteja na classe dos homicidas, pois não esteve lá nem viu.</p> <p>Pode ser covarde, mas era incapaz de matar.</p> <p>Assustou-se bastante, teve internada no hospital psiquiátrico.</p> <p>Vê-se no futuro a fazer voluntariado e missões.</p> <p>Quer reaver o filho.</p>	<p>é injusta...e eu acabo por ser a má da fita quando tenho bom coração e...a minha família pôs-me toda de lado, dizem que eu envergonhei o nome da família...e...já viu as vitimas que eu provoquei?</p> <p>E – E como foi para si estar aqui? Como foi a sua adaptação?</p> <p>P1 – Ao início foi muito mau. Porque as pessoas não me aceitavam, não...porque aí varias pessoas com crimes iguais ao meu, quer dizer, mataram mesmo, não sei...nem sequer consigo conceber, pronto. Nem consigo, as pessoas dizem mesmo «<i>Ah matei, fiz facadas, cortei, pus na porta-bagagem...queimei</i>» ai que horror, isso faz-me tanta confusão, que quando falam em homicidas, eu digo assim, ai meu deus estou nessa classe, e não sinto isso. É complicado...não tive no ato, não vi, nem era capaz de fazer. Pode-me chamar covarde, mas era uma coisa que eu não conseguia fazer, sou incapaz de matar uma barata...Difícil, quando entrei vi estas pessoas e pensei onde é que moram estas pessoas, onde é que andam que eu nunca vi estas caras? Assustei-me, portanto que tive por duas vezes, dois semestres fora daqui, tive em Caxias, no hospital psiquiátrico. Não a tomar medicação, não! Porque eu não gosto de medicação...</p> <p>E – E o que prevê no seu futuro?</p> <p>P1 – O meu futuro está muito claro. É assim, eu quero fazer voluntariado, e missões. A associação Dar a Mão, já me abriu a porta e é exatamente isso que eu quero fazer. Quero ir às cadeias, quero juntar-me à associação, quero ir junto de missionários com quem eu recebo a revista A li Mar, quero fazer duas missões, para saber como é que é...e é só isso que quero fazer. Quero reaver o meu filho, primeiro que tudo, tenho sabido dele por outras pessoas, sei que ele chorou durante 1 ano que me queria ver, que os avos não deixaram...sei que ele me quer ver mas que não diz, porque os avos se zangam com ele, portanto tenho a certeza absoluta que mal eu saia vou procura-lo e sei que ele me vai aceitar. Portanto, tem óptima notas, é super educado, é lindíssimo, tenho fotografia que recebi na semana passada, está um rapaz de 16 anos, lindo lindo...é a minha cara, estou muito feliz por ser parecido comigo, é uma referência que fica depois...</p> <p>E – Obrigada pela sua participação.</p> <p>P1 – De nada. Obrigada também a si.</p>	<p>Vergonha do olhar do outro (família) Ausência/perda de apoio familiar</p> <p>Auto-reflexão: Incapacidade de identificação às Homicidas</p> <p>Internamento na ala psiquiatra</p> <p>Força pessoal</p> <p>Valorização do filho</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Entrevista Participante 2 – 46 minutos de duração.

Apontamentos/ Comentários	Texto original	Significado Psicológico
<p>Participante tem 38 anos, Três Filhos, dois dos filhos fazem tratamento no hospital</p> <p>Conta que foi abandonada pela mãe. Mas mais tarde a mãe foi busca-la e ao irmão mais novo. Explica que sente que o casamento foi arranjado pela mãe.</p> <p>O pai faleceu e o irmão foi preso.</p> <p>Explica que sempre fez tudo para cuidar do irmão, nunca teve ajuda da mãe.</p> <p>Refere que a mãe sempre foi afastada dos filhos. Apesar de ser ela que ficou com os seus filhos</p> <p>P2 não conseguiu proporcionar melhores condições ao filho, porque foi borlada, agredida e assediada na prisão.</p> <p>Explica que sentia que tinha poucas ajudas para cuidar dos filhos, principalmente do marido. Conta que trabalhava muito, tinha pouco tempo livre. Era auxiliar de um lar de idosos.</p>	<p>E -Vamos começar a entrevista, obrigada pela sua participação nesta investigação. P2- Sim. E – Diga-me a sua idade? Se tem filhos? P2- 38 anos, tenho 3 filhos. Sou de _____. O mais velho tem 19 anos, outra com 13 e outro menino com 11 anos. Os dois mais novos fazem tratamento no Hospital Santa Maria, que têm problemas nos ossos, então fazem medicação injetável.</p> <p>E – P. fale-me como era constituído o seu agregado familiar, como era o ambiente familiar? P2 – A minha mãe, deixou o meu pai...deixou-nos quando eramos pequenos, e depois...eramos 6 irmãos, 5 rapazes e uma rapariga. Depois foi-me buscar a mim e ao meu irmão mais novo. Entretanto ela juntou-se com um rapaz, que depois era meu cunhado, irmão do meu marido. Praticamente o meu casamento foi arranjado por ela. Depois o meu pai faleceu, e entretanto o meu irmão esteve preso em Coimbra, era eu que ajudava tudo, ia às visitas, dava-lhe de comer, dava tudo o que precisasse, pronto. A minha mãe nunca foi vê-lo, a minha mãe sempre foi afastada praticamente da gente. Só à coisa de 4 anos que o meu irmão morreu por toxicod dependência, que deixou um menino, é que ela se aproximou um pouco mais da gente. E depois, entretanto quando eu vim presa ficou com os meus filhos...para não irem para uma instituição. Depois o meu filho mais velho fez um curso, deu na escola equivalência ao 12ºano, era para ir para a universidade mas não chegou a ir porque eu fui borlada aqui na cadeia, além de ser borlada ainda fui agredida, às vezes sou assediada...</p> <p>Os meus irmãos iam há minha casa, a minha cunhada que é madrinha do meu filho mais novo, que era onde eu o deixava, porque o meu marido trabalhava nas obras, mas nunca ia buscar os filhos nem à escola, nem nada, tinha que me desenrascar sempre para deixar os meus filhos, além de eu trabalhar num lar de idosos de ação direta, ia à casa das senhoras tratar delas ia depois fora do meu horário de trabalho ou nas minhas folgas, porque nós tínhamos pedido um empréstimo ao banco</p>	<p>Abandono vs. Submissão</p> <p>Casamento arranjado</p> <p>Perda significativa (Pai/ Irmão preso)</p> <p>Força pessoal para as tarefas mas pouco apoio</p> <p>Impotência/ Desculpabilização</p> <p>Vitimização</p> <p>Solidão face à família</p> <p>Força pessoal para as tarefas mas pouco apoio emocional e familiar</p>

<p>Explica que na altura começou a cuidar do cunhado que teve um acidente e além disso tinha de continuar a trabalhar.</p> <p>Sentia-se subcarregada, começou a tomar antidepressivos. Não tinha tempo para nada.</p> <p>Não era ajudada pela família nem pela família do marido.</p> <p>Era ameaçada pelo marido.</p> <p>Refere que tinha todas as responsabilidades, tanto financeiras como familiares.</p> <p>Está 2 anos e 10 meses que está presa.</p> <p>Conta que estava junta com o marido desde os seus 18/19 anos. O marido gastava o dinheiro todo na bebida.</p> <p>Tentou sair de casa, tinha medo mas pelos filhos voltou para casa.</p> <p>Era agredida antes e depois de ter o primeiro filho.</p>	<p>para comprar a casa e a carrinha, porque depois o irmão dele teve um acidente a jogar à bola, ficou até paraplégico porque apanhou a medula e praticamente ficou um vegetal e que, tinha de se dar a medicação, dar-lhe de comer, dar-lhe injeções, limpar as fezes, trata-lo, dar-lhe banho...era muito...estava já muito subcarregada.</p> <p>Comecei a ficar com uma depressão. Só que entretanto fui à médica de família, para ela marcar para a psiquiatra que demorava cerca de 1 ano e meio, e ela receitou medicação. E entretanto, eu ia fazendo a medicação mas como já não tinha muito tempo, porque mal tinha tempo para dormir e comer, era trabalho-casa e ir tratar do meu cunhado durante 3 anos, a família do lado do meu marido não ajudava, era tudo eu, o meu marido começou a chegar ameaçar-me telefonar para o lar, para eu não ir, pois tendo o irmão dele para cuidar, porque ele tinha de ser tratado de 3 em 3 horas. Eu é que ia ao médico com ele, à fisioterapia, isso tudo... Depois a família, dizia que não tinham obrigação, eu é que tinha obrigação e entretanto aí entrou a médica com a segurança social para arranjar um sítio com habilitação para ver se ele conseguia descansar, enquanto não arranjavam um sítio, mandavam uma pessoa de manhã e à tarde. A família não queria dar ajuda portanto, eu é que pagava tudo, com pouco da reforma dele, tinha de trabalhar e já não tinha tempo para nada.</p> <p>E – Que idade é que a P. tinha nessa altura? P2 – Então, eu fiz 38 anos agora, tinha para aí uns 36. Estou há 2 anos e 10 meses presa. Quando me juntei com o meu marido tinha 18/19 anos, que foi quando eu tive o mais velho...ele não queria que eu trabalhasse e assim, depois o dinheiro que ele arranjava era para a bebedeira, às vezes...uma vez ele gastou o dinheiro todo para a renda da casa, e eu uma vez tentei abalar de casa mas ele foi atrás e a minha mãe com medo, disse que eu tinha de ir, que ele era o pai do meu filho e que eu tinha medo que ele me fizesse mal, mas ele prometeu que não fazia mal e eu não fui embora.</p> <p>Entretanto eu tomava a pilula mas fiz uma medicação que não sabia, cortou o efeito e fiquei grávida.</p> <p>Só que depois, ele começava à mesma na bebedeira e a tratar mal o meu filho que era pequenino, faz agora 20 anos em Maio, ele não sabe o que é...o pai nunca</p>	<p>Subcarregada/ Depressão</p> <p>Força pessoal para as tarefas mas pouco apoio</p> <p>Ameaçada pelo Marido/Medo</p> <p>Ausência de apoio vs. Responsabilidade</p> <p>Alcoolismo do Marido Vs. Medo do marido</p> <p>Medo face ao marido Tentativas de fugas não sucedidas</p> <p>Gravidez não planeada</p> <p>Maus-tratos ao filho/ Alcoolismo</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>O filho também era mal tratado por ele, não sabe o significado de amor de pai.</p> <p>Tinha de arranjar outras soluções quando estava a trabalhar para ficarem com o filho, a sogra não ficava com ele.</p> <p>Engravidou depois de comprarem a casa, foi agredida e teve um aborto. Nunca apresentou queixa.</p> <p>Desde há muito tempo que sofria de violência. Nunca fez queixa por ter medo que lhe retirassem o filho. Tem muitas marcas no corpo das agressões.</p> <p>Engravidou novamente, era incapaz de provocar um aborto. A mãe disse-lhe para fazer um aborto.</p> <p>O marido vinha sempre bêbado depois de ir à pesca.</p> <p>Tinha de arranjar maneira para proteger os filhos e para alguém ficar com eles enquanto trabalhava.</p> <p>Sente mais ajuda da madrinha do filho, das colegas e dos idosos.</p>	<p>lhe deu um beijo, o pai nunca o chamava por filho, tava sempre a coiso...</p> <p>e eu entrava no centro as 8h, tinha que pedir às continas porque a minha sogra mora mesmo ao pé, nunca foi capaz de ficar com o neto para nada...e então às vezes quando ele saía da escola ele ia para o supermercado ajudar a senhora do supermercado porque a Júlia gostava muito dele, gostava de ajudar, ele fazia as contas, pesava tudo e ajudava as idosas e levava as coisas a casa e via quando eu viesse do trabalho e era assim, ou às vezes tinha tempo livre, ou quando vinha os meus irmãos antes de nós comprarmos casa.</p> <p>Compramos casa na _____, tínhamos o empréstimo. Aí eu engravidei, ele deu-me um pontapé e eu..., o feto saiu para fora e então fui para o hospital mas nunca apresentei queixa.</p> <p>E – Foi aí a primeira vez que ele a agrediu? P2 – Não, já me tinha agredido antes e mais vezes. A minha sogra sabia, só que eu com medo que a segurança social que me tirasse o meu filho, nunca fiz queixa. Tenho várias marcas no corpo mas nunca apresentei queixa e eu disse que trabalhava no lar e tinha feito esforço a mais, com medo que me dessem coiso. Abortei da minha _____...depois engravidei outra vez. Estes dois mais novos também foi, estava a tomar a pilula e engravidei. Entretanto a minha mãe disse-me «Ah Faz o aborto», mas eu disse que não, porque sou contra o aborto só em caso de uma criança tivesse defeituosa ou isso, porque não pediram ao mundo para vir não é? Onde comia 1, comia dois ou três. Tinha sempre os meus irmãos, iam lá ao fim de semana, iam à pesca com ele, e ele depois vinha sempre bêbado. Sempre a implicar e eu tinha que, a minha comadre ficava com o meu filho ia busca-lo ao colégio, eu comecei a pagar logo para ele ter vaga, aos 3 meses foram sempre para o colégio. Eu saía às 16h, tinha pessoas sempre ali por perto e ia, no verão ia sempre para as pinturas, pintava a casa às pessoas, limpava, tratava dos idosos e isso assim. Tinha muita ajuda dos idosos...</p> <p>Os meus filhos, da parte da minha mãe muito pouco fez...ela nunca me deu nada. Da parte do lado do pai também não, havia alturas que eles faziam anos, fazíamos festa e isso, tínhamos mais ajuda da madrinha do meu filho mais novo, do _____, e era das minhas colegas de trabalho e dos idosos que tinham</p>	<p>Ausência do amor de pai / marido com pouco afecto face ao filho</p> <p>Ausência de apoio da família</p> <p>Maus tratos físicos – Aborto traumático</p> <p>Impotência</p> <p>Agressões Repetidas</p> <p>Medo de perder o filho</p> <p>Gravidezes não planeadas</p> <p>Família presente apenas fisicamente/ Solidão</p> <p>Marido Alcoolizado</p> <p>Subcarregada/ Sozinha sem apoio</p> <p>Falta de Confiança para ajuda</p> <p>Necessidade de suporte/Falta de apoio</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>O marido era 9 anos mais velho. Não teve outro relacionamento amoroso com mais ninguém.</p> <p>P2 refere que não teve outros relacionamentos</p> <p>Não se queria casar, queria continuar a estudar. Conhecem o marido através da mãe.</p> <p>P2 pediu à mãe para ir para casa da avó, mãe de P2 não deixou.</p> <p>P2 não demonstra sentir grande laço afetivo pelo marido, porque ele a tratava mal.</p> <p>Refere que o filho não tinha amor do pai.</p> <p>Conta que o marido dizia que matava P2 e aos filhos.</p> <p>Começou a ter cada vez mais medo do marido. Preocupação com os filhos.</p> <p>Marido de P2 chegava alcoolizado a casa e acordava os filhos.</p>	<p>sempre uma prenda para eles. E às vezes levava o meu mais velho para o trabalho, trabalhava...</p> <p>E – Que diferença de idades tinha a P2 do seu marido? P2 – Tinha diferença de 9 anos. Ele era mais velho, 9 anos mais velho que eu.</p> <p>E - E P2 teve outros relacionamentos, na sua adolescência? P2 – Não. Eu estava a tirar um curso de Arte Gráficas, que era do centro de emprego e ele trabalhava no norte, porque a minha mãe estava junta com o irmão dele, e esse ficou paraplégico, o _____, e então ele começou a frequentar a casa, a sair com os meus irmãos, depois o irmão dele às vezes ia trabalhar e às vezes não, tinham sempre dinheiro e depois disse que queria juntar-se comigo, eu disse que não porque era muito nova e estava a estudar, nesse dia pedia há minha mãe para me ir embora, para a casa da minha avó que já faleceu, fez 2 meses, e ela não me deixou, praticamente foi um casamento arranjado.</p> <p>E – Como era os seus sentimentos perante ele? P2 – É assim, ele só vinha de 15 em 15 dias a casa. Trabalhava no norte, vinha e tinha...tinha aquele...gostava dele mas não era aquele coiso, porque ele tratava-me mal e queria tratar mal o meu filho e a mãe sabia, por isso tudo, ele ainda emprestava-me dinheiro, mas sabendo o que é o amor...não. O meu filho saber o que é o amor de um pai, não! O meu filho não sabe o que é comer à mesa, pronto. Tratava mal o meu filho. Ultimamente, antes de acontecer o que aconteceu, há alguns meses que ele já dizia ao meu compadre, ao padrinho do meu _____, que me ia matar, matava-me a mim e aos meus filhos. O meu compadre dizia «<i>não diga isso</i>», ele «<i>Vai ver, eu vou para a cadeia, mas eles não ficam a rir-se de mim</i>». E aí eu comecei a entrar ainda mais com medo, dos meus filhos, eu telefonava a toda a hora, o mais velho ficava em casa, aí já era maior, e às vezes ficava com os irmãos.</p> <p>E havia dias assim, ele vinha bêbado, acordava todo o mundo, os miúdos, o meu _____ tinha um terror, abalava a vestir e ia à madrinha, se fosse durante o dia e dizia «<i>inha venha, o meu pai está a tratar mal a minha mãe</i>» e isso assim, ou então fugia para cima, para o quarto do irmão e o irmão telefonavam às vezes</p>	<p>emocional dos familiares</p> <p>Ausência de outros relacionamentos</p> <p>Submissão Forçada a casar «Casamento Arranjado»</p> <p>Submissão marido e mãe</p> <p>Ausência de amor e Afecto</p> <p>Maus-Tratos</p> <p>Ausência do amor de pai / marido com pouco afecto face ao filho</p> <p>Maus tratos/Ameaças de Morte a ela e aos filhos Sentimentos de Medo/ Perda/ Medo da Separação dos filhos</p> <p>Alcoolismo</p> <p>Indiferença dos familiares/ Abandono</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Não tinha ninguém que a protegesse. Os familiares não se queriam meter</p>	<p>aos meus irmãos só que eles não se queriam meter não é? Às vezes estavam lá a comer ou isso, e ele começava-me a tratar mal ou isso e eles iam-se embora!</p>	
<p>Álcool, brigas com outras pessoas.</p>	<p>E – Foi desde sempre assim? Como era e como se sentia desde que se juntou com ele? P2 – Sim. Foi! Ele embebedava-se, ele ia...depois tinha brigas, ia buscar facas...para fazer mal às pessoas. Às vezes deixava-se cair e o irmão lá tinha de o ir buscar e levava-o para casa e foi sempre assim. Só que eu tinha medo que me tirassem os meus filhos. Protegia sempre os meus filhos mas...</p>	<p>Alcoolismo/ Agressividade/ Violência</p> <p>Medo de perder os filhos</p>
<p>Medo de perder os filhos.</p>	<p>E – O que pensou em fazer, nessas situações? P2 – É assim, eu já estava tao coisa que..., depois entretanto faleceu o meu irmão que deixou um menino com 9 meses, foi um grande choque porque tinha perdido o meu pai há pouco tempo e a minha cunhada como era cigana mas foi criada num colégio, não tinha dinheiro e ninguém queria pagar o funeral do meu irmão, a minha mãe dizia que não podia, os meus irmãos também que nada, então tive de ser eu a pagar. Entretanto, ela não tinha para onde ir, e eu disse «<i>Não, vais para minha casa, porque ele é meu sobrinho e não fica na rua</i>». E ele não queria, mas eu disse-lhe «<i>tanto o teu irmão tem direito de estar aqui, como a minha cunhada e o meu sobrinho, não os vou abandonar</i>». Entretanto estiveram lá 2 meses e depois ela arranjou trabalho num restaurante, arranjou uma casinha e foi...pronto. Mas quando eu tinha tempo disponível ajudava sempre buscar o meu sobrinho e a ela, sempre...pronto. Porque o meu filho mais novo tinha uma grande cegueira com ele, estava sempre «<i>mãe vamos buscar o _____, o _____ mãe</i>» e era assim.</p>	<p>Perdas Significativas (irmão e pai)</p> <p>Subcarregada/ Assistência familiar (cunhada)</p> <p>Força pessoal para as tarefas mas pouco apoio/</p>
<p>Quis ajudar a cunhada e o sobrinho que era muito pequeno. Mais ninguém quis ajudar.</p>	<p>E – Tinha medo de estar sozinha com ele? P2 – Sim! Mas como tinha ali a minha comadre, perto, e às vezes estava lá e, estava lá quando o meu filho estava na escola. Ou às vezes estava lá o irmão, ouvia as coisas...às vezes mandava-me calar, mas pronto era assim...</p>	<p>Necessidade de apoio/suporte</p> <p>Submissão</p>
<p>Medo de estar sozinha.</p>	<p>E – Quer me contar que tipo de abuso sofria? Algum em especial? P2 – É assim, ultimamente ne' obrigava-me a ter relações, já andava cansado ne'. Além de me obrigar a ter relações, ofendia-me...chamava-me de <i>puta</i>, que</p>	<p>Violência sexual/Ofensas/ violência física</p>
<p>Sofria abusos físicos, sexuais e psicológicos</p>		

<p>Ameaçava os filhos.</p> <p>Mentia às pessoas para não saberem que sofria de violência.</p> <p>Foram 20 anos de casamento.</p> <p>Ameaça de morte a ela e aos filhos. Estava alcoolizado.</p> <p>Tirou os filhos de casa, sabia que o filho mais velho não ia estar em casa.</p> <p>Recebeu uns medicamentos para dar ao marido e para ele ter um ataque cardíaco.</p> <p>Ele estava alcoolizado, ainda foi agredida.</p> <p>Sente que não estava consciente (no seu juízo) quando fez as coisas.</p> <p>Descreve que arranjou uns comprimidos para matar o marido, ele</p>	<p>eu já vinha de barriga cheia dos idosos e batia-me e, até...tinha relações comigo e depois, no outro dia de manhã dizia aos filhos que já me tinha batido <i>«É assim, se vocês não se portarem bem, hoje levam vocês! A vossa mãe já às pagou»</i>. Depois eu tinha marcas, mas eu dizia que era o meu filho mais pequeno que estava na brincadeira comigo, nem com a minha comadre eu desabafava, era tudo para mim. Ficava tudo para mim, não contava nada. A mãe dele sabia tudo o que se passava. Às vezes dizia assim <i>«Fosse comigo já te tinha deixado, ou já te tinha matado»</i>, mas não...não fazia nada...</p> <p>E – Quantos anos estiveram casados? P2 – Então, foram assim 20 anos juntos...até o dia que aconteceu a tragédia.</p> <p>E – Diga-me o que aconteceu para cometer o crime? Fale-me um pouco da sua experiência. P2 – Hum...nesse dia nós...ele foi à pesca com um irmão, já vinha perdido de bêbedo e disse que nos matava e eu com medo fui deixar o meu filho mais novo, porque o mais velho tinha a queima das fitas e ia deixa-lo na queima das fitas, e então a agência que fez o funeral do meu irmão, que eles foram chamados há judiciaria que eu fiz conhecimento, mas não sei porquê não foram a tribunal, que me deu uma medicação que diziam que eram uns comprimidos do Brasil que lhe davam um ataque cardíaco e que ele morria. E então, ele estava perdido de bêbedo, deixei a minha filha com a minha tia e deixei o meu filho com o meu irmão e o meu _____ ficou em casa até a hora de ir para a queima das fitas com os colegas. E eu ia sempre perguntando ao meu filho <i>«Está a dormir?»</i> E depois quando ele ia sair disse-lhe <i>«Quando saíres da queima das fitas, dizes à mãe que a mãe vai-te buscar»</i>. Nesse momento, antes ele ainda me agrediu e isso tudo, fiquei marcada na perna e comecei a pensar e depois os da agência disseram, que me davam a medicação mas eu tinha que dar em troca umas hormonas. E eu nesse momento...não sei o que me passou pela cabeça, aceitei em troca os comprimidos que me deram e pus-lhe no vinho. Ele bebeu mas, quando eu cheguei à meia-noite pois eu já fazia uma medicação mas antes vi que ele ainda estava acordado e tomei 4 comprimidos da depressão, estava assim meio avariada, ele ainda se levantou mas caiu e não sei...o que me deu, desliguei o gás, a água, a luz, tapei-o com um edredom, pus uma ligadura no atacador do</p>	<p>Ameaças</p> <p>Omissão das agressões/ Isolamento</p> <p>Ausência de Apoio</p> <p>Ameaças/ Medo de perder os filhos</p> <p>Alcoolismo do Marido</p> <p>Premeditação/ Planeamento do crime</p> <p>Agressões no dia do crime</p> <p>Sentimentos Fora de si</p> <p>Desespero/ Desculpabilização</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>bebeu mas P2 tomou comprimidos da depressão. Conta como o matou.</p> <p>Descreve que andou perdida antes de ir buscar o filho e os amigos à queima das fitas, adormecendo quando estava à espera.</p> <p>Telefonou para os bombeiros a dizer que a casa estava arder e deitou fora o cartão do telemóvel.</p> <p>Explica que foi para casa como se nada soubesse.</p> <p>Descreve que quando chegou a casa ainda não tinham visto o incêndio, a polícia/bombeiros tiveram de ir verificar se havia algum perigo.</p> <p>P2 refere que estava fora de si. Tremia toda. Não pensou nas consequências. Estava desesperada</p>	<p>sapato ao outro, e pus álcool por cima e com uns fósforos deitei fogo, fechei a casa, peguei no carro e fui-me embora.</p> <p>Andei para cima e para baixo, telefonei ao meu filho que não viesse para casa e ele «<i>Mas porquê? O pai já te bateu?</i>» E eu disse assim «<i>Não venhas para casa! Telefona-me quando saíres</i>» ele - «<i>Então vai para a do tio</i>», eu disse «<i>Tá bem</i>» mas não! Estacionei em frente à queima das fitas, acabei por adormecer e ele ligou-me «<i>Tu não estás na do tio, que eu liguei para o tio</i>» E eu disse que não, «<i>Não, estou aqui em frente ao coiso...</i>». Entretanto o meu irmão morava nos _____, fui até aos _____, mas ele nem deu por eu estar na porta, tive lá acabei por adormecer, o meu filho ligou-me para ir busca-lo, para o ir buscar e aos amigos à frente ao Pingo Doce porque o trânsito estava cortado. Fui levar os amigos a casa e isso tudo. Entretanto eu tinha outro telemóvel, telefonei a dizer que estava uma casa a arder e, estava em frente ao hotel D.Fernando e parti o cartão e deitei fora.</p> <p>Entretanto quando eu vim para baixo, o meu filho «<i>Mãe o que é que estás a fazer? O que é que tu fizeste? Deste cabo da nossa vida</i>» e eu «<i>Caluda</i>». Veio a ralar comigo, entretanto chegámos, já lá estava os bombeiro e a polícia, como as janelas eram de alumínio e as portas não saiu o fumo nenhum para fora. A polícia disse que não podia passar, mas eu disse que morava ali, e eles disseram «<i>Então mora a onde?</i>» e eu «<i>No 16</i>», «<i>É que nós recebemos uma chamada que a casa está a arder mas não vimos fogo, não vimos nada, nem fumo nem nada. Está alguém em casa?</i>» e eu digo assim «<i>Se estiver é o meu marido, se não saiu. Porque às vezes ele ficava mas depois saía. É que eu fui agora buscar o meu filho à queima das fitas</i>». Entretanto ele disse assim «<i>Então antes de abalarmos, temos de ir verificar</i>». Abrimos a porta do quintal, não se viu nada. Entretanto ele disse para abrir uma porta, mas essa porta estava avariada. E então, a outra porta abriu estava só no trinco, foi quando saiu as chamas e o coiso, mandou evacuar tudo, mandou sair e bater às portas para as pessoas tirarem os veículos e isso tudo.</p> <p>Nesse momento eu não estava em mim, tremia toda, não pensei nas consequências, nada... estava desesperada. O senhor, que era nosso vizinho perguntou se os meninos estavam em casa e entrou sem autorização, perguntaram pelos meninos e eu disse que não, que não estavam. Entretanto foi</p>	<p>Procedeu como se não soubesse de nada</p> <p>Sentimentos fora de si</p> <p>Sem previsão das consequências</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Descreve que foi chamada a Judiciária por estar um corpo dentro de casa.</p> <p>Refere que não viu o corpo, mas que não tinha queimaduras.</p> <p>A filha contou à polícia que sofriam de violência.</p> <p>Descreve que a Judiciária andaram a investigar o caso, a ver todos os sítios onde P2 esteve antes e depois do crime.</p> <p>Esteve de baixa psiquiatra durante 1 mês e depois decidiu ir trabalhar.</p> <p>Acha que foi através de uma chamada que teve com o irmão que a polícia desconfiou que tinha sido ela a matar o marido.</p> <p>Descrição dos acontecimentos das investigações da polícia judiciária.</p>	<p>chamado a Polícia Judiciaria, disse tudo, chamaram os de _____, depois os de ____, mas não eram competentes, então vieram os de Lisboa, a Policia Judiciaria de Lisboa e foi também o Sr. Hernâni, da televisão. E então depois o corpo...eu não cheguei a ver o corpo, tava...só sei que o meu irmão entrou lá dentro e diz que o corpo estava sentado atrás da porta da casa de banho mas não tinha queimaduras. Depois a Judiciaria levou-nos para o posto em _____, a mim e aos meus filhos para interrogatório, interrogaram-me a mim, aos meus filhos, aos meus irmãos, às pessoas que tinham estado lá com ele e entretanto interrogaram só há minha filha, porque ela coiso ne', disse que o pai a tratava mal, a ela e a mim, aos irmãos e aí ela começou a chorar e o Sr. Hernâni disse que já não fazia mais perguntas. Depois disso, pediram as chaves de casa, no dia a seguir andou lá um senhor da Judiciaria, andou a fazer o percurso onde eu tinha andado e a tirar fotografias nos locais onde eu tinha estado, mais ou menos, para verem...</p> <p>Depois tive de baixa psiquiatra um mês, que a médica passou. O seguro pagou 3 noites num hotel na _____, depois fui tentar arranjar uma casa, arranjamos uma casa onde os meus filhos pudessem habitar e então, ela queria dar mais baixa eu não quis, fui trabalhar.</p> <p>A minha cunhada trabalhava num restaurante, o meu irmão telefonou-se se eu queria uns cogumelos, e eu digo assim «<i>Quero, se não forem venenosos</i>» e ele saísse: «tens a intenção de matar alguém?» E eu digo assim «<i>não, ... não</i>» e entretanto eu não sabia que o telefone estava em escuta e foi aí que eles diz deduziram porque não havia vestígios nenhuns fiz tudo muito..., com luvas. Entretanto o judiciário de lisboa telefonou-me a perguntar onde é que eu estava, e eu disse que tinha terminado a baixa que não quis mais e que estava a trabalhar, aí eles vieram às 8h, o que é que eu estava a fazer, eu disse que estava a entrar de vela, às 8h da manhã estavam à porta do meu trabalho, 4 da judiciária, pediram-me para ligar para a patroa, eu disse não!, para eu dar o número da patroa, eu disse que não podia dar sem autorização dela, entretanto eu telefonei, eles assim que eu fiz a chamada para a assistente social lá do lar, porque a minha patroa tinha sido operada e ela foi, que era para dar volta ao meu cacifo e assim, se eu tinha alguma coisa. Mandaram-me chamar, foram ao meu cacifo, deram voltas e não encontraram nada. Depois pediram, foram falar com uma técnica, foram aos</p>	<p>Desespero após o ato/Crime</p> <p>Incapacidade de prever consequências</p> <p>Omissão do crime</p> <p>Baixa Psiquiatra</p> <p>Procedeu como se não acontecesse nada</p> <p>Medo de pena jurídica</p> <p>Procedeu como se tivesse na vida normal</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Descreve que andaram a revistar o seu cacifo no Lar e a sua casa mas que nunca encontraram nada pois foi muito cuidadosa com as pistas.</p> <p>Explica que a polícia levou-a a ela e ao filho mais velho à casa que ardeu.</p> <p>Omite o crime, dizendo que não foi ela.</p> <p>Sentiu-se ameaçada pela polícia e confessou o crime.</p> <p>Conta que foi a tribunal e ficou em preventiva porque a juíza acho que ela era um perigo para a sociedade.</p> <p>Sente-se injustiçada, porque não acreditaram que foram uns homens da funerária que lhe deram a medicação para ela dar ao marido.</p> <p>Refere que pensaram que ela tinha roubado a medicação no lar.</p>	<p>gabinetes onde tínhamos a medicação, porque tínhamos acesso à medicação e quando depois não encontraram nada e depois disseram «<i>Agora vamos à sua casa</i>». E eu disse «<i>Tá bem</i>». Um foi comigo no carro, vasculharam a casa toda, não encontraram nada e disseram-me assim «<i>Agora telefona a uma pessoa da sua família que venha ficar com os seus filhos mais novos, porque vocês e o seu filho mais velho, veem comigo, vamos à casa que ardeu</i>». Entretanto, eu fui na frente, o meu filho foi depois, o senhor da Judiciaria, um senhor baixinho que não sei o nome, disse-me assim «<i>Foi a senhora que fez o crime. A gente já sabe tudo</i>». E Eu disse «<i>Não, não fui não fui, não fui</i>». Entretanto chegaram com o meu filho, no quintal e na varanda eles para ele «<i>Então foste tu ou a tua mãe?</i>» e ele «<i>Eu não sei de nada, não sei nada, estava na queima das fitas. Eu não fiz nada, eu não fiz nada</i>». E então, massacraram-no e um virou-se para mim e disse assim «<i>Olhe lá bem para a minha cara, foi você ou não foi? É que se você não confessar o crime, nós levamos o seu filho para uma cadeia onde estão os maiores assassinos...</i>» eu sabia que se fosse amanhã estava morto. Entretanto aí não deixei o meu filho, «<i>Fui eu que fiz o que fiz</i>». Trouxeram-me para a Judiciaria de Lisboa, levaram o meu filho a casa, entretanto andaram a minha procura em Évora, mas fiquei logo presa, para ficar presente no outro dia de manhã no tribunal. Tinha advogado, foi advogado do tribunal, contei tudo o que se passava e que tinha confirmado...entretanto a juíza decidiu que eu vinha esperar o julgamento em Tires, pois era um perigo para a sociedade. Entretanto depois fui a novas procuras...à Judiciária foi quando eu falei nos senhores que me deram a medicação, eles foram chamados mas quando a senhora do lar também foi chamada e, mas não existia essa medicação, nenhum estava a fazer e então o tribunal e a judiciária deduziu que como no lar trabalhávamos com medicação, a tal medicação era do lar e essas pessoas que me ajudaram nunca chegaram a ir a tribunal. Fui sou eu.</p> <p>E – Acharam que a P2 tinha roubado a medicação. P2 – Sim, que tinha roubado a medicação. Porque como tínhamos acesso à medicação do lar, tínhamos acesso às insulinas, à medicação e dávamos aos idosos e isso, acharam que tivesse roubado do lar para dar.</p> <p>E – P. diga-me como foi para si, como é que se sentiu depois de ter cometido o crime, e ter deixado o seu marido em casa?</p>	<p>Omissão do crime</p> <p>Confessa o crime sub ameaça para proteger o filho</p> <p>Sentimentos de Injustiça por ter sido acusada sozinha</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Sente que não estava no seu juízo normal quando cometeu o crime.</p> <p>Tentou apagar provas como tinha sido ela.</p>	<p>P2 – É assim, não sei explicar. Não estava em mim! Não estava em mim, portanto até ao dia do velório né’, andei sempre em procuras com a Judiciária, quem tratou do funeral foi a sobrinha dele. Só fui, e os irmãos mandavam bocas, «<i>Quem fez isto, eu faço e aconteço...mato e isso</i>». Houve um dia fui tomar banho, e aproveitei que a minha mãe foi também tomar banho e fui despejar o lixo e pus o telemóvel para dentro do contentor do lixo, para nunca ser apanhada com ele.</p>	<p>Sentimentos fora de si</p> <p>Sentimentos de Desespero/ Desculpabilização do crime</p> <p>Omissão das provas do crime</p>
<p>Tinha ideia do que ia fazer mas não tinha nenhum dia planeado.</p> <p>Ansiedade, medo de ser descoberta.</p>	<p>E – Como é que planeou? Conte-me.</p> <p>P2 – É assim, foi de um momento para o outro. Eu já tinha os comprimidos há 3 dias, mas foi assim, pronto não sei explicar foi... guardei a medicação, pensei em dar e não dei, foi naquele dia. Naquele dia é que dei, depois vivia todos os dias aquele momento, que fosse descoberta, que viesse presa, que ficasse sem os meus filhos. Enfim, pesadelos ainda tenho hoje. Os meus irmãos diziam «<i>Foste tu que fizeste isto, não foste?</i>» e eu «<i>Não, não fui. Que mania que vocês têm de... Não fui</i>». E abalava, deixava os meus filhos na escola, como estava de baixa, abalava, andava ali pelas ruas, deixava o carro à porta, desligava o telefone. Às vezes perguntavam onde é que eu estava, e onde é que eu tinha estado e... andava por aí, não estava bem.</p>	<p>Intencionalidade</p> <p>Ansiedade/ Receio de ser descoberta</p> <p>Sentimentos de Desespero/ Receio</p>
<p>Não se sentia bem, sentia-se perdida.</p> <p>Sente-se arrependida do que fez, por não poder estar com os filhos.</p>	<p>E – Como é que se sente agora? Como é para si estar presa?</p> <p>P2 – É assim, sinto-me represa pelo que fiz, porque estou aqui, não posso estar com os meus filhos, tudo o que eu amo. Sempre protegi e hei-de proteger... mas não, ainda não consigo, compreender bem além de muitos anos de sofrimento, o que foi, se foi bem, se foi influência das pessoas que me deram a medicação ou se foi da maneira como eu estava saturada da vida e com a depressão, não sei uma explicação para o que aconteceu, neste momento...</p>	<p>Arrependimento pelos filhos</p> <p>Incapacidade de percepção do crime</p> <p>Sufrimento vs. Influência Externa</p> <p>Depressão</p>
<p>Razões para o crime: Sofrimento vs. Influência dos outros.</p> <p>Explica se pudesse voltar atrás tinha fugido.</p> <p>Sufrimento dentro da prisão</p>	<p>E – Se pudesse voltar atrás, àquele dia o que acha que faria?</p> <p>P2 – Se pudesse voltar aquele momento fugia com os meus filhos, nem que fosse para fora, para outro país... Porque uma cadeia, para já é muito sofredor estar aqui dentro, que se passa aqui dentro, que a sociedade lá fora pensa estão presos têm roupa e comer, mas não! Nós sofremos, os nossos filhos sofrem, os nossos familiares lá fora, mas nós sofremos mais aqui. Eu sei que eles sofrem, mas tinha fugido. Estou muito represa por aquilo que fiz. Perdão a</p>	<p>Desejo de alteração dos acontecimentos</p> <p>Sufrimento</p>

<p>Sente-se aliviada pelos filhos não terem rancor dela.</p> <p>Quer continuar a ser cuidadora - cuidar dos mais desfavorecidos e dos idosos</p> <p>Sair do sítio onde viveu até agora.</p> <p>Quer trabalhar mesmo estando detida. Sentimentos de falta de liberdade na Instituição.</p> <p>Revolta a ver os outros a serem mal-tratados.</p> <p>Trabalhadora, pede oportunidades</p> <p>Sente que dentro de uma prisão, aprende-se a ser mais criminoso do que quando se entra.</p> <p>Sentimentos de impotência. Gostava de arranjar trabalho para ganhar mais, gostava de ir para casa com pulseira. Refere que é o seu filho mais velho que tem todas as responsabilidades.</p>	<p>Deus...contei tudo aos meus filhos né', sabem o que passaram, pronto não têm assim por enquanto grande mal nem rancor de mim.</p> <p>E – Que mudança vê em si e que plano tem para o seu futuro? P2 – Depois disto, o que penso é: quando sair, o que eu posso fazer é continuar a fazer o que gosto de fazer, que é tratar de idosos e o que eu penso com o pouco dinheiro que tiver é sair, sair fora de _____, fazer a vida com os meus filhos. E ter o trabalho com os idosos, trabalhar com os idosos, que é o meu sonho, abrir uma coisa mesmo que seja pequena um sítio para cuidar de pessoas mais necessitadas. As vezes precisam e não têm ninguém! É isso...ainda hoje se houvesse uma oportunidade de ir trabalhar, por exemplo, em regime aberto era uma coisa que eu gostava de fazer é algo é uma profissão que eu gosto de fazer, porque dá-me pena os idosos que aqui estão, pessoas de idade, e às vezes gozarem com elas e ver coisas que não gosto, revolta-me isso muitas vezes.</p> <p>Eu cometi um crime né', tenho de pagar por ele, só que acho que devia haver mais oportunidades de conseguirmos ir ao exterior né', nem que tivesse o meu trabalho lá fora, eu fazia costura, eu fazia bricolage, passava ferro para fora e assim tinha oportunidade de estar com os meus filhos e depois vinha dormir à cadeia. Ou então em vez de estar aqui preferia estar, nem que fosse em casa presa...Nós aqui aprendemos ainda mais a sair criminosas, mais do que entramos. Pelo pouco que eu vejo, há pessoas que gostam estar aqui, vão e voltam, é a minha opinião. Gostava de conseguir arranjar um trabalho que ganhasse mais, ou ir para casa com pulseira...o meu filho mais velho teve de deixar de estudar para conseguir ter dinheiro para pagar a casa, para a medicação para os irmãos, há 6 meses que não os vejo...e para me mandarem algum, eu estou a trabalhar mas nem sempre temos trabalho e as vezes estou a estudar, porque aqui dão meios para a escola ou trabalho e eu tenho que dar pensão de alimentos aos meus filhos...é assim, vamos lá ver.</p> <p>E – Obrigada pela sua participação P2.</p>	<p>Alívio pelos filhos não terem rancor</p> <p>Força pessoal/ Cuidadora</p> <p>Revolta</p> <p>Consciencialização do crime</p> <p>Auto-Reflexão</p> <p>Aprendizagem negativa em meio prisional</p> <p>Privação de contato com os filhos vs. Impotência</p> <p>Incapacidade de Visão de Si</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Entrevista Participante 3 – 28 minutos de duração

Apontamentos/ Comentários	Texto original	Significado Psicológico
<p>P3 tem 40 anos e tem 1 filha.</p> <p>Anteriormente vivia com o marido e a filha.</p> <p>P3 refere ter uma vida perfeita antes de conhecer o marido. Menina do papá. Refere q nunca lhe faltou nada, tanto a nível financeiro como psicológico tinha apoio.</p> <p>Os primeiros 6 meses de relacionamento era tudo muito bonito.</p> <p>P3 refere que teve outros relacionamentos mas nada tão sério.</p> <p>Conheceu o marido com 19 anos e casou no ano seguinte. Teve a filha aos 22 anos.</p> <p>P3 indica que trabalhavam por turnos, por isso não estavam sempre juntos.</p> <p>Quando se casou mudou de cidade e deixou de ter o apoio</p>	<p>E – Vamos começar a entrevista, obrigada pela sua participação nesta investigação. P3 – De nada.</p> <p>E – Fale-me um bocadinho da sua idade, quantos filhos tem, como era a sua composição familiar. P3 – Tenho 40 anos, tenho uma filha e... no final era só eu e a minha filha a viver sozinhas.</p> <p>E – E antes de acontecer o crime, como era composto? P3 – Era eu, o meu marido e a minha filha.</p> <p>E – Como era o ambiente quando viviam os 3? Até conhecer o seu marido, depois de o conhecer. Conte-me um pouco. P3 – É assim, antes de conhecer o meu marido a minha vida era perfeita, era como se costuma dizer a menina do papá. Nasci sempre rodeada de amor, nunca me faltou nada, sempre tive o que eu quis, apoio, tanto financeiro como psicológico, os meus pais nunca deixavam faltar nada, nem a mim nem ao meu irmão, e quando conheci o meu marido, a minha vida, tudo muito bonito, nos primeiros 6 meses e depois a minha vida começou a descambar por aí a baixo...</p> <p>E – Antes de conhecer o seu marido, teve outros relacionamentos? P3 – Sim tive! Mas nunca um relacionamento tão sério.</p> <p>E – Com que idade conheceu o seu marido e depois se juntaram? P3 – Eu conheci o meu marido com 19 anos, e casei-me aos 20 anos. E tive a minha filha aos 22.</p> <p>E – Como é que era depois esse relacionamento? P3 – Era assim um bocadinho...como é que eu vou explicar? Nós trabalhávamos os dois por turnos, então muitas vezes a gente...calhava não nos encontrarmos. A gente às vezes via-se, ou era ele a sair ou eu a entrar, só que quando eu me casei fui morar para o _____ antes de ter a minha filha e quando ele viu que eu deixei de ter apoio, começou...pronto. A minha vida...não foram agressões físicas, mas foram agressões muito verbais, inclusive tenho um episódio</p>	<p>Rodeada de amor/Apoio familiar</p> <p>Ausência de apoio familiar/ Fragilidade</p>

<p>familiar. A partir daí começaram as agressões verbais por parte do companheiro.</p> <p>Tentativa de agressão, por se ter esquecido de fazer o almoço.</p> <p>O companheiro era 4 ou 5 anos mais velho que P3.</p> <p>Sentia-se em baixo.</p> <p>P3 indica que o marido tentava a rebaixar. Tentou que desistisse do emprego.</p> <p>Deixou de trabalhar e estudar para ajudar a sogra. Entrou em depressão e engordou 40kg. Isolamento.</p> <p>A mãe foi até a cidade onde P3 vivia e ajudou-a a sair do isolamento.</p> <p>Relacionamento instável, uns dias estavam bem e outros estavam mal.</p> <p>Teve uma gravidez complicada, necessitava de ajuda e o marido estava ausente. Venderam a casa e voltaram para a cidade onde viva a família de P3.</p> <p>O relacionamento piorou, o marido também atacava a família de P3. Conseguiu enganar o marido para ter autorização de saída do país da filha e fugiu com a filha. Mas diz</p>	<p>que até o dia de hoje não me esqueço, porque eu morava em _____ e depois fui para o _____ e levei as minhas coisas e, porque um dia me esqueci de fazer o almoço, aí comecei o descalabro todo. Agressões...quis-me bater, só que se me bater ia levar de volta. Telefonou há minha mãe para me ir buscar, já não me suportava. Isto se nós tivéssemos casados há 3/4 meses era muito! Só por eu me esquecer de fazer o almoço...</p> <p>E – Ele era mais velho que a M.? P3 – Ele era 4 ou 5 anos mais velho do que eu.</p> <p>E – Como é que se sentia nesses episódios? P3 – Sentia-me um bocado em baixo, depois entretanto eu comecei a trabalhar lá no _____ numa empresa, trabalhei aqui e depois fui trabalhar para o _____ e pronto. Tentava rebaixar-me ao máximo que ele podia. Tentou que eu tive de desistir do meu trabalho, depois a mãe dele ficou doente, que tinha um cancro e eu deixei de trabalhar, deixei de estudar e olhe...como é que eu vou explicar? Apanhei uma depressão muito grande, engordei 40 kilos e enfiei-me e isolei-me dentro do quarto, não queria ver ninguém. Até que quando a minha mãe se apercebe o que estava se a passar comigo, foi ao _____ arrancou-me do quarto e disse «<i>pronto acabou, vais seguir a tua vida, com ele ou sem ele...</i>» e foi assim.</p> <p>Depois a minha vida com ele era, hoje estávamos bem, e amanhã não estávamos. Ele ia se embora, eu ia busca-lo...andávamos assim. Depois entretanto engravidei e como eu estava sozinha em casa porque ele estava a tirar um curso e só ia ao fim-de-semana a casa, a minha gravidez foi assim um bocadinho complicada, porque eu desmaiava muito, então a minha mãe...resolvemos vender a casa no _____ e...para eu ter mais apoio da minha família.</p> <p>E – E depois como ficou o seu relacionamento com ele? P3 – Pior! Porque aí eu já estava protegida pela minha família e depois já não me atacava só a mim, atacava a minha família e eu até cheguei a fugir com a minha filha para o Brasil, porque no meio dos papéis do banco da venda da casa, eu consegui com que ele assinasse um papel em que autorizava a menina a sair do país. Mas telefonava-lhe todos os dias, mesmo</p>	<p>Agressões Verbais</p> <p>Tentativa de agressão física</p> <p>Violência Psicológica</p> <p>Assistência familiar/ Desistência do trabalho</p> <p>Depressão/ Isolamento</p> <p>Relacionamento Instável</p> <p>Gravidez: falta de apoio</p> <p>Necessidade de apoio</p> <p>Deterioração da relação</p> <p>Fuga</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>que ligava todos os dias quando fugia.</p> <p>Refere a violência psicológica que sofria – feia e gorda.</p> <p>P3 refere que conheceu outra pessoa.</p> <p>Depois já estava em processo de divórcio. Para o marido piorou a situação, começou ameaçar que ia levar a filha e P3 nunca mais ia ver.</p> <p>Teve receio que o marido quando estivesse com a filha nunca mais voltasse.</p> <p>P3 indica que o marido tinha más companhias e que vinha algumas vezes bêbado para casa.</p> <p>Refere que já bebia, mas depois começou a beber mais.</p> <p>Achava que aquilo não podia continuar, teve fora de casa algumas vezes. A mãe de P3 incentivava a resolver as coisas com o marido.</p> <p>Resolvia as coisas mas pela filha. Arrependimento.</p> <p>Refere que quando pensou fazer alguma</p>	<p>quando eu fugia. Ele dizia que ia pôr a polícia atrás de mim, a Interpol...que eu não poderia tirar-lhe a filha...</p> <p>E – Nesta situação toda, nunca houve mesmo uma agressividade mais física? P3 – Não, física não. Mas a psicológica... houve muita! Dizer «<i>Estás feia, gorda, ninguém vai olhar para ti! Pensas o quê? Eu só estou contigo por pena...</i>» Coisas que... E depois eu conheci outra pessoa. E foi a outra pessoa com que fez com que eu me separasse. Mas eu quando conheci essa pessoa, o divórcio já estava a decorrer. Mas depois quando ele soube, ainda foi pior a minha vida... que ia fugir com a minha filha, que eu nunca mais ia pôr a vista em cima da minha filha, que a filha era dele e não era minha... coisas muito complicadas para quem vive...</p> <p>E – Teve receio que alguma coisa viesse acontecer? P3 – Tive receio, principalmente quando o tribunal disse que ele tinha direito de estar de 15 em 15 dias, um fim-de-semana com a minha filha, tive receio que não ia voltar a ver a minha filha, porque ele poderia fugir...depois era as companhias... para já, porque como ele trabalhava na CP, ele tinha dias que entrava a meia-noite e saía, chegava às 8h da manhã, e eu quando via que ele chegava a casa e não dava uma beijo à filha, porque o normal era ele quando chegava dava um beijo à filha...eu via que quando não dava é porque vinha bêbado!</p> <p>E – Começou a beber nessa altura? P3 – Não, ele já bebia, mas pronto...aqui começou mais. Sabe os limites das pessoas, só que...Quando ele chegava à casa e eu comecei a ver isso, durante ainda um bom tempo, e quando comecei a ver disse «<i>Não! Isto não pode continuar</i>» Teve fora de casa montes de vezes, só que depois a minha mãe dizia «<i>É o que marido, é o pai da tua filha...vocês têm de se compreender um ao outro, se vocês começam a fazer a vida a dois com a vossa filha...já viste...a bebé já com os pais separados?</i>» e pronto muitas das vezes eu ia busca-lo, não por mim, mas pela minha filha. E agora olhe...está a crescer sem mãe e a crescer sem pai!</p> <p>E – E o que é que aconteceu? O que pensou para cometer o crime? P3 – É assim, quando eu...quando me passou pela cabeça, eu já não estava sozinha, tinha outra pessoa</p>	<p>Desculpabilização</p> <p>Violência psicológica</p> <p>Novo Relacionamento</p> <p>Ameaça do marido: fugir com a filha</p> <p>Receio de separação (filha)</p> <p>Alcoolismo do marido</p> <p>Alcoolismo</p> <p>Deterioração da relação</p> <p>Reconciliação pela filha</p> <p>Arrependimento</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>coisa ao marido, já estava junta com outra pessoa.</p> <p>Marido ligava várias vezes com a desculpa da filha.</p> <p>A pessoa que estava com P3 começou a saturar-se da situação. Acha que são 5 minutos que desgraçaram a sua vida.</p> <p>O marido ameaçava que ia retirar-lhe a filha. P3 refere que o crime desencadeou-se através destas situações.</p> <p>P3 refere que em conversa com o companheiro queriam apenas pregar um susto ao marido.</p> <p>Refere que a sua intenção era apenas pregar-lhe um susto, mas a intenção do companheiro era outra. Assume-se como culpada por ter posto o marido nesta situação. P3 queria voltar atrás, pois havia outras maneiras de resolver.</p> <p>P3 conta que o crime aconteceu há 16 anos. Tem lembranças do dia e como estava com dúvidas se ia.</p> <p>Refere que havia muita pressão. Sente-se culpada de existir na vida das duas pessoas (companheiro e marido). O dia foi horrível, não sabe se era medo o que sentia, acha que era um terror que estava a passar, não faz nada para parar a situação.</p>	<p>comigo, que isso ele não admitia...e ele praticamente de 10 em 10 minutos estava me a ligar, sempre com a desculpa da filha, depois a pessoa que estava comigo também começou a saturar e começou também...a influenciar-me um bocadinho que assim não podia ser, que ele tinha direito de 15 em 15 dias, que não era preciso mais...que eu ia voltar para ele e que o ia deixar...olhe e neste momento não estou nem com um nem com o outro. Às vezes são 5 minutos da nossa vida que a gente desgraça o que construímos em anos...são frações de segundos que destruimos... E depois ele começou, começou-me ameaçar que me ia retirar a minha filha, depois a outra pessoa que estava comigo também começou a apegar há minha filha e pronto olhe, desencadeou-se daí...</p> <p>E – E o que aconteceu?</p> <p>P3 – Depois...em conversa um com o outro, queríamos-lhe pregar um susto, para ele me deixar em paz...para ele organizar a vida dele, arranjar outra pessoa, mesmo que tivesse uma vida e olhe... Quando demos por ela, o crime já estava feito...Porque a minha intenção era uma, mas a intenção da pessoa que estava comigo era outra...mas a grande culpada disto tudo fui eu, porque se eu não o tivesse levado para aquele sítio aquela hora, isto não tinha acontecido. Se calhar a esta hora, se calhar até estávamos juntos. Às vezes queria voltar atrás mas... porque havia sempre outras maneiras de contornar as situações...</p> <p>E – Quer me contar um bocadinho como é que aconteceu, como foi esse dia?</p> <p>P3 – Olhe vai fazer agora 16 anos estes mês...foi um dia que...é um dia que eu lembro-me que trovejava muito, chovia muito...e eu estava naquela de vou ou não vou, faço ou não faço...só que depois já estava uma pressão de um lado, tinha a pressão do outro e, eu não quero dizer que a culpa não foi minha, porque sempre disse que a maior culpa disto tudo fui eu, se eu não tivesse existido na vida daquelas duas pessoas, nada disto tinha acontecido e...sei que foi um dia horrível, um dia de...não sei se, não é bem medo, eu acho que era de terror que eu estava a passar, ver que as horas estavam a passar e que isto ia acontecer...e eu não estava a fazer nada para o parar, mas por outro lado, tinha a outra pessoa do meu lado a dizer que «<i>E tem que ser, ou ele vai te tirar a tua filha, ele vai te roubar a tua filha...</i>» e...nem sei explicar o que senti</p>	<p>Premeditação do crime</p> <p>Influência Externa</p> <p>Percepção de momentos sem controlo/Passagem ao ato</p> <p>Ameaças</p> <p>Premeditação dos acontecimentos: Diferentes intenções</p> <p>Culpa/ Desejo de alteração dos acontecimentos</p> <p>Pressão Psicológica</p> <p>Culpa</p> <p>Incapacidade de percepção dos acontecimentos Sentimentos de Terror/medo</p> <p>Influência exterior</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Sente que foi um dia pavoroso, pergunta-se porquê que não foi P3 que morreu.</p> <p>Pensa muitas vezes o porquê de não ter sido ela, algo que vai permanecer na sua vida.</p> <p>Compara o seu crime a outros crimes enquanto lembrança, vai sempre lembrar-se do seu crime quando olhar para a filha.</p> <p>Refere que as homicidas vão se lembrar do crime para o resto da vida, mesmo tentado esquecer. Não consegue explicar.</p> <p>5 min de loucura que não conseguiu controlar acha que foi da pressão psicológica e dos problemas a seu redor.</p> <p>Não controlou os seus impulsos e arrepende-se.</p> <p>P3 refere que o novo companheiro deu 16 facas ao ex-marido. Não se lembra do que aconteceu, não sabendo onde foram dadas as facadas, só o que foi dito na acusação.</p> <p>Conta que até hoje nunca conseguiu ler a sua acusação.</p> <p>Refere que a sua técnica de educação diz que P3</p>	<p>naquele momento, foi um dia pavoroso mesmo... Eu às vezes até dizia porquê que eu naquele dia não fui eu, em vez de ter ido ele. Não me aconteceu a mim, porquê que eu não ia numa estrada e não me passou um carro por cima? Naquela altura ou noutra, por exemplo, ir a descer as escadas e cair e partir as duas pernas? Muitas vezes fico a pensar nisso, é uma coisa que eu nunca irei esquecer para o resto da minha vida...por mais que a gente diga que não, é uma coisa que permanece enquanto for viva.</p> <p>Há aqueles crimes que a gente, pronto, trafica, roubo...que a gente não pensa mais nisso, mas enquanto olhar para a minha filha vou-me lembrar disso! Nem preciso olhar para ela, vou me sempre lembrar daquele dia. Tanto que, até o relógio quando aquilo aconteceu, o relógio do carro parou mesmo! Naquele instante não funcionou mais...são coisas que vão sempre ficar na nossa memória.</p> <p>Só quem passa situações, como as homicidas, pelo menos eu falo por mim, não sei como são as outras, são coisas que são levadas para o resto da vida! Por mais que a gente tente esquecer, às vezes eu penso assim, vou pensar numa coisa bonita, um arco-íris...e pst...foi-se. Não dá para perceber. Não dá para a gente explicar, por mais que a gente tente explicar. Eu acho que são coisas, eu costumo dizer que todos temos 5 minutos de loucura, só que não nos controlamos, eu não consegui controlar. Se calhar, se foi de tanta pressão, tanta maldade psicológica que eu tive, de tanto problema meu ao meu redor que acho que foi isso. Não consegui controlar, e arrependo-me do que fiz...</p> <p>E – E como aconteceu o ato?</p> <p>P3 – Na altura o meu companheiro...o meu companheiro, o meu namorado ne'? Que entrou dentro do carro, sacou de uma faca e atirou-se a ele e deu-lhe 16 facas...Não sei, não me lembro, acho que depois fui...Se me perguntar onde é que foram as facadas eu não sei, nem posso dizer porque..., lembro que a primeira foi na mão porque era o que estava na minha acusação, que ele ao tentar se defender...o resto não sei, não me lembro até hoje...não consigo...aliás eu nunca consegui ler a minha acusação até ao fim. Essa parte eu sempre salto...aliás ainda outro dia estive aqui a falar com a minha educadora e teve-me a explicar e disse-me «<i>Não M., vê-se que vocês tem crescido muito nestes últimos anos que esteve aqui,</i></p>	<p>Questionar-se sobre a sua morte em vez da do marido</p> <p>Lembrança do crime: Filha</p> <p>Crime homicídio: Incapacidade de esquecer</p> <p>Passagem ao ato</p> <p>Incapacidade de controlo sobre os atos cometidos</p> <p>Arrependimento</p> <p>Incapacidade de percepção do ato</p> <p>Incapacidade de confrontação do próprio ato</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>fugia do tema do crime, porém hoje já encara-o de frente.</p> <p>P3 acha que tem de ser encarado os problemas de frente. Acha que o problema é a sua filha, contou-lhe tudo o que aconteceu e mesmo assim é apoiada.</p> <p>Refere que era pouco ajudada pelo marido relativamente ao cuidar/tratar da filha, P3 inclusive desmaiou a cuidar da filha.</p> <p>Era P3 que fazia todo o cuidado à filha.</p> <p>Refere que era uma relação muito instável. Posteriormente a família dele também começou a entrar no conflito, metiam em dúvida a fidelidade de P3.</p> <p>P3 demonstra que durante a investigação teve receio e sempre em dúvida de quando é que iria ser detida/acusada. O companheiro dizia para ela não se preocupar pois tinha sido ele a cometer o crime.</p>	<p><i>porque se calhar se há 10 anos eu falasse sobre o crime você fugia, e agora você não foge, você encara-o de frente...»</i> E eu acho que temos de encarar os nossos problemas de frente...isto para mim vai ser um problema...porque depois há a questão da minha filha, porque sabe o porquê, não é? Do porquê que eu estou presa...não é escondido, quando chegou a altura certa contei-lhe...ao que ela diz «<i>Mãe está feito! Não podes voltar o tempo atrás. És minha mãe, se o fizeste tens os teus motivos e continuo amar-te</i>».</p> <p>Ela também não tinha muita ligação com o pai, pois por exemplo eu trabalhava e chegava às 2h da manhã e às 3h e 6h a minha filha chorar que queria o biberon e eu jantar e não jantar, tomar banho, deitava-me às 4h da manhã e depois tinha que me levantar, porque nem isso ele se levantava, num ponto o cansaço que eu tinha era tanto, que houve uma vez que cheguei a desmaiar com a minha filha no colo, a minha sorte é que a minha mãe deu por ela...porque ajuda dele nunca...</p> <p>E – Nunca houve? P3 – Não! «<i>Se a menina chora vais lá tu, se a menina tem de mudar a fralda vais lá tu, se a menina tem fome vais lá tu fazer o biberon...</i>» e foram várias coisas durante os 4 anos que foram...foram...foram...perdoamos, zangávamos, voltávamos...perdoar e esquecer, eu nunca esqueci! E depois já era a família dele metida e depois tiveram-me a dizer na cara que a filha não era dele, mas se você colocar uma fotografia dele ao lado, vê mesmo que era filha dele... muita coisa...</p> <p>E – P3 e depois como se sentiu? Depois da investigação do crime? P3 – Mal não é? Mal...isto aconteceu no dia 28 de Abril e eu fui presa no dia 17 de Maio, e todos os dias que eu acordava de manhã, pensava: «<i>É hoje...é hoje...</i>». Depois a pessoa que estava comigo, dizia que não, que não era hoje, «<i>Não tens que te preocupar porque fui eu que fiz e eu só tenho é que assumir. Tu assumes o que fizeste e eu assumo o que fiz</i>». Até o dia de hoje ele não assume o que fez e claro...</p> <p>E – Foi só a P3 que foi acusada? P3 – Não, fomos os dois. Ele também está preso. Por mais que ele tentasse se safar a ele...mas...a mandar tudo para cima de mim. Mas eu sempre assumi as minhas culpas, assumi o que eu fiz... A maior culpada</p>	<p>Apoio da filha</p> <p>Ausência de cuidado parental/ Subcarregada</p> <p>Ausência de cuidado parental</p> <p>Relação instável</p> <p>Receio da pena jurídica</p> <p>Desculpabilizaçã o</p> <p>Culpa/</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>P3 diz que foi acusada em conjunto com o namorado.</p> <p>Sempre assumiu as culpas, culpabiliza-se pelo que aconteceu. Mete em duvida, se</p> <p>Tem uma condenação de 23 anos.</p> <p>Não quis a família em tribunal, por achar que apenas ela cometeu o erro e a família não tinha responsabilidades</p> <p>Refere que tinha as famílias do falecido e do co-arguido contra ela.</p> <p>P3 diz que foi uma fase difícil, também pelo que socialmente era falado sobre ela.</p> <p>Era dito coisas monstruosas sobre P3.</p> <p>Refere ser a mesma pessoa no exterior e no meio prisional. Diz ser uma pessoa muito frontal.</p> <p>Custou-se ver que não foram frontais com ela.</p> <p>Acha que no seu julgamento foram ditas coisas que não diziam respeito ao seu crime.</p> <p>Acha que eram coisas inventadas para a prejudicar em tribunal.</p> <p>Os seus familiares não estavam presentes na altura do crime.</p>	<p>disto tudo fui eu! Isso eu digo e volto a dizer, que eu fui a maior culpada...se eu não tivesse levado aquele sítio, àquela hora nada disto tinha acontecido. Ou se calhar até tinha acontecido, mas se calhar.. é o se se se....nunca vamos saber...</p> <p>E – E como foi o processo para si depois? Os anos que levou de condenação.</p> <p>P3 – Eu ao início levei 23 anos mas depois recorri fiquei com 21 anos e foi assim um bocado...para já não quis a minha família lá, fui eu que cometi o erro, sou eu que tenho de pagar por ele, eles não tinham que passar por isso. Depois claro tinha a família, além de ser a família do falecido, tinha a família do reu novamente, que eu era a culpada de tudo, que fui eu que fiz...</p> <p>...foi uma fase muito difícil porque praticamente eu saí em todos os jornais, praticamente fui capas de jornais e ler uma coisa que estava lá e que eu sabia que era mentira, eu acho que isso ainda foi o pior, porque se as pessoas tivessem contado a verdade, muita coisa tinha sido diferente, ainda para mais para a família do falecido...coisas monstruosas que foram ditas sobre mim e pessoas que me conhecem... não tenho nada haver com o que estava lá escrito...a minha maneira de ser aqui dentro é a minha maneira de ser lá fora, o que tiver de dizer eu digo, doa a quem doer...mas eu sou uma pessoa muito frontal e gosto que as pessoas também sejam frontais comigo e custou-me um bocado, porque na altura do julgamento, falava-se de coisas que depois não tinha nada haver com o meu julgamento, começaram a trazer ao barulho coisas da minha família também, e pronto, como se costuma dizer “saltou-me a tampa”, pedi para falar e perguntei ao juiz se quem estava a ser condenada, naquele momento se era eu ou a minha família, se quem tinha cometido o crime era eu ou a minha família, que fui eu...e se aquilo era uma palhaçada que estava ali acontecer comigo, porque falavam de tudo menos do meu crime. Coisa que nem se quer...lá está, coisas inventadas para me prejudicar em tribunal, só que a minha família não tem nada a ver com isso. Alias quando isto aconteceu, os meus pais não estavam cá, estavam no norte a passar férias, o meu irmão não estava em Portugal que estava no Brasil, por isso a maior culpada fui eu, não tinham de incriminar pessoas que não tinham nada a ver com isto. Já queriam pôr um role de pessoas que pronto...como eu</p>	<p>Responsabilização de terceira pessoa</p> <p>Pensamento contrafactual</p> <p>Responsabilização (sem de apoio por escolha própria)</p> <p>Descontentamento/Desvalorização da opinião pública</p> <p>Ser igual no meio exterior e prisional (Valorização de si)</p> <p>Sentir-se prejudicada em tribunal</p> <p>Ausência dos familiares no dia do crime</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Sabe que foi culpada, mas que a família não tem de pagar por nada.</p> <p>Se voltasse atrás refere que se calhar utilizaria a maneira mais difícil. Se tivesse fugido, nunca mais iria voltar ou se calhar tinha voltado e tinha conversado com ele.</p> <p>Acha que deixou-se influenciar por uma terceira pessoa, o que normalmente não encacha na sua personalidade. Acha que estava vulnerável.</p> <p>Não consegue explicar, pois sabe que o tempo não volta atrás. Não voltava a fazer o que fez.</p> <p>Acha que perdeu os melhores momentos da vida – crescimento da filha.</p> <p>Pensamento contrafactual.</p> <p>Questionada sobre quem é P3 hoje, refere que cresceu no meio prisional, aprendendo a ser humilde e a ouvir os outros.</p> <p>Continua com alguns traços da sua personalidade mas arrependida. Procura</p>	<p>costumo dizer tinham alibis... a única que não tinha era eu! Mas eu sempre assumi o que eu fiz. Agora não podem incidir coisas que eu não fiz.</p> <p>E – Se pudesse voltar atrás o que faria ou como resolveria tudo? P3 – Se calhar da maneira mais difícil, porque já vi que pelo caminho mais fácil não dá. Se calhar, quando tinha fugido com a minha filha não tinha voltado...ou se calhar tinha voltado e tínhamos tido uma conversa civilizada, se...</p> <p>Se calhar eu deixei-me influenciar muito pela terceira pessoa, se calhar se eu não me tivesse deixado influenciar, porque até eu acho estranho porque eu sou daquelas pessoas que não me deixo influenciar por ninguém, eu tiro o meu juízo pela minha cabeça, só que se calhar estava tão vulnerável naquela altura que, havia muitos acontecimentos que deixei-me ir na onda... Se calhar estava junta com ele, não sei...uma pessoa não sabe explicar, não sabe...o tempo não vai voltar atrás...mas se eu fazia o que eu fiz? Não! Porque perdi os melhores tempos de vida, de vida da minha filha. A minha filha quando eu entrei aqui, ainda nem tinha dois anos e agora já vai fazer 18 anos...perdi a melhor altura da minha vida, dela...se calhar tínhamos chegado a um senso, se calhar ele já tinha a vida com outra pessoa e eu com outra...ele já tinha outros filhos, eu outros filhos...mas ia existir sempre a nossa filha. É um bocado complicado a gente falar sobre isso, porque a gente não sabe, não sabemos. Se calhar se aquilo não tivesse acontecido naquele dia, eu no outro dia ia a passar a estrada e passava-me um camião em cima...é uma coisa que nós nunca vamos conseguir perceber. O que iria acontecer se eu voltasse atrás?</p> <p>E – E quem é a P3 hoje? P3 – A _____ hoje é uma mulher que, cresceu...não cresceu lá fora, cresceu aqui durante 16 anos...é uma mulher que sabe ser humilde, que não o era, é uma pessoa que sabe ouvir os outros. Mas que continua com o feitio dela, o que tem de dizer diz, que sabe o que quer, não tem medo de arrasar as mangas...e que está arrependida. Só quer alguém que se lembre dela para lhe dar uma segunda oportunidade, para começar a vida do zero...</p>	<p>Culpa</p> <p>Pensamento Contrafactual/ Percepção de outras opções</p> <p>Consciencialização de crenças induzidas por terceiros</p> <p>Influência vs. Vulnerabilidade</p> <p>Pensamento Contrafactual</p> <p>Arrependimento</p> <p>Auto-Reflexão</p> <p>Crescimento em meio prisional</p> <p>Arrependimento</p> <p>Procura de segunda oportunidade</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>uma segunda oportunidade.</p> <p>P3 diz que não queria passar por esta Experiência.</p> <p>Refere que as homicidas não se enquadram no meio criminal como outras criminosas.</p> <p>Acha que as homicidas deveriam ter outro tipo de oportunidade.</p> <p>Refere que entrou como homicida mas que aprendeu como se fazem outros crimes.</p> <p>Refere que deviam estar à parte das outras reclusas e ter um acompanhamento psicológico diferente</p> <p>Valorização das precárias.</p> <p>Consegue distinguir e separar a vida que tem em meio exterior e em meio livre</p> <p>Refere que pretende fazer esta distinção para proteger as pessoas que tem em meio livre.</p>	<p>E – Quer comentar mais alguma coisa? P3 – Acho que já não há mais nada para contar...</p> <p>E – Como é que resume este Experiência toda? P3 – Não queria passar por aqui... É assim aqui a gente conhece todo o tipo de pessoas. Eu às vezes digo assim...aliás eu não, a maioria das homicidas diz que, entramos aqui e normalmente ficamos a olhar e pensamos o que é que a gente tem a ver com o resto...eu as vezes costumo dizer que deveria haver um pavilhão à parte só para nós...porque nós homicidas normalmente só entramos aqui uma vez na vida...foi um crime só daquela altura...não é para ser contínuo, não é...como eu digo, não costuma haver homicida duas vezes, é...acho que devíamos ter um bocado nós, não quero dizer privilégio, mas uma oportunidade mas não no mundo global prisional, porque há muitos crimes conosco e por exemplo, eu não sabia roubar numa loja e aqui ensinaram-me como se faz, eu não sabia o que era droga, e explicaram-me aqui...eu não sabia como era a falsificação de uma assinatura e já me disseram como a maneira mais fácil...para nós homicidas que entramos uma vez aqui dentro, a gente sai daqui aprender a fazer tudo...por isso é que eu costumo dizer, nós homicidas deveríamos estar num pavilhão à parte, dependendo da pena, porque sei que há homicidas com 8, 9 ou 10, 20 ou 25, sei que há uma rapariga com 25 anos...mas nós devíamos estar à parte, porque nós devíamos ter um acompanhamento psicológico diferente para encarar a vida, eu graças a deus vou de precária desde de 2010 e eu, ainda agora na última precária disse à minha mãe, <i>ela «Agora não te vai custar a entrar filha? Aqui 7 dias na rua...»</i> e eu disse <i>«Não mãe, o ser humano foi feito para se habituar aos lugares»</i> e eu quando saí daquele portão eu esqueço que tenho vida aqui e vivo a vida lá fora...dizem que nem todas as pessoas conseguem fazer isso, mas eu consigo separar. Tudo bem, tenho os meus problemas lá fora, também tento os resolver com um telefonema, ou cartas por aí fora, também tenho os meus problemas mas eu tento, separar as coisas, não misturar. Cadeia – cadeia, lá fora é lá fora...</p> <p>E – Para se proteger não é? P3 – Sim, e para proteger o que eu tenho lá fora. Isso é o meu ponto essencial, proteger quem eu tenho lá fora. Porque comigo, contra mim podem vir, mas se for contra quem eu tenho lá fora...as pessoas que eu tenho lá fora não têm nada a ver com esta situação. Eu</p>	<p>Auto-Reflexão: “Mundo” das homicidas à parte dos restantes crimes</p> <p>Oportunidade para as homicidas</p> <p>Aprendizagem negativa em meio prisional</p> <p>Auto-Reflexão: Procura de acompanhamento psicológico diferente das restantes reclusas</p> <p>Distinção vida pessoal meio exterior/ Prisional</p> <p>Proteção dos outros</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Não quis que a filha entrasse no E.P.</p> <p>P3 não concorda com a presença de crianças no estabelecimento prisional.</p>	<p>sinto que elas não têm haver... Tanto que houve uma altura que me perguntaram se eu queria trazer a minha filha para o pé de mim, que era bebé, e eu disse que não! Ela não fez mal a ninguém para estar presa. A minha filha tem uma avó, tem um avô, materno que a adora, que protegem...tratam-na como filha e não vou privar a liberdade da minha filha para vir para uma cadeia, nem pensar, nunca quis que a minha filha viesse...acho incrível isso ...as crianças aqui...mas pronto. Isso já é outro assunto.</p> <p>E – Muito obrigada P3, pela sua participação e disponibilidade.</p> <p>P3 – De nada.</p>	<p>Não privação da liberdade da sua filha</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------

Entrevista Participante 4 – 1 hora e 9 minutos de duração

Apontamentos/ Comentários	Texto original	Significado Psicológico
<p>P4 tem 37 anos. Vivia com o seu marido e a filha.</p> <p>Viveu com o marido durante 4 anos.</p> <p>Antes de casarem viveram juntos durante 9 meses. Não se chegou a divorciar.</p> <p>P4 refere ter tido outros relacionamentos antes do marido.</p> <p>Na adolescência teve o 1º namorado, que faleceu, viveu com ele durante 4 anos.</p> <p>P4 refere que teve 2 relacionamentos muito importantes pois viveu com eles, teve um namorado que foi importante emocionalmente.</p>	<p>E – Vamos começar a entrevista, obrigada pela sua participação nesta investigação.</p> <p>E – Fale-me um bocadinho da sua idade, quantos filhos tem, como era a sua composição familiar, quem vivia na sua casa. P4 – Então a minha idade é 37 anos, a minha composição familiar era mulher, marido e filha. E tenho só uma filha.</p> <p>E – Quanto tempo viveu com o seu marido? P4 – Eu vivi com o meu marido durante 4 anos.</p> <p>E – Casou-se com ele? P4 – Sim casei, vivemos juntos 9 meses e nos casámos, ficámos casados 3/4 anos, não sei exatamente...sim 4 anos, não considero o restante que tive com ele, estava casada mas houve uma altura que eu estava separada. Mas não me divorciei, mantivemos o casamento pela lei.</p> <p>E – Diga-me como conheceu este homem, teve outros relacionamentos anteriores? P4 – Tive vários relacionamentos. Namorei...desde sempre que quer saber? Na adolescência tive um relacionamento marcante que foi o meu primeiro namorado, que eu conheci e também vivi com ele 4 anos. E depois ele chegou a falecer, tive em luto e depois tive outros relacionamentos não muito importantes, porque não vivi com eles. Depois conheci o meu marido e assim que eu conheci fui viver com ele, depois casámos e tivemos a nossa filha.</p> <p>E – Considera o seu primeiro relacionamento importante, visto que ele veio a falecer? P4 – Antes do meu casamento?</p> <p>E – Sim disse que foi o mais marcante. P4 – Sim, sim! Foi os dois os únicos relacionamentos que eu tive mesmo...não, tive um namorado no meio desse tempo, que foi muito importante para mim emocionalmente, mas não foi importante no sentido de partilhas de emoções, mas para mim foi uma pessoa importante, para mim como pessoa.</p>	<p>Existência de outros relacionamentos antes do marido</p> <p>Perda significativa (luto 1º namorado)</p> <p>Relacionamentos marcantes: Emocionalmente /Partilha de emoções</p>

<p>Conheceu o marido durante uma fase complicada. P3 queria se juntar/casar com alguém por não querer ficar para trás do seu ex-namorado, que já tinha uma nova mulher.</p> <p>Perguntou a vários amigos se conheciam alguém. Procurou arranjar alguém, mesmo que não conhecesse nada da pessoa.</p> <p>Queria ter alguém porque já tinha 30 anos. Como se fosse uma competição com o seu ex-namorado.</p> <p>P4 refere que não queria ficar sozinha, costuma falar disto à sua terapeuta.</p> <p>O marido começou a demonstrar interesse por P4 e como queria ter alguém aceitou conhecê-lo melhor.</p> <p>Inicialmente P4 gostava dele, mas da sua aparência, porque ainda tinha sentimentos pelo ex-namorado. O mesmo acontecia com o seu marido.</p> <p>Não sabe se procurava alguém para encher/preencher o seu vazio ou para competir com o ex-namorado.</p> <p>P4 refere que ao longo do tempo os sentimentos foram mudando, dizendo que</p>	<p>E – E como conheceu este marido, conte-me a vossa história.</p> <p>P4 – Conheci-o ... eu tinha...foi complicado para mim, eu tinha esse namorado que foi importante para mim emocionalmente, no entanto ele me deixou. Eu acho que fiquei um bocado triste e quis arranjar alguém, de toda a maneira. E foi quando eu liguei para várias pessoas e que queria casar porque o meu ex-namorado tinha uma mulher. Eu liguei para ele um belo dia e ele vivia em _____ ele era _____ e tinha uma mulher...e pensei «<i>Não posso ficar para trás, eu tenho de arranjar alguém...</i>» e liguei para várias pessoas, eu já conhecia esse rapaz que era do grupo de amigos de amigos meus, e o meu amigo tinha indo embora para o Brasil, que era o pressuposto de quem eu queria namorar e ele me atendeu e ficou com o meu número e depois começou a me ligar. E eu falei «<i>Olha eu não tenho ninguém e vou namorar com ele mesmo</i>» mas não sabia nada sobre ele...e como queria ter alguém porque eu tinha 30 anos e falei «<i>Não! Vou aceitar esse</i>», porque...aceitei não...vou ficar com esse porque eu não quero ficar para trás, como se fosse tipo uma competição com o meu ex-namorado...eu eu estou a ser muito sincera com a Doutora...porque eu já disse isso para a minha terapeuta que a Doutora conhece, e não queria ficar sozinha porque a pessoa que eu queria já tinha refeito a vida, dizia que gostava muito de mim mas já tinha outra pessoa do lado dele...e eu fui e como aquela pessoa ficou com o meu número de telefone e me ligava, dizia o que eu queria e «<i>Já que ele me quer, vou ficar com ele</i>». E conheci ele assim, começamos a falar, a encontrar e falava-me coisas interessantes e eu acreditei, enfim...ele estava numa situação complicada, eu não sabia, só soube depois e...era muito bonito, muito lindo, muito lindo...e eu gostei dele. Mas gostei da aparência dele, mas gostava do meu ex-namorado...e o pressuposto também gostava da sua ex-namorada, mas mesmo assim queríamos ficar juntos...e assim foi o contexto de o conhecer. Eu conheci-o porque estava mesmo à procura de alguém para encher... ou competir...não sei, preencher o vazio que o outro me estava deixando no coração por estar com outra pessoa.</p> <p>E – E ao longo do tempo, isso foi mudando?</p> <p>P4 – Sim. É assim, nós tivemos uma história muito bonita, porque ambos tínhamos muita coisa em comum. Descobrimos...os dois gostávamos muito de coisas iguais e depois, enquanto nós os dois eramos só</p>	<p>Incapacidade de viver sem o outro</p> <p>Casamento “forçoso”</p> <p>Competição</p> <p>Incapacidade de viver sem o outro</p> <p>Necessidade Encher/ Preencher vazio vs. Competição</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>tiverem uma história muito bonita. Tinham muita coisa em comum.</p> <p>Valorização do companheiro enquanto casal (quando estavam apenas os dois).</p> <p>Depois de casarem, P4 refere que pensaram em ter um filho e nasceu a sua filha.</p> <p>Durante a gravidez e depois do nascimento da filha as coisas como casal alteraram.</p> <p>P4 refere que só se tinham um ao outro.</p> <p>Refere que não sabe o porquê mas com o nascimento da filha, o marido ficou muito perturbado.</p> <p>Posteriormente P4 começou a ficar chateada com a situação.</p> <p>P4 refere que antes da gravidez eram um casal muito feliz, que faziam muita coisa juntos.</p> <p>Marido de P4 continuou a rotina, mas P4 não conseguia acompanhá-lo.</p> <p>Refere que começaram a ter falta de dinheiro, pois teve de parar de trabalhar.</p>	<p>os dois, corria tudo lindamente, tudo muito lindo...e fizemos planos, e ele era super fofinho, muito querido, de tudo o que eu já tinha visto dos meus ex-namorados, até o da _____ que era o homem da minha vida, este era muito surpreendente, muito querido, muito carente, uma pessoa espetacular que era para além dos limites. Pensei assim «<i>Realmente tenho de abrir o meu coração</i>» e abri o meu coração...para ele.</p> <p>O que acontece é que nós casámos, morámos juntos, queríamos ter um filho, eu pensava em ter um filho...e tive uma filha, mas quando a minha filha nasceu...antes da minha filha nascer quando eu fui para o hospital ele já começou a ficar alterado...e depois que a minha filha nasceu e eu fui para casa, ele ficou muito alterado. Eu também fiquei muito alterada, mas depois do nascimento da minha filha nós não ficámos mais amigos...mas nós éramos muitos amigos, unha e carne, cúmplices...antes nós éramos...ele só tinha a minha amizade e eu só tinha a ele...nós não tínhamos mais ninguém sem ser nós os dois. Nós éramos mesmo como cúmplices em tudo! Só que a menininha, parece que destabilizou a nossa saúde mental ou a nossa saúde emocional, eu não sei...nós ficámos perturbados, e ele mais ainda do que eu. Eu fiquei bem no começo da gravidez, mas depois deixei de ficar muito bem...e ele já não estava muito bem, já não me ajudava em muita coisa e comecei a ficar chateada e quando a menininha nasceu nós já estávamos super chateados.</p> <p>E – Foi algo que se foi agravando ao longo da gravidez?</p> <p>P4 – Eu penso que sim...nós estávamos, antes da gravidez éramos super felizes, dividíamos tudo como dividíamos sempre...como ele fazia desporto e eu também era do desporto nós tínhamos muitas coisas juntos e gostávamos de tudo o que era da beleza, que era bonito, do físico e tudo o que era ligado à beleza nós estávamos juntos e...depois, eu penso que pode ser por isso, ele continuou a seguir a rotina do ginásio e essas coisas e eu já não conseguia o acompanhar, eu não sei também...e houve situações no fim da gravidez que eu não sei...por exemplo, trabalhar eu não conseguia trabalhar, e eu só ganhava aquilo que eu trabalhava e deixámos de ter muito dinheiro e nós gastávamos muito dinheiro, o nosso padrão de vida era gastar muito dinheiro...e começou primeiro por eu não trabalhar, por falta de dinheiro, não faltava muita</p>	<p>Deterioração da relação durante a gravidez e após o nascimento da filha</p> <p>Destabilização da relação após nascimento da filha: marido perturbado</p> <p>Felicidade inicial no casamento</p> <p>Gravidez agravou problemas financeiros</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Marido com falta de companhia de P4.</p> <p>P4 refere que não tinha ajuda de familiares, precisava de ele para ajudar e na gravidez começou a sentir que não era assistida. Diz que ficava chateada com a situação mas que não brigava com o marido.</p> <p>P4 diz que o marido começou a ficar chateado e zangado, que se queixava que ficava muito tempo sozinho.</p> <p>Quando saiu 1 dia do hospital deparou-se com a sua casa desarrumada e muito suja. Queixa-se que o seu marido não fazia nada na lida da casa.</p> <p>Tentou ser calma e compreender a situação. O nascimento da filha piorou a relação.</p> <p>P4 menciona que não sabe bem o que aconteceu até aos dias de hoje.</p> <p>O marido resistia fazer algumas coisas pela filha, nomeadamente regista-la.</p> <p>Foi forçada a ter relações sexuais com o</p>	<p>coisa, mas faltava dinheiro. Depois faltava também, eu acho que ele estava também, como estava habituado a ter a minha companhia...é o que eu acho...ele ficou meio sem companhia. Mas também ele não me censurava no final da gravidez. Porque eu tive uma gravidez, no final da gravidez com a tensão muito alta então eu tinha que ter ajuda...como eu não tinha família que me ajudasse, era ele que me ajudava, e eu não me sentia assistida! E aí fiquei chateada, mas nunca briguei, nunca me chateei nesse período...só me chateei uma vez com ele, assim de chatear mesmo só uma vez...</p> <p>E ele começou a se a chatear e a zangar e me falava muitas coisas que eu fiquei pensando...pensando...mas eu achava um bocado normal, ao princípio até achava normal, mas quando fui para o hospital ele dizia-me que estava sozinho e que ficava muito tempo sozinho, porque eu tive de ficar mais tempo do que as outras grávidas e...ele me falava que eu não...um dia que eu saí do hospital, que a médica falou que eu podia sair 1 dia e depois voltava, a casa estava horrível...suja suja suja....como é que ele estando em casa tinha tanto loiça suja, tanta coisa suja...e ele simplesmente...ok, ele nunca tinha feito nada mesmo, nunca tinha lavado loiça, nunca tinha feito nada, mas 1 dia ele tinha que fazer! E comecei a perceber no final da gravidez que ele estava a ficar meio esquisito.</p> <p>Eu não sei, eu tentei ser calma, forcei para tentar compreender...conversei e acho que foi assim que começou a gente a desentender um bocado. Mas quando a menininha chegou é que foi horrível mesmo. Penso eu...</p> <p>E – O que é que aconteceu? Houve alguma agressão, alguma vez? Conte-me se sofreu algum tipo de violência.</p> <p>P4 – Oh Doutora, é assim... não sei até hoje o que aconteceu realmente, é assim...Vou contar para a Doutora desde do começo, desde que eu me lembro. Algumas coisas, algumas coisas graças a deus eu já tenho esquecido...Eu cheguei do hospital, ele foi-me buscar ao hospital, quase como obrigado. E lá no hospital ensinaram-nos a dar banho a menina e ok. E eu tive quase que o obrigar a registar a menina, que eram apenas 3 passos, que a senhora estava lá para registar...e quando eu cheguei a casa ele queria ter sexo e eu estava costurada...porque apesar de ter tido</p>	<p>Ausência de apoio familiar e do marido</p> <p>Ausência de ajuda do marido para cuidar da casa</p> <p>Deterioração da relação: nascimento da filha</p> <p>Resistência do marido ao nascimento da filha</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>marido mesmo estando com pontos devido ao parto. Sentiu-se chateada, chorou. Demonstra que tinham bastantes relações mesmo durante o final da gravidez.</p> <p>Sentiu-se humilhada quando foi ao posto médico.</p> <p>Foi questionada pela enfermeira se não tinha nenhuma ajuda familiar</p> <p>Sentiu-se humilhada porque não tinha ninguém sem ser ele.</p> <p>P4 sempre se esforçou para ter uma família, acha que foi esse o seu mal.</p> <p>Tem consciência que é a sua história e que isso vai sempre permanecer.</p> <p>Acha que foi cúmplice de maus tratos que aconteceram à sua filha.</p> <p>Ele dizia que a mulher era feita para ter filhos/ter relações com o homem.</p> <p>Refere que queria muito ter uma família porque culpou a mãe de se ter separado do pai, queria ser diferente da mãe. Esperou que o marido voltasse a ter a mesma relação que tinham antes de ter nascido a filha.</p>	<p>um parto natural eles dão pontos e...eu não quis e ele me forçou a ter sexo...eu me senti chateada, muito chateada. Até chorei! Eu não queria, eu não queria ter sexo que ele tinha 4 dias, 5 dias que não tinha sexo e ele me forçou a ter sexo. Daí adiante, eu comecei a ficar chateada, porque no outro dia, isto foi à noite e, tive de ir ao medico não foi por causa do sexo em si porque eu não senti nada...mas foi a humilhação que eu tive de passar no posto médico...porque a enfermeira quando me foi olhar, os pontos estavam estragados...arrebentados ou não sei que palavra é que ela usou e ela disse-me assim «<i>Oh mãe...</i>» porque eu levava a menina, não tinha ninguém para a deixar... «<i>...não tem nenhuma avó ou não tem nenhum familiar ou ninguém que lhe possa ajudar?</i>» e eu senti-me muito humilhada...porque realmente eu não tinha ninguém, realmente porque quem eu tinha era ele... e a pessoa que eu tinha estava contra mim...era complicado. E eu nem tinha resposta para dar para a senhora. Ela me cuidou, e eu fui para casa com a menina pequena...só que chegava em casa...eu sempre quis ter uma família e me esforcei muito para ter...o meu mal foi esse, me esforcei demais e...</p> <p>E – Podemos fazer uma pausa se quiser.</p> <p>P4 – Não não...não precisa, sabe o que foi foi...é a minha história, o que é que eu vou fazer? É a minha história e eu vou ter de a levar comigo. Vou ter de viver com isso, há uma hora que eu tenho de viver melhor com isso...mas o que eu passei não vou conseguir apagar e vou ter de saber lidar com isso. O que eu vivi, vou dizer para a senhora, não há como apagar! Porque querendo ou não, eu fui um bocado cúmplice de maus tratos, porque quando voltei com a minha menina do posto médico, que tive de ir muitas vezes ao posto médico ele disse «<i>O que é que você foi fazer ao posto médico?</i>» e eu expliquei para ele, e ele «<i>Não tinha a necessidade...a mulher foi feita para gerar...</i>». Ok...eu quis tanto ter uma família, porque eu...a minha mãe foi separada do meu pai, e eu sempre a culpei por ela não se ter esforçado, e eu era muito pequenininha. Então eu sempre me esforcei para ter uma família e não culpo ninguém, não foi uma educação que me deram, fui eu que quis! E como ele já tinha sido um príncipe, porquê que ele não podia ser um príncipe como antes? No entanto, ele não conseguia-me deixar estar com a menina...ele ia trabalhar, mas quando chegava eu tinha de estar com ele o tempo todo, mesmo com ele fisicamente. Eu lembro-me que ele me agarrava, ficava com ele na</p>	<p>Violência sexual após nascimento da filha</p> <p>Humilhação</p> <p>Ausência de apoio familiar</p> <p>Humilhação</p> <p>Necessidade de Suporte: esforço de criar uma família</p> <p>Incapacidade de esquecimento</p> <p>Cúmplice de maus tratos à filha/ Negligência</p> <p>Necessidade de criar uma família: Culpa da mãe (separação dos pais)</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>O marido não queria que P4 tivesse com a filha, queria que ela estivesse fisicamente perto dele.</p> <p>Maus tratos à filha com influência do marido</p> <p>Deixavam a filha sozinha e ela própria tinha de se alimentar.</p> <p>O marido não deixava P4 cuidar da filha</p> <p>Acha que o problema não era contra ela, mas sim contra a filha. Acha que às vezes pensava que era normal aquele comportamento. Tinha medo de perder a família.</p> <p>P4 não era deixada por ele a dar de mamar à filha, ele mamava o leite todo.</p> <p>Achava que não tinha jeito para dar de mamar à filha – no posto médico achavam que P4 não prestava bons cuidados à filha.</p> <p>Foi colocada uma assistente social para controlar a situação da filha. Sentia que havia algo de errado.</p> <p>O marido fazia cenas para que P4 lhe desse mais atenção. Jogo psicológico</p> <p>Em conversa com a assistente social resolver separar-se do marido.</p>	<p>cama, não podíamos ter sexo porque lembro-me que a enfermeira disse que eu não podia ter, e eu disse para ele que não podia ter...mas a menininha...e isso me custa, porque eu fui cúmplice...deixei-a viver maus tratos, porque ele falava que quando chorava era mimo, e muitas vezes nós deixávamos ela a noite toda sozinha, enrolada numa toalha em volta do corpo dela, só com o rosto livre para ela puder mamar na mamadeira. Muitas vezes a mamadeira estava azeda...às vezes ela chorava, ela própria procurava a mamadeira...ela própria mamava, ela própria deixava de mamar e...ela teve muito mal da pele, porque ela ficava com a fralda o dia inteiro, ele não me deixava...ele trancava-me nos braços dele. O problema dele concretamente não era comigo...era com ela. Eu não sei porquê. Mas eu era conivente, não conseguia entender aquilo, eu achava que...eu não sei se achava normal ou não. Eu tinha tanto medo de perder ele, ou de perder a minha família, que eu deixava...ia de novo para o posto médico, era como se...não sabia cuidar da menina. O leite da minha mama ele não me deixava dar à menina...ele mamava o leite da minha mama, eu não estou mentido, nem inventando...ele mamava o leite todo.</p> <p>Até a psiquiatra perguntou onde eu estava com a cabeça...e eu pensava assim «<i>Eu não sei...eu não sei</i>». Às vezes falava assim...ela chorava porque eu não tinha muito jeito, a doutora do posto médico dizia para eu mete-la a mamar...ensinavam...até que um dia a enfermeira falou «<i>Olhe se você não cuidar bem da sua filha, nós vamos ter que chamar a assistente social, porque a menina está suja, e isso são maus tratos à criança</i>». Foi então que colocaram uma assistente social para que me acompanhasse durante 1 ano. Mas eu sentia que havia algo errado, mas não sentia que estava tao errada, eu não percebia, porque eu queria tanto que desse certo, e ele fazia birras, dizia que se eu dormisse com a menina, que ia dormir no chão...eu acabava por tirar a menina da nossa cama e deixava a menina dormir sozinha, para que ele dormisse na cama comigo e, fazia cenas...e depois eu fazia cenas...quantas vezes eu fui para a chuva com a minha filha...ficava na praça na chuva com ela...para que ele pudesse olhar por ela...enfim...</p> <p>Passado 1 ano, que essa doutora da assistente social, que foi um anjo...ainda às vezes me escreve e fala comigo...ela conversou comigo, ia lá todas as semanas e eu falei com ela e disse «<i>Oh Doutora eu</i></p>	<p>Violência Física (forçada e agarrada)</p> <p>Maus tratos/Poucos cuidados à filha/Negligência</p> <p>Forçada a não cuidar da filha/Negligência / violência física</p> <p>Medo de perder o marido/família</p> <p>Forçada a não cuidar da filha (mamar)</p> <p>Incapacidade de percepção</p> <p>Jogo Psicológico/ Chantagem psicológica</p> <p>Tentativa de separação (Consciencialização)</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Tentativa de separação. Até aqui nunca tinha sofrido violência física, por isso não percebia que estava a sofrer violência doméstica.</p> <p>Falou com ele sobre a separação e houve uma briga enorme.</p> <p>A filha ficou doente, o marido não quis prestar cuidado.</p> <p>Marido de P4 comia a comida da filha. P4 chegou a ter de inventar uma comida para lhe dar.</p> <p>Chorou bastante</p> <p>Sofria por compreender que o marido fazia competição com a própria filha.</p> <p>Agressão física à filha por parte do marido Maus tratamentos psicológicos</p> <p>Castigos à filha de 1 ano.</p> <p>P4 começou a intervir contra os maus tratamentos. Começou a perceber</p>	<p><i>acho melhor me separar...»</i> e mais não sei o quê...e falei com ele. Que queria-me separar porque, ele não era um bom pai...mas ele até aí nunca tinha feito nada, tocar fisicamente...nem nada. Mas a Doutora estava-me demonstrando, porque ela estava grávida pela primeira vez, e ela ia-me falando que aquelas coisas não eram normais. Mas eu não conseguia perceber. Até que passado uns dias eu falei com ele que queria deixar de viver onde vivia, viajei uma hora e tal com ele, sentei e falei com ele...que me queria separar, porque eu precisava que alguém me apoiasse com a nossa filha, que era filha dele. E depois uma briga enorme...a noite toda, a menina teve duas crises de bronquiolite, e ele não quis-me levar de carro...várias coisas...a menina foi internada uma semana, perdeu 500 gramas, e ele não assistia...tudo...ele chegou a...comer a papa da menina toda, e eu trabalhava imenso, que ele não gostava de trabalhar muito e eu trabalhei...as minhas despesas, dele e da minha filha. Houve alturas que eu cheguei em casa e não tinha papa...à meia-noite não ter papa...tive que inventar uma historia, que fui buscar um papa lá da lua, que ela as vezes fala da papa da lua...bati bolacha maria com leite e com iogurte, primeiro dizia que não queria, porque ela começou a falar muito cedo, ela estava habituada a comer uma certa papa e eu tive de inventar para ela comer e puder dormir, se não ela não comia...só deus sabe, eu ia para a casa de banho e chorava imenso...Como é que 2 kilos de papa, que dava para duas semanas...não sei o que ele fez, mas foi só para ela não ter...me doía imenso, porque era uma competição com uma menina de 1 ano...e eu ficava, comecei a ficar chateada, porque nós íamos fazer compras de roupas, pegava 1 peça para a menina, tinha de pegar 3 para ele, e era muito complicado. O guarda-fatos dele estava cheio de roupa e a menininha não tinha nada, não podia ter nada...era uma... Não sei, não conseguia explicar.</p> <p>Até que, ele começou a agredir a menina. Dava socos de mão fechada, dava chineladas brutais na menina, mostrava filmes de terror, mostrava filmes dos talibãs a matar as pessoas e dizia que todo o mundo ia morrer. Os castigos dele, numa menina de 1 ano era deixa-la trancada dentro de um quarto fechado com filme de terror, com o som super alto. Eu entrava e comecei a intervir, cada vez começou a doer mais em mim, comecei a perceber que tinha de proteger a menina e aí começamos andar em guerra.</p>	<p>Incapacidade de Percepção que sofria violência doméstica</p> <p>Tentativa de separação/ Detioração da relação</p> <p>Negligência por parte do marido</p> <p>Sofrimento</p> <p>Competição (Pai face à Filha)</p> <p>Agressões físicas à filha/ Maus tratamentos psicológicos</p> <p>Percepção que tinha de proteger a filha – início da intervenção</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>que tinha de proteger a filha.</p> <p>Deterioração da relação, início das agressões mais físicas.</p> <p>Antes deixava a filha com o marido, começou a tomar outra decisão.</p> <p>Negligência do pai/maus tratos A filha tinha medo mas acha que ela gostava do pai. Ainda hoje grita e é assustada</p> <p>Tentou conversar com ele e com a mãe dele.</p> <p>O pai do marido também era violento</p> <p>P4 conta que o marido um dia foi buscar a filha à ama sem a sua autorização.</p> <p>Chegou a casa e a filha estava a ser brutalmente agredida pelo marido.</p> <p>Violência/ maus tratos físicos à filha – lesões físicas</p> <p>Foi agredida quando tentou proteger a filha.</p> <p>Negligência Tentou se proteger numa ocasião, agredindo-o também.</p> <p>Não percebe o porquê do seu comportamento perante a filha e isso deixa-a muito ferida e triste.</p> <p>A filha era agredida por tudo e por nada.</p>	<p>Ele empurrava-me, mandava-me para cima dela...Tinha que brigar. Houve um dia que eu cheguei a casa e...antes eu deixava-a com ele, mas depois comecei a não deixar, porque um belo dia ele deixou-a só com uma fralda, desde manhã até à noite, eu cheguei fui mudar a fralda e saiu a pelezinha dela toda atrás na fralda...e falei que não havia mais condições, não podia a deixar mesmo sabendo que ele era o pai. A menina sempre com medo, muito assustada, ela gostava dele mas estava sempre muito assustada e chorava muito, gritava muito, até há poucos dias a minha mãe vive com ela e disse «<i>Esta menina grita muito, muito</i>».</p> <p>Passou, disse que ia portar bem, falei muito com a mãe dele, ela disse que se ele saísse era ao pai...porque o pai dele também sofria muito de violência ...tanto que morreu assassinado. E o que é que acontece...eu acho que ninguém sai a ninguém... Eu não sei como é isso dos genes e genética...</p> <p>Fui trabalhar, que é ao pé de casa, e ele foi buscar a menina à ama, sem a minha autorização. Ela liga-me «<i>Olha, ele veio a buscar</i>», de seguida a vizinha liga-me a dizer que a menina estava a chorar há 4 horas...eu chego em casa, ele estava batendo na menina, agarrando o braço dela, estava a bater o corpo dela na madeira...eu entro com a chave, e vejo ele a bater nela e vejo no corpo que ela já está desacordada...eu não falo nada com ele, não falo nada com ela só entro na frente e agarro nela, só com uma fraldinha, acho que era verão, estava calor...pego nela e levo-a para o hospital. Ela estava com o braço deslocado, o maxilar deslocado...e lá chamaram a polícia e assistente social... e falaram que eu estava a dar maus tratos na menina. Ah e aí quando entrei ele me agrediu...eu nunca agredi ele...o que eu agredi foi mandar um copo uma vez, ela estava ser ar, precisava da bomba e ele, não queria que eu pegasse na bomba mas eu precisava de pegar a bomba para ela respirar, e tive de me soltar...</p> <p>Nesse dia, eles chamaram-me lá no hospital e eu não respondi nada, fiquei calada, não conseguia falar nada. Estava muito ferida, muito triste e sinceramente ainda estou até hoje. Por não saber o porquê de ele fazer isto tudo...Não sei porquê, até hoje não sei. Era menininha não fazia nada, bastava ela deixar cair um bocadinho de agua em cima da mesa ela dava um soco no rosto dela, e isso me magoava imenso.</p>	<p>Negligência/ Maus tratos pelo marido à filha</p> <p>Falta de confiança para deixar a filha com o marido</p> <p>Trauma da filha</p> <p>Tentativa de resolver as coisas</p> <p>Iniciativa do marido não autorizada</p> <p>Violência física à filha</p> <p>Consequências físicas – lesões</p> <p>Agressões na tentativa de proteger a filha</p> <p>Incapacidade de falar</p> <p>Ausência de compreensão: sentimentos de tristeza e mágoa</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Tentou sair de casa.</p> <p>Chamou a polícia a casa, mas dissera-me que se fizesse queixa iriam retirar-lhe a filha.</p> <p>O marido de P4 depois das agressões fazia com que nada se tinha passado.</p> <p>Deterioração da relação, deixou de falar com ele. Começou a procurar casa.</p> <p>Refere que não teve apoio de nenhum amigo/conhecido.</p> <p>Refere que também vai mudar e não ser assim com as pessoas quando precisam.</p> <p>Fez lista de pessoas que iria pedir ajuda, não conseguiu nada.</p> <p>Fez pedidos de ajuda às autoridades.</p> <p>Inclusive numa das vezes que tentou fazer queixa na GNR, o chefe cabo ainda foi indelicado com P4.</p> <p>Ficou ofendida com a situação e pediu a pessoa que a agredia para a ir buscar.</p> <p>Ficou sem saída.</p>	<p>Eu tentei sair de casa. Eu fui burra...eu pensei que tinha de levar a bomba dela, e foram várias coisas...ah primeiro nesse dia eu chamei a policia a minha casa. Depois de chegar do hospital chamei a polícia, e aí quando chegaram eu só chorava...que se fizesse queixa a assistente social retiravam a minha filha. E aí eu disse que não, que assim não ia fazer queixa. Ainda mais, quando cheguei do hospital ele tinha tomado banho, estava todo arrumadinho, como se fosse uma pessoa normal...enfim... aí a polícia perguntou se ele queria sair, e ele disse que não me ia deixar sozinha. Daí adiante, eu já não falava com ele, fiquei no quarto e ele ficou na outra parte da casa.</p> <p>Fui procurar casa...perguntei às pessoas. Mas infelizmente as pessoas são mesmo assim, são muito amigas quando está tudo bem, pedi para morar pagava renda, mas como morava perto do mar e era verão, era muito difícil arrendar casa naquela altura. Não podia morar muito longe por causa do meu trabalho, não tinha casa disponíveis e pedi para morar no sótão da casa de uma ama...é tudo muito lindo quando está tudo bem na vida das pessoas, quando está mal ninguém quer se envolver. Deu torto, todo o mundo soube, mas...eu antes também era assim, mas não vou se mais. As pessoas são amigas quando as coisas dão errado, não é quando as coisas estão tudo bem.</p> <p>Fiz uma lista de 50 pessoas e todas as pessoas, incluído assistentes sociais, GNR, PSP,...a GNR já conhecia de tanto ir lá... e a primeira vez que eu fui à GNR falar com um Sr. Cabo _____ faço questão de falar o nome dele...fiz questão de falar em tribunal e ele esteve lá e foi processado, e achei bem...Eu falei com ele que tinha problemas na minha casa, e que precisava de ajuda, eu não sabia que existia alguma associação, eu vivo aqui há muito tempo, mas não sabia o que podia fazer e ele disse «<i>Sim eu posso-te ajudar...Eu sempre quis ter uma brasileira. Vamos tu e a tua filha para minha casa viver comigo</i>». Eu perguntei o que ele estava falando, e ele disse que sim para ir com ele. Eu saí, liguei para o meu marido, para que ele me fosse buscar na GNR...eu fiquei tão mais ofendida, que eu liguei para quem...me agredia, que agredia a minha filha para me vir buscar. Porque um homem, que era um senhor, que era um avô...diz que viva sozinho e que me ajudava. Ele podia-me ajudar a mostrar alguma coisa da lei ou alguma coisa...ok, agora é que eu fiquei mesmo sem saída...eu não queria ir para casa de nenhum homem, eu não queria nenhum homem naquela altura... e aí ia muitas vezes à GNR,</p>	<p>Tentativa de queixa</p> <p>Medo de perder a filha</p> <p>Deterioração da relação</p> <p>Falta de apoio para sair de casa/ Ausência de apoio</p> <p>Procura de apoio não sucedido</p> <p>Queixas efetuadas não valorizadas</p> <p>Ofensa por parte das autoridades/ Humilhação</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Acha que a GNR fez um péssimo trabalho e que foram processados posteriormente.</p> <p>Não foi ajudada por ninguém e a sua filha podia ter morrido nas mãos do pai.</p> <p>P4 refere que o seu marido dizia que a filha tinha desgraçado a relação e, começou ameaçar que ia matar a filha.</p> <p>Começou a pensar em fugir.</p> <p>O marido deixou de trabalhar e deixou de fazer as coisas que gostava. Dizia que precisava de morrer.</p> <p>P4 só pensava em fugir.</p> <p>Tentou fugir, mas foi apanhada pelo marido.</p> <p>Ameaçou que a filha só saia de casa morta.</p> <p>Foi agredida e quase asfiziada pelo marido. Não conseguiu defender-se tinha a filha com ela.</p> <p>Começou a ter receio que o marido fizesse algo à filha e começou a</p>	<p>dizia que queria fazer queixa, mas não queria falar com aquele senhor...mas aquilo era um lugar pequeno...a GNR fizeram um péssimo trabalho mas felizmente, foram processados e ficaram super chateados comigo e com a minha família, por terem sido processados pelo ministério publico, mas eu não tenho culpa, porque eles não me ajudaram e o ministério publico entendeu que a minha filha podia ter morrido e eu tinha provas disso e eles não fizeram nada, enfim.</p> <p>O meu marido entendeu que eu estava chateada com ele por causa da menina. Que antes de ela nascer, começou com essas conversas... nós eramos tudo bem, que ela é que nos tinha desgraçado a nossa vida e que ia matar ela. Começou estas conversas do nada. Eu só pensava em fugir, só pensava em fugir. Não disse nada, mas comecei a tirar passaportes, a esconder documentos, parecia um filme...</p> <p>Ele abandonou o trabalho, abandonou tudo o que fazia, o desporto...tudo tudo...deixou a barba crescer, deixou de tomar banho...dormia na varanda, no chão. Eu dizia que ele precisava de tratamento e de psiquiatra, ele dizia que precisava era de morrer, que a vida dele não fazia mais sentido. E eu só pensava em fugir.</p> <p>Depois eu tentei, só que eu burra, pensei que tinha de levar a bomba da menina. Podia ter pensado em comprar outra, mas não, fui pegar a bomba...e coloquei no saco do lixo. Há noite, falei há minha filha para irmos colocar o lixo na rua...e aí ele disse «<i>Onde vocês as duas pensam que vão?</i>» e eu disse que ia lá em baixo ao lixo. Só tinha a bomba da menina e lixo, realmente. E ele aí vai e agarrou o saco e rasgou o lixo. Devia ter pensado que era roupa, mas era lixo. Só que a bomba da menina cai, e era a coisa mais importante que tínhamos em casa...aí ele disse que a menina só saia dali de casa morta...</p> <p>Aí ele pega o fio do computador, enrola no meu pescoço e vai apertando e eu com a menina pela mão. O que é que eu ia fazer? Lutar com a menina na mão contra ele? Não...nunca lutei, nunca levantei a mão, nunca fiz nada, a não ser no dia do crime...e no dia do copo. Tentei sentar, a minha menina preocupada comigo...ele começou a dizer novamente que ela só saia dali morta. Tentava evitar que ele estivesse próximo dela...procurava uma casa...falei com ele</p>	<p>Descontentament o com as autoridades</p> <p>Ausência de apoio/Ausência de previsão das consequências por parte das autoridades</p> <p>Ameaças do marido</p> <p>Premeditação de fuga</p> <p>Jogo psicológico do marido: tentativa de chamar a atenção</p> <p>Tentativa de fuga não sucedida</p> <p>Ameaças do marido (matar a filha)</p> <p>Agressão violenta</p> <p>Evitamento do contato e aproximação do marido à filha</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>evitar o contato e aproximação. Pedia o divórcio e que ele saísse de casa, mas nada se concretizava.</p>	<p>que precisava do divórcio e que queria o divórcio, para ele sair de casa. Fiz uma burrice também, pensava que a casa era minha, que tudo o que estava lá era meu, ele é que tinha de sair...e ele não saía.</p>	<p>Pedido de Divórcio ao marido não concretizado</p>
<p>Ameaças de morte da filha continuavam. O marido de P4 sequestrou a filha.</p>	<p>Um dia falou que a menina ia morrer, que ia matar a menina...e houve um dia que ele levou-a e sequestrou a minha filha. Foi à ama, pegou um papel como eu autorizava que ele fosse lá busca-la, a ama ligou-me e disse que ele tinha ido lá. Larguei tudo o que eu estava fazendo, fui desesperada à procura da minha filha, gritei...fiquei desesperada. No caminho, falei com o taxista e, comecei a pensar em mata-lo e falei «<i>Senhor, onde compro um taco de basebol?</i>». E o taxista «<i>Senhora, porque está falando isso?</i>» e eu disse «<i>Por amor de deus, me ajuda, onde posso comprar um pau...eu preciso de um pau</i>». Ligava, ligava e ele não atendia...e ele com a minha filhinha. Não sabia onde é que ele estava com a minha filha. Só recebia mensagens dele a pedir dinheiro em troca da minha menina. Falei «<i>Meu deus do céu...meu deus, o que vou fazer?</i>» Marcamos, e disse que eu tinha o dinheiro, mas não tinha nada! Marcámos à frente de um talho, quando a minha filha me viu vinha a correr para mim, mas ele não deixou, colocou-a atrás dele. A minha filha só com um vestidinho de alsinha pensei «<i>Meus deus a minha menina não pode estar assim com esse vento</i>» e falei «<i>Por favor, me dá a minha filha, por favor me entrega a minha filha! Me dá a minha filha tão pequenina, tão magrinha</i>». E ele falou assim «<i>Não! Não te vou dar não. Me entrega os teus cartões, que eu vou no banco e levantar o dinheiro</i>» e eu falei «<i>Pode levar a minha carteira, tira o dinheiro que você quiser e que você precisar...</i>» e ele falou assim «<i>Mas porquê que você quer a menina? A menina é minha</i>». E eu disse «<i>Porquê que você quer isto? Porquê que quer esta vida, nós não precisamos desta vida. Você está-me deixando e pondo doida. Você me está deixando perturbada, eu preciso de espaço para trabalhar e para cuidar da minha filha!</i>» Nós estávamos na rua, em casa eu não conseguia conversar com ele...pedi para me dar paz para eu cuidar da minha filha.</p>	<p>Ameaças contínuas/ Sequestro</p>
<p>Ficou desesperada.</p>	<p></p>	<p>Desespero</p>
<p>Começou a pensar em mata-lo naquele dia.</p>	<p></p>	<p>Início da Premeditação: pensar em mata-lo</p>
<p>Não conseguia falar com ele, mas recebia sms a pedir um resgate.</p>	<p></p>	<p>Sequestro: pedido de resgate</p>
<p>Deu a carteira para ter de volta a filha.</p>	<p></p>	<p>Preocupação com a filha</p>
<p>Questionou o porquê de o marido estar a ter este comportamento.</p>	<p></p>	<p>Questiona o porquê do marido ter este comportamento</p>
<p>Sentia que estava a ficar doida e perturbada.</p>	<p></p>	<p>Perturbada</p>
<p>Ele levou a carteira e desapareceu durante uns dias.</p>	<p>Ele levou a minha carteira, não sei até hoje se ele tirou, ou não tirou, sumiu...ficou um tempo longe, não sei se foi 6 ou 7 dias...não sei. Depois aconteceu de novo. Um belo dia, eu tinha compromisso de trabalho muito sério, voltou a pegar na minha filha de novo. E</p>	

<p>Sequestrou a filha mais que uma vez. Acha que o marido tinha grande capacidade de enganar – manipulação.</p> <p>P4 tentou levar o marido à terapia, conversou com o patrão e os familiares, pensou que poderia encontrar uma solução para os problemas. Resolveram separar.</p> <p>Há testemunhas que dizem que o marido de P4 consumia drogas.</p> <p>Conta uma das situações que o marido foi buscar a filha sem autorização de P4.</p> <p>Quando chegou a casa tinha a sua filha sozinha em casa. Foi o pior dia da vida de P4.</p> <p>Havia cheiro a gás. Não sabe o que aconteceu.</p> <p>Refere que ficou sem forças quando entrou em casa e viu aquela situação de negligência.</p> <p>Pensou que a filha poderia ter morrido.</p> <p>Ficou com ódio do marido.</p> <p>Questiona-se se ele a queria mesmo matar.</p> <p>P4 conta que ele nunca mais apareceu.</p>	<p>enganou a outra ama. Ele tinha um poder de enganar, como me enganou...quase morri de coração.</p> <p>Antes disso eu levei ele, fez terapia, ia à terapia...conversei com o patrão dele, com o ex-patrão, ainda achei que ia ter solução. Falei com a mãe e com a família. Resolvemos nos separar, resolvemos nos encontrar na conservatória e fazer tudo.</p> <p>E, só que num dia...eu acho...diz a vizinha em tribunal que ele usava droga, mas eu nunca vi.</p> <p>Um dia ele foi, e pegou a menina e eu estava longe de casa, ia no táxi. A ama ligou, não, eu liguei à ama e disse que estava atrasada e ela disse para eu não me preocupar que o meu marido já tinha tratado de tudo...e eu «<i>O quê? Eu não disse que tinha ordem restrita para não deixar?</i>» e ela «<i>ah mas ela quando viu ele, foi correndo para ele...ela gosta muito dele, ela é doida por ele</i>», e eu «<i>Mas quem é a senhora para tomar essa decisão? Pensam que sabem, mas não sabem nada...</i>» e ela «<i>Tudo o que você fala aqui pareceu contraditório...você é isto e aquilo</i>».</p> <p>Voltei com o táxi, me deixou em casa. Foi o pior dia da minha vida. A minha filha estava sozinha...foi o dia 7 de Setembro de 2002. Estava sozinha, com todos os canais do gás aberto, a casa cheirava a gás. Mas com as janelas todas abertas, ela em cima do sofá. Quando eu abro a porta, todo aquele cheiro...até hoje não sei se foi ela que abriu tudo do fugão ou se foi ele...não faço a mínima ideia. Quando eu entrei as minhas pernas caíram todas...ver a minha menina, só de fralda...eu sabia que tinha sido ele, porque o normal, os castigos dele era tirar-lhe a roupa e deixar a menina só de fralda. Colocava-a no berço só de fralda e só com água às vezes...o dia inteiro. Pensei «<i>Meu deus...se eu não chegasse agora a minha menina tinha morrido...</i>» Ela sozinha...tentei ligar para ele e nada. Fiquei com um ódio desse homem...perdi as forças, desliguei o gás...meu deus...abri tudo. Isto não se faz, a filha é dele...será que ele queria a matar? Até hoje não sei. Ele prometeu tantas vezes que ia matar a menina. Nunca mais apareceu, pegou numa mochila e desapareceu. Eu agarrei a minha filha, não me levantei a noite inteira...não tinha forças...Só escutava a minha filha «<i>Mãe posso? Mãe posso?</i>», eu não me levantei para</p>	<p>Percepção que o marido era manipulador</p> <p>Tentativa de realizar outras opções/Procura de soluções – Separação</p> <p>Desconfiança de consumo de drogas por parte do marido</p> <p>Sequestro</p> <p>Negligência</p> <p>Sentimentos de impotência: sem forças</p> <p>Previsão de consequências para a filha</p> <p>Ódio</p> <p>Questiona-se se o marido queria matar a filha</p> <p>Desaparecimento</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Sentiu-se dececionada com ele e com a vida e imponente por não conseguir proteger a filha.</p> <p>No dia seguinte encontrou a filha sozinha no quarto a comer sozinha, toda suja, sentiu-se feliz por ver a alegria da filha, mas era o dia mais triste para P4.</p> <p>Ela própria trocou a fralda.</p> <p>Ficou fechada com a filha em casa o fim-de-semana todo.</p> <p>Conta que as irmãs começaram a ficar preocupadas.</p> <p>Começou a pensar que o marido não prestava e que ele não merecia viver.</p> <p>Já tinha falado com uma irmã sobre o marido, não contou a outra irmã pois esta era contra o casamento de P4. Tinha vergonha de falar com essa irmã.</p> <p>A irmã que P4 ligou foi a casa dela ajudar. Tinha a casa com vários danos/destruição.</p> <p>A irmã de P4 deu banho à filha e a P4.</p> <p>Foi apoiada pelas irmãs, mas sentia que não tinha forças.</p>	<p>mais nada, fiquei sem chão! Toda dececionada com ele, dececionada com a vida, tão impotente por não conseguir cuidar da minha filha contra ele...o telefone tocava tocava, era compromisso de trabalho, era a mãe dele que queria saber, que estava muito preocupada com ele, mas eu não tinha força, já não tinha alma...quando foi no outro dia de manhã, eu tinha de ter força porque tinha uma filha. Fui gatinhando, para o quarto, a minha filha estava na cama...acho que foi o dia mais feliz da vida dela e o meu mais triste...estava na cama toda jogada... tinha uvas, ovo...ela fez tudo o que ela quis, mexeu na geladeira...tudo o que ela quis. Tudo o que ela me perguntava eu dizia «<i>pode</i>»! Toda cheia de farinha...Eu deitei ao pé dela...era só uvas mas pareciam baratas. Tadinha! Ela própria trocou a fralda...hoje começo a rir, como é que uma menininha trocou a própria fralda...tadinha! Ela própria se virou e eu não tinha forças, fiquei ali fechada...era sexta ou sábado. Fiquei Sexta, sábado, domingo...não sai, só lhe dava a papa. Depois as minhas irmãs começaram a ficar preocupadas, porque não dava notícias, quando foi segunda-feira, eu não tinha forças, não tinha nada. Só pensava que este homem não presta, este homem não merece viver...eu queria muito que ele morresse, que acontecesse um acidente com ele, qualquer coisa! Uma tragédia, eu só pensava coisas horríveis sobre ele. E a minha irmã...comecei a ficar preocupada que ela pensasse que acontecera alguma coisa, porque eu falei com uma irmã minha só, porque a outra não queria que me casasse com ele...porque eu tinha casa própria e carro e ele não tinha, ela então pensava que ele só estava interessado nas minhas coisas. Ela não queria que eu me casasse com ele! Então eu tinha vergonha de falar com ela, porque ela ia dizer «<i>Eu te falei!</i>» E aí eu liguei para a minha outra irmã, ela falou que tinha de me ir socorrer, a patroa não queria deixá-la ir, então ela até disse que se demitia, porque tinha de me ir socorrer...quando ela chegou...ela viu...a casa estava toda quebrada, porque ele dava socos nas portas, isso tudo foi usado como prova em tribunal...que partia a casa toda e ela quando chegou deu banho na _____, deu banho em mim, ligou para a outra irmã, pediu há minha irmã para levar a _____ porque precisava de limpar a casa. Ela dizia «<i>Não fique assim meu amor, nós vamos limpar a sua casa, tem de ter força!</i>» Mas eu não tinha força para nada...na minha garganta não passava nada, nem água. Ela lavou-me o cabelo, ligou para a minha mãe que estava no outro país, ela disse que tinha de seguir</p>	<p>Dececionada/ Impotência</p> <p>Sem forças</p> <p>Procura de força pessoal</p> <p>Impotência/ incapacidade emocional para cuidar da filha</p> <p>Pensamentos negativos face ao marido: não merecia viver</p> <p>Vergonha</p> <p>Preocupação/ Apoio familiar</p> <p>Apoio familiar</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Acha que gostava do marido demasiado para seguir a sua vida.</p> <p>Questiona-se sobre a sms que recebeu do marido sobre a filha. Vai dizer à filha que o pai gostava dela.</p> <p>Pediu para o marido passar uma autorização como P4 podia viajar com a filha.</p> <p>Marcaram ir à conservatória.</p> <p>Pensava que mais ninguém a poderia ajudar.</p> <p>Pensou em levar uma pessoa para fazer segurança.</p> <p>Pensou em comprar um objeto – taco de basebol, para se defender das agressões.</p> <p>Foi procurar um segurança.</p> <p>Foi-lhe apresentado um homem que lhe perguntou se P4 não queria comprar uma arma.</p> <p>Compro uma caçadeira de canos serrados.</p>	<p>bola para a frente, mas eu não conseguia! Eu acho que gostava dele demais ou esperava dele demais...eu esperava tudo...mas ele fazer isto tudo com a própria filha?</p> <p>Depois ele começou a mandar mensagens «<i>Diz para a _____ que eu gosto muito dela. Que eu sempre gostei dela</i>». Até hoje isso é um enigma na minha cabeça, como e porquê aquela mensagem? Eu vou dizer isso para ela, que ele gostava dela, mas não percebo como gostava se era capaz de fazer isto?</p> <p>Depois, isso foi no fim-de-semana, eu ainda fui trabalhar uns dias, muda e calada, muito...parecia que eu pisava as nuvens. Aí ele me ligou. Falou...não eu primeiro deixei mensagem, que precisava do documento da menina, e autorização, porque não podia sair do país sem autorização do pai! E marcámos na conservatória. Mas na minha cabeça...esse homem...ou vai voltar para casa...na minha cabeça mais ninguém me poderia ajudar. Eu pensei, vou pedir ao segurança para ir comigo. Vou com um segurança. Pedi a uma amiga, mas ela falou que não ia ficar lá o tempo todo, que eram coisas de casal e não queria saber. Mas até foi, tadinha. E ela em tribunal até tava comigo como cúmplice, mas ela não fez nada e não tinha nada a ver com isso.</p> <p>Disse-lhe «<i>Você quer saber uma coisa? Vou comprar um pau. Um taco de basebol. Se ele vier para cima de mim, desta vez dou porrada nele. Desta vez vou conseguir!</i>» Naquele dia, marcámos, saímos da minha casa, disse no trabalho que não ia, porque ia tratar de assuntos pessoais. Saí de casa e encontrei um senhor e perguntei que precisava de uma pessoa que me acompanhasse à conservatória, que precisava de um segurança. Ele disse que não podia, mas que conhecia alguém que me prestasse segurança. Me apresentou um cigano. Eu sinceramente não sabia diferenciar a cara de um cigano ou de um português...só hoje eu sei porque estou numa cadeia, porque de onde eu venho há uma mistura de gente, que não dá para perceber. E apresentou-me essa pessoa e ele disse «<i>Não não, eu apresento-lhe outra coisa que te dá segurança. Você quer comprar uma arma?</i>» e eu disse «<i>Sim, compro sim senhor</i>». Ele queria-me vender uma que era muito cara, mas eu falei que não podia pagar algo tão caro. Perguntou-me quanto é que eu tinha, e eu falei que tinha x e ele mostrou-me que vendia aquela. Me deu uma arma, que era uma caçadeira de canos</p>	<p>Incapacidade de seguir a sua vida/ Descontentamento</p> <p>Questiona-se sobre os sentimentos do marido perante a filha</p> <p>Ausência de apoio</p> <p>Necessidade de apoio/segurança</p> <p>Necessidade de Segurança num objeto/Defesa das agressões</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Foi à GNR antes de ir para a conservatória e levava a arma com ela dentro de um saco.</p> <p>Teve na conservatória com a arma.</p> <p>Pedi ajuda para tratar dos papéis do divórcio e de autorização.</p> <p>Marido de P4 não queria dar o divórcio.</p> <p>As 3 horas na conservatória não deram resolução aos problemas.</p> <p>Quería resolver a situação da filha (autorização).</p> <p>Não consegui resolver também a situação do divórcio com o marido.</p> <p>O crime aconteceu numa praça pública.</p> <p>Refere que estava desesperada e louca.</p> <p>Marido de P4 ameaça de novo que a filha ia morrer.</p> <p>Conta que o marido achava que a situação da conservatória era uma vitória para P4.</p>	<p>serrados...que eu nem sabia o nome, já com a munição dentro. E no fundo do saco, que ele me deu, ele deu-me tudo, tinha munição.</p> <p>Nesse mesmo dia eu fui à GNR com a arma comigo, falar que ia ter com o meu marido na conservatória e é tudo na mesma região! Fui com a arma no braço, dentro do saco, à GNR...é impressionante tudo no mesmo dia, fui à conservatória e fiquei 3 horas na conservatória com a caçadeira no braço e ele estava dentro da conservatória. Entrei na conservatória, pedi à senhora ajuda, que estava com problemas em casa de violência doméstica e que precisava da documentação toda pronta naquele dia e ela disse que me ia ajudar. Ele disse que não me ia dar o divórcio, a notícia no _____ até foi, “Mulher mata homem por ele não dar divórcio”, e não sei o quê...as horas passaram, a conservatória fechou e nada dos documentos da _____ ficaram resolvidos. Pensei «<i>Ai meu deus</i>» Só queria a autorização, para que eu pudesse resolver a vida da minha filha. Ficar casada era o menos, mas da menina eu queria resolver as coisas...se eu fosse para Espanha ele dizia que eu tinha fugido com a menina...eu queria fazer as coisas certas e dava tudo errado...enfim.</p> <p>Saí da conservatória, a senhora disse para eu arranjar uma procuração em nome dele, que tratasse de tudo depois comigo, mas para isso tinha de ser uma pessoa que ele quisesse...Tinha disposta arrumar uma pessoa, nem que fosse um advogado...queria tratar de tudo naquele dia. Aí fechou a conservatória...uma praça que passa num segundo 200 pessoas...estávamos numa praça que tinha o tribunal onde eu fui julgada, e ao lado é a PSP...e aqui era a conservatória...veja como eu estava desesperada...mesmo louca. Ele virase para mim e disse «<i>Você acha que é muito esperta?</i>» e eu não respondi. Ele «<i>Você pode ter a certeza, que tudo o que você está planejando, de hoje não vai passar. Hoje você está rindo...mas depois você vai estar chorando no funeral da _____</i>» eu não me lembro de estar rindo...eu olhei assim para ele... «<i>O que você está falando?</i>» Eu não estava rindo, ele achava que isto era uma vitória para mim, mas eu não tinha tido nada! Bem que eu queria ter o papel que dissesse que podia ir viajar com ela à hora que eu quisesse. Mas eu não tinha conseguido nada. Não tinha nada....a senhora é que tinha dado a sugestão da procuração...que ele seguia a sua vida e eu ia para a minha...enfim.</p>	<p>Necessidade de segurança num objeto: Caçadeira</p> <p>Dualidade: Sem planificação do crime/Arma para defesa</p> <p>Pedido de Divórcio não conseguido</p> <p>Resoluções não efetuadas</p> <p>Desespero/ Loucura</p> <p>Ameaça do marido: matar a filha</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Marido de P4 ameaça de novo a filha, nesse momento P4 retira a arma da mala e dá um tiro.</p> <p>Chamou a polícia e o INEM.</p> <p>Diz que não viu o marido morrer, pensava que ele estava vivo.</p> <p>Não se sentia bem. Não sabia que o marido tinha morrido.</p> <p>Não sabe se queria que ele morresse.</p> <p>Perguntou ao INEM se já o tinham ajudado e disseram que ele estava morto e P4 desmaiou.</p> <p>Uma chefe referiu a P4 que poderia ter sido a P4 a morrer devido à violência doméstica. P4 refere que já era conhecida pelas queixas que tinha feito.</p> <p>Estava muito ansiosa, transpirava muito. P4 refere que devido à transpiração apagou as provas de pólvora das mãos.</p> <p>Não conseguiu negar que tinha sido ela autora do crime.</p> <p>Não sabe o que aconteceu. Sente que as suas memórias antes do</p>	<p>Ele novamente «<i>Hoje você está rindo...mas depois você vai estar chorando no funeral da _____</i>», quando ele disse isso pela segunda vez, quando ele terminou de dizer isso eu tirei a arma daqui...eu tinha um braço com a mala, tinha um saco e atirei...assim que atirei senti assim pumm. Não vi mais nada, ouvi ele falando, mas na hora que o ouvi falando ouvi «<i>Ai meu deus</i>». Saí, chamei a polícia até e chamei o INEM. Falei com a senhora e pedia ajuda porque tinha atirado ao meu marido e ela perguntou «<i>Mandou o seu marido pela janela?</i>» e eu pedi ajuda, não me estava a sentir bem. Não vi ele caindo, não vi ele morto...nada...Desci chamei a PSP, a PSP veio, ainda teve uma rapariga jovem que veio falar comigo, nem sei se ela foi testemunhar. E falei com a PSP que não estava-me a sentir bem. Eles não fizeram nada e não sabia que ele tinha morrido, eu não fazia ideia que ele tinha morrido. E aí...eu nem sabia o que eu queria naquela hora. Até hoje eu não sei, não sei se queria que ele morresse...eu não sei. Falei com as psicólogas no hospital...eu não sei o que queria. Mas eu sei, que na hora que chamei o INEM eu não sabia que ele estava morto, perguntei se já o tinham ajudado e disseram-me que iam levar o corpo e aí eu lembro que desmaiei. Quando desmaiei, foi uma chefe da PSP que bateu no meu rosto para eu acordar, depois ela disse «<i>Acorda acorda...estás a ver aquele cartaz ali?</i>» e aí eu olhei e perguntei-me onde estava, não sabia...e ela «<i>Tantas mulheres morrem em Portugal por violência</i>», porque eles já me tinham visto lá por causa das queixas minhas e fui e falei «<i>O que está a dizer senhora?</i>» ela era a chefe daquela região «<i>Dá-me um número de um familiar, qual é o número de um dos familiares? Para de chorar, se não fosse alguém da família dele que chorasse era a sua!</i>» e eu disse «<i>Não...o que é que a senhora está falando? Eu não estou entendendo nada</i>». Todo o mundo vinha e olhava...eu não estava percebendo nada o que estava acontecendo. Eu estava com muita ansiedade, eu transpiro muito quando estou ansiosa, tanto que, transpirei tanto, tanto que apaguei todas as provas, não tenho nenhuma prova física que tinha matado o homem. Eles fizeram os testes, mas eu transpirei tanto que apaguei a pólvora toda, não havia pólvora no meu corpo, não havia prova digital...a minha mãe ainda diz hoje que eu sou burra, que devia ter negado, mas eu não ia negar nada. A prova sou eu, o corpo e daquilo que eu falei...a perícia nada...mas no fim disto tudo, isto não tem fim porque eu no meio disto tudo não sei o que aconteceu! Porque um dia antes de eu comprar a arma eu estava deitada com a</p>	<p>Ameaça do marido/ crime consumado</p> <p>Sem previsão das consequência do ato consumado</p> <p>Ausência de ajuda</p> <p>Ansiedade</p> <p>Consciencialização do crime</p> <p>Incapacidade de percepção dos acontecimentos</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>crime estavam muito presentes quando foi detida (tudo muito rápido).</p> <p>Acha que poderia ter feito as coisas de outra maneira. Não sabe se foi mágoa ou receio, ou se deixou acumular. Não sabe se tinha medo dele.</p> <p>O marido de P4 não a ajudava quando precisava.</p> <p>Teve várias marcas no corpo das agressões.</p> <p>Sentia humilhação contar e mostrar as marcas ao médico.</p> <p>P4 refere que era agredida por defender a filha.</p> <p>Violência à filha/ Ameaças. Tentativa de homicídio.</p> <p>Maus tratos que recebia que P4 não conseguia perceber.</p> <p>Abusos físicos que recebia, se fossem recebidos pela filha poderia mata-la.</p> <p>Trauma da filha de P4 devido às agressões físicas e psicológicas.</p>	<p>minha filha, chorando, e a minha filha...e eu antes de vir para a cadeia ainda tinha as minhas unhas pintadas da minha filha, as minhas costas...e a minha irmã passou a mão pelo meu cabelo, lembro-me como se fosse hoje e...eu podia ter ficado pensado noutras coisas, eu podia ter feito as coisas de outras maneiras. Eu não sei se é uma mágoa, se foi receio, ou se deixei acumular aquelas coisas...eu não sei se tinha tanto medo dele, eu não sei porque foram várias coisas.</p> <p>Foram várias coisas, ele foi um bocado cruel. Desde do começo, eu...eu fiquei muito obesa por causa da gravidez e eu não conseguia...não gosto de dizer estas coisas mas vou ter de falar: eu não me conseguia lavar e pedia para ele me ajudar e ela não me ajudava no banho. Eu tinha enjoos e ele nem limpava o meu vômito. Eu ficava com vomito duas a três semanas ao pé de mim e eu tinha de contratar alguém para limpar. E assim, eu acho que estas coisinhas todas e depois quando eu entrei aqui ainda tinha marcas no corpo, tive de ir várias vezes ao tribunal e o médico perguntava-me com quem ele me tinha batido...e eu tinha que relatar com o quem e aquilo me humilhava...eu tinha que mostrar para ele. Tive de mostrar o dente que tive de arrancar porque ele bateu e o dente quebrou, e não era por mim, era para a minha filha...mas eu ia ficar de braços cruzados a ver ele a bater na menina? Um dia, ele meteu a menina no meio das pernas e apertava...a menina já estava roxa...eu não conseguia ver aquilo eu não conseguia. E depois quando dizia que ia matar a menina, ele tentou meter fogo dentro do quarto...numa panela com papéis...eu tive de agarrá-lo, tive de tomar coisas...eram coisas que não tinham lógica. Ele me trancou dentro do quarto com a menina várias vezes, são coisas que eu não conseguia perceber. Eu nunca levantei a mão para ele, eu só tentava intervir, como se fosse...ele me batia, ele me machucava...se ele batesse daquela maneira na menina ela ia morrer. Quando ele falava que ia matar a menina, talvez nem o fizesse, mas no fundo ele ia acabar por matar, porque a maneira como ele lhe batia...ia acabar por acontecer. Ela quando veio para cá, ela às vezes chorava de dor...quando as enfermeiras iam ver se estava machucada ela não tinha nada...ela não chorava de dor, ela chorava porque lembrava da dor...porque ele pegava no braço dela e batia com o resto do corpo em cima da madeira, ela deslocou o ombro...meu deus. A menina tão</p>	<p>Confusão temporal após o ato cometido</p> <p>Percepção de outras opções</p> <p>Justificação do crime: Receio/Mágoa/Acumulação/</p> <p>Ausência de apoio/ajuda do marido</p> <p>Marcas físicas das agressões</p> <p>Humilhação: contar e mostrar as marcas</p> <p>Consciente que era agredida por defender a filha</p> <p>Ameaças e tentativa de matar a filha</p> <p>Agressões/ Violência física com consequência mais grave</p> <p>Trauma da filha</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Acompanhada pela psiquiatra.</p> <p>Agressões físicas muito agressivas.</p> <p>Só chorava, ficava sem reação.</p> <p>Não consegue explicar a sua reação no dia do crime.</p> <p>Tinha e tem dó do marido. Trocava com o marido. P4 preferia estar morta em vez de presa. Sempre que vê a filha lembra-se do marido e da família. Questiona-se que justiça é que foi feita.</p> <p>P4 acha que lhe tirou uma outra oportunidade.</p> <p>P4 menciona que a arma era perigosa e que ela própria poderia ter posto a sua segurança em causa.</p> <p>Refere que não se lembra de ter disparado a arma.</p> <p>Acredita que a perícia foi bem efetuada.</p> <p>O advogado disse a P4 que ela podia dizer que a arma era do marido e assim ela era condenada com o mínimo de 8 anos. Não conseguiu mentir.</p>	<p>bebé...Até a Psiquiatra me falou «_____ <i>você não reparava que isto não era normal?</i>», só quando o meu coração...quando comecei a entrar no meio e ele começou-me a bater...bater não era como se fosse uma chapada, era soco, eram com coisas era com o candeeiro, era com coisas pesadas demais. Mas mesmo assim eu nunca reagi. Eu chorava. Eu olhava para o céu e chorava. Eu abraçava a minha filha e chorava. Eu não sei explicar o porquê daquele dia tive aquela reação. Porque eu nunca tive a reação de revidar... eu tinha dó dele...ainda hoje tenho dó dele. Eu não tenho vontade de...se hoje eu pudesse trocar de lugar com ele, eu trocaria! Não preferia estar presa do que morta, porque eu tenho dó, muita dó dele. Toda a vez que a minha filha me visita eu lembro-me dele, lembro-me da mãe dele, eu lembro que justiça eu fiz? Apesar de ter sido injustiçada também eu, tenho muita pena de ele estar morto. Porque eu sou contra as pessoas não terem oportunidade de mudar. Eu vou ter oportunidade, e ele?! Eu estou a falar isto para a Doutora do fundo do meu coração. Eu acho que todo o mundo tem o direito e eu tirei o direito dele. De ter a oportunidade, eu acho que tirei, meio que sei querer, mas tirei.</p> <p>Depois aquela arma que me deram, depois a juíza disse que era perita em armas, ela me falou que aquela arma era muito perigosa e, que era uma arma que estava com a munição e ela poderia dar um tiro para lá e um tiro para cá. E eu não sabia. Eu nunca tinha visto arma...já tinha visto, mas nunca tinha agarrado numa arma. E ela era modificada, não sei como eles modificam, não sei. E Ela me disse também que, eu não tinha a percepção que tinha disparado a arma, mas ela disse que uma arma não dispara sozinha mas que com certeza eu agarrei na arma. E eu falei, eu agarrei mas...não sei. E acredito que as autoridades tenham a capacidade de avaliar essas coisas. Eu não desconfio dela, mas no tribunal quando eu falei que sofria de violência, primeiro quando eu falei, disse que estava predisposta a falar toda a verdade, o advogado me disse para eu dizer que a arma era dele e assim ia só apanhar 8 anos, e eu disse que não ia dormir descansada com isso. Eu não gosto de falar mentira, sou uma pessoa que não gosto de mentir! E não quero falar mentira, porque depois vou ter que falar com a minha filha e debater com isso no tribunal não ia dar certo e ele falou que era melhor, que eu não sabia o</p>	<p>Agressões físicas agressivas/grave</p> <p>Fraca Explicação para o ato criminal</p> <p>Trocar de lugar: morrer em vez do marido/ Compaixão</p> <p>Auto-Reflexão: Questiona-se que justiça foi feita</p> <p>Arrependimento/ Pena de o marido estar morto</p> <p>Oportunidade de mudança</p> <p>Sem previsão das consequências</p> <p>Ausência de lembrança do disparo</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Sofrimento na prisão.</p> <p>Dorme em paz por ter dito a verdade.</p> <p>A sua pena foi atenuada devido à violência que sofria.</p> <p>Conta que teve de ir várias vezes ao tribunal devido à sua situação de violência doméstica e devido à ausência de auxílio que recebeu das autoridades.</p> <p>Conta que várias testemunhas foram chamadas a tribunal.</p> <p>Conta o que a juíza falou em tribunal.</p> <p>Foi falado em tribunal que a GNR foram negligentes pois a filha de P4 poderia ter morrido. É culpada pelos GNR, por estes terem sido processados.</p> <p>Acha que não pode voltar a viver onde vivia.</p> <p>P4 refere que mudou muito em meio prisional.</p>	<p>que era lidar numa cadeia e se fosse por aí, realmente, eu teria dito isso para estar fora de tanto sofrimento... mas pelo menos durmo em paz, a arma fui eu que comprei. Eles pediram 24 anos de prisão, mas a juíza principal quando eu falei com ela tudo o que sofria e não tinha noção que eu poderia ser ajudada de uma maneira mais...porque eu já tinha o meu processo em tribunal, já ia fazer análise só que é tão demorado, é tão lento, e ela falou «_____ se você, tudo o que você diz for verdade este tribunal não vai fechar os olhos» tanto que os julgamentos demoram 5/6 sessões, o meu julgamento foram 24 sessões, fui imensas vezes, ela chamou todas as pessoas do hospital...todas as pessoas da GNR, ela chamou todas as pessoas que queria ouvir, que todas as pessoas que mostravam que eu tive naquela lugar, quis todas as análises e todos os exames que a minha filha fez, mandou eu fazer todos os exames de perícia de corpo, tudo o que me machucava as fotografias da minha casa...tudo o que ela fez para provar que realmente tive problemas em casa. Os vizinhos ela chamou, ela chamou todo o mundo lá para ver...e aí entendeu e no dia da sentença ela falou para mim «<i>Olha é assim, uma vida custa, uma vida é uma vida. Infelizmente tudo o que você sofreu e da maneira que foi nós não podemos mudar, não tem como, você vai ter tempo agora para pensar no que você fez e nós vamos ter tempo, vamos ter que ver o que podemos fazer para que não ocorra outra vez. Nós vamos de ter de fazer alguma coisa para que não volte acontecer. Você vai ter tempo para pensar no que fez e nós vamos ter tempo para não deixar que aconteça o que lhe aconteceu, outra vez</i>». Porque por exemplo os GNR que foram lá eles ouviram que depois de eu ter saído do posto, a minha filha poderia estar morta...e elas falaram isso com eles. Eles foram processados e ficaram chateados...mas é mesmo assim a vida. As pessoas...eles me culpam por terem sido processados e se eu voltar a viver lá eles não vão querer ver-me nem pintada de ouro. Eu não posso ir viver lá, porque infelizmente o ser humano tem tendência de culpar os outros pelos seus próprios erros e eles perguntaram porquê que não fizeram nada, como é que eu cheguei lá, se foi a sangrar ou não...enfim.</p> <p>E – Muito brevemente, que mudanças é que vê em si?</p> <p>P4 – Eu, olhe...hoje sou mais...mudei demais Doutora. Eu mudei imenso. Eu hoje penso mais em mim, hoje em dia penso mais em mim primeiro. Hoje</p>	<p>Sofrimento em meio prisional</p> <p>Ausência de auxílio por parte das autoridades</p> <p>Perigo de vida (filha)</p> <p>Culpabilização por terceiros</p> <p>Mudanças em meio prisional</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Refere que antes colocava os outros em primeiro lugar, hoje pensa nela própria em primeiro.</p> <p>Acha que tem de gostar mais dela, dar valor a ela própria com as suas qualidades e defeitos.</p> <p>Diz que está a aprender a gostar dela própria e que não se importa se não tiver ninguém.</p>	<p>sou eu primeiro, sou eu segundo, sou eu terceiro... não dá para colocar ninguém primeiro do que eu. Eu colocava os outros em primeiro do que qualquer coisa, eu deixava de comer eu deixava ter frio para o outro ter... agora não posso ser assim. Primeiro sou eu, tenho de gostar de mim, dar valor quem eu sou e quem gostar de mim tem de ser do jeito que eu sou. Com as minhas qualidades e com os meus defeitos.</p> <p>Se eu não tiver ninguém, paciência... eu aprendi a gostar de mim, eu não gostava muito de mim não. Eu acho que o que tinha de aprender era a gostar de mim. Estou aprendendo ainda, acho que vou gostar de mim, mais. Preciso de gostar de mim! Ele me fez desgostar e estou a aprender a gostar...</p> <p>E – Obrigada pela sua participação! P4 – De nada, e desculpe eu chorar.</p>	<p>Força pessoal/Procura de auto-estima: aprender a gostar dela própria</p> <p>Percepção que o marido fez com que não gostasse dela própria</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Anexo F- Síntese dos Constituintes Essenciais dos quatro Participantes

1- Constituintes essenciais do participante P1

Relação com os outros	Vivência de Violência Doméstica	Experiência Homicida	Reflexão após Crime
<ul style="list-style-type: none"> · Incapacidade de estar só · Perda Significativa · Deterioração da relação amorosa · Dualidade · Vergonha 	<ul style="list-style-type: none"> · Ofensas · Humilhação · Depressão 	<ul style="list-style-type: none"> · Vingança · Intencionalidade · Abstração da Realidade vivida 	<ul style="list-style-type: none"> · Arrependimento · Responsabilização do outro · Auto-Reflexão

2- Constituintes essenciais do participante P2

Relação com os outros	Vivência de Violência Doméstica	Experiência Homicida	Reflexão após Crime
<ul style="list-style-type: none"> · Submissão · Perda Significativa · Ausência de Suporte afetivo · Abandono 	<ul style="list-style-type: none"> · Abuso Sexual · Agressões · Ofensas · Ameaças · Impotência · Depressão 	<ul style="list-style-type: none"> · Intencionalidade · Abstração da Realidade vivida · Ansiedade 	<ul style="list-style-type: none"> · Arrependimento · Incapacidade de visão de si · Auto-Reflexão

3- Constituintes essenciais do participante P3

Relação com os outros	Vivência de Violência Doméstica	Experiência Homicida	Reflexão após Crime
<ul style="list-style-type: none"> · Apoio Familiar · Relacionamento instável · Deterioração da relação amorosa 	<ul style="list-style-type: none"> · Ofensas · Ameaças · Depressão 	<ul style="list-style-type: none"> · Intencionalidade · Passagem ao ato · Abstração da Realidade vivida · Influência Externa 	<ul style="list-style-type: none"> · Arrependimento · Responsabilização de terceiros · Incapacidade de Esquecimento · Auto-Reflexão

4- Constituintes essenciais do participante P4

Relação com os outros	Vivência de Violência Doméstica	Experiência Homicida	Reflexão após Crime
<ul style="list-style-type: none"> · Deterioração da relação amorosa · Perda Significativa · Ausência de suporte afetivo · Incapacidade de estar só 	<ul style="list-style-type: none"> · Abuso Sexual · Agressões · Ameaças · Humilhação · Negligência · Impotência 	<ul style="list-style-type: none"> · Premeditação da ação · Desespero · Abstração da Realidade vivida 	<ul style="list-style-type: none"> · Arrependimento · Auto-Reflexão · Alteração do “Self”